



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PROHIS)

JOSÉ AUGUSTO GARCEZ, UMA TRAJETÓRIA NO CAMPO
INTELLECTUAL SERGIPANO (1938-1972)

Silvaney Silva Santos

SÃO CRISTÓVÃO
SERGIPE - BRASIL

2018

SILVANEY SILVA SANTOS

JOSÉ AUGUSTO GARCEZ, UMA TRAJETÓRIA NO CAMPO
INTELLECTUAL SERGIPANO (1938-1972)

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da Universidade
Federal de Sergipe, como requisito obrigatório
para obtenção de título de Mestre em História,
na Área de Concentração Cultura e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Péricles Morais de
Andrade Júnior

SÃO CRISTÓVÃO
SERGIPE - BRASIL

2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237j Santos, Silvaney Silva
José Augusto Garcez, uma trajetória no campo intelectual
sergipano (1938-1972) / Silvaney Silva Santos; orientador
Péricles Moraes de Andrade Júnior. – São Cristóvão, 2018.
103 f.: il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal
de Sergipe, 2018.

1. Garcez, José Augusto. 2. Sergipe – Vida intelectual –
1953-. 3. Capital intelectual. 4. Instituições e sociedades
culturais. 5. Aracaju (SE) - Cultura. 6. Vida intelectual. 7.
Socialização. I. Andrade Júnior, Péricles Moraes de, orient. II.
Título.

CDU: 94(813.7):929

SILVANEY SILVA SANTOS

JOSÉ AUGUSTO GARCEZ, UMA TRAJETÓRIA NO CAMPO
INTELECTUAL SERGIPANO (1938-1972)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História, na Área de Concentração, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Péricles Morais de Andrade Júnior

Aprovada em ____ de _____ de 2018.

Prof. Dr. Péricles Morais de Andrade Júnior (UFS)
(Orientador)

Professor Antônio Fernando de Araújo Sá (UFS)
(Membro – Convidado – Interno)

Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira (UEFS)
(Membro – Convidado – Externo)

Aos meus filhos Mozart e Sarah.

AGRADECIMENTOS

Nada obstante vivemos numa época em que a maioria aspira lucros fabulosos, sonha em cargos de relevos e nas promoções vertiginosas, se augura mais o ouro – que a fraternidade, e, ainda, de homens nas culminâncias dos cargos de responsabilidade com os olhos vendados à cultura, às artes, abominando as letras (...) (GARCEZ, 1953b, p. 12).

A passagem acima escrita por José Augusto Garcez, em “Tributo ao Mérito” (1953), faz-nos refletir sobre a ânsia dos indivíduos por adquirir capitais sob qualquer circunstância. Passar por cima dos outros para obter uma privilegiada posição social é algo normalizado. Outro viés acerca da citação é o desprestígio às coisas da cultura. O acesso às letras ainda é visto como artigo de luxo para uma minoria da sociedade brasileira. Contrário a essa ordem de coisas, chega o momento de agradecer àquelas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização de um sonho; pessoas que incentivaram e humildemente ajudaram nesse processo difícil, mas gratificante, formar-se mestre em História.

Por falar em mestre, agradeço ao maior de todos eles, DEUS, por me dar energias positivas para continuar e vencer as batalhas, que não foram fáceis e por isso gratificantes;

E meus pais, Pedro Ricardo e Antônia Rita? Não posso mensurar o quanto foram importantes nesse processo. São os meus maiores pilares. Exemplos de superação e dignidade. Longevidade para ambos...

Às irmãs Sandra e Bethe, as mesmas possibilitaram o meu interesse pelos estudos. As disputas cotidianas neste sentido foram motivadoras para o caminho das letras.

Ao quarteto: Mara, meu amor; Shawecem, minha sobrinha-filha; Mozart, meu filho amado e Sarah Ritta, minha filha querida; rendo-me ao amor que sinto por vocês. Combustíveis fundamentais para o prosseguimento dessa caminhada. Nas horas mais difíceis, buscava em vocês as forças para não desanimar e continuar acreditando que era possível.

Aos meus verdadeiros amigos, pela compreensão das minhas ausências nos momentos de ludicidade. Congratulo-me e compartilho com vocês a minha alegria.

Ao meu professor-orientador, Prof. Dr. Péricles Moraes de Andrade Júnior, pelas horas disponíveis, pelas dúvidas e incertezas dirimidas, pela compreensão e

solicitude constante. Muito obrigado! Você foi uma pedra angular no processo de construção dessa dissertação.

Aos professores que fizeram parte da banca examinadora, Professor Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira e o Professor Antônio Fernando de Araújo Sá, pelas pertinentes e construtivas críticas ao trabalho, as mesmas deram uma melhor visão sobre o objeto de pesquisa. Sendo assim, obrigado;

Aos bibliotecários e atendentes das instituições de pesquisa: Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, Biblioteca Pública Epifânio Dória, Arquivo Público do Estado de Sergipe, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Biblioteca Luiz Antônio Barreto (UNIT-Farolândia).

A Wesley Marques Santos, atendente do setor de Documentação Sergipana, pelo acesso à informação.

Ao senhor Donald, pelo acesso aos documentos no Arquivo Público do Estado. Desculpe-me pelos transtornos e constantes solicitações.

À Sra. Sílvia Garcez, filha de José Augusto Garcez, por me fornecer documentação relevante sobre o Intelectual. Obrigado pela hospitalidade a um estranho em sua residência. Estenda os meus agradecimentos aos seus filhos.

Ao escritor, pesquisador e folclorista Jackson da Silva Lima, pelo acesso a documentos e informações prestadas. Obrigado pelas críticas feitas ao trabalho e ao almoço oferecido. Receba os meus votos de estima e consideração e estenda-os à sua consorte e familiares.

A Gilfrancisco, pelos jornais disponibilizados e pelas conversas descontraídas por telefone sobre publicações e intelectuais sergipanos. Os afazeres não permitiram uma maior aproximação, todavia, receba o meu abraço.

Por fim, aos colegas das turmas pelas quais passei, pela troca e socialização de conhecimentos.

A todas e todos que fazem o PROHIS, pelo empenho em prol da pesquisa e do engrandecimento intelectual do Estado e do país. Obrigado!!!

Nos meios provincianos é comum o indiferentismo. A cultura é quase questão primária. Os poetas e toda casta de intelectuais criam em silêncio e quase sempre abandonam a veneração das letras diante dos obstáculos e outras espécies de tormentos. O fulgor da inteligência quase que não encontra campo para expansão, e vencem os ousados, os que não se impressionam com a ausência de incentivos. (GARCEZ, José Augusto, 1954. p. 4)

RESUMO

A dissertação em tela reconstrói a trajetória do intelectual José Augusto Garcez (1938-1972), agente cultural sergipano, responsável pela edição e publicação de diversos autores locais, através do Movimento Cultural de Sergipe, ideia criada pelo sergipano em 1953. Para tal, os conceitos de sociabilidade, intelectuais e capitais foram fundamentais. O objeto estudado foi situado no contexto cultural do período, destacou-se também os lugares de difusão de ideias em Aracaju e os principais agentes intelectuais envolvidos nas redes de sociabilidades, como as revistas, as instituições culturais, os bares, o rádio, entre outros. A dissertação reconstrói os capitais adquiridos por José Augusto Garcez na sua trajetória a partir das suas práticas no campo intelectual sergipano. O estudo empreendido nessa dissertação permite-nos perceber também um perfil da nossa intelectualidade no período em estudo. As fontes para o desenvolvimento deste trabalho foram diversas, entre elas, obras do Movimento Cultural de Sergipe, manuscritos (cartas, cartões, registros avulsos), jornais, fotografias, discos, certidões de nascimento e óbito e revistas.

Palavras-chave: José Augusto Garcez. Intelectual. Sociabilidades.

ABSTRACT

The dissertation reconstructs the trajectory of José Augusto Garcez (1938 - 1972), a Sergipe intellectual agent responsible for editing and publishing several local authors through the Sergipe Cultural Movement, an idea created by the Author in 1953. For This purpose, concepts of sociability, intellectuals and capital were fundamental. The object studied was situated in the cultural context of the period, it was also highlighted the places of diffusion of ideas in Aracaju and the main intellectual agents involved in sociability networks, such as magazines, cultural institutions, bars, radio, among others . The dissertation reconstructs the capitals acquired by José Augusto Garcez in his trajectory from his practices in the sergipean intellectual field. The study undertaken in this dissertation allows us to also perceive a profile of our intellectuality in the period under study. The sources for the development of this work were diverse, among them works of the Cultural Movement of Sergipe, manuscripts (letters, cards and all kind of registers), newspapers, photographs, disks, birth and death certificates and magazines.

Keywords: José Augusto Garcez. Intellectual. Sociabilities.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O CAMPO INTELECTUAL SERGIPANO.....	20
3	JOSÉ AUGUSTO GARCEZ: UMA TRAJETÓRIA NO CAMPO INTELECTUAL SERGIPANO.....	30
3.1	O intelectual em torno das estratégias discursivas	51
3.2	José Augusto Garcez e os “textos de ocasião”	60
4	JOSÉ AUGUSTO GARCEZ, O EDITOR	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
	REFERÊNCIAS.....	81
	ANEXO A - Manuel Cândido Pereira e Eliphia de Castro Santos Pereira.....	90
	ANEXO B - José Augusto Garcez no Rio de Janeiro.....	91
	ANEXO C - Panfleto da Campanha de Garcez para Dep. Estadual em 1954.....	92
	ANEXO D - Diploma de acadêmico de José Augusto Garcez.....	93
	ANEXO E - Foto de Santo Souza (lado esquerdo da tela) e Garcez (lado direito da tela).....	94
	ANEXO F - Palestra de Jackson da Silva Lima com a presença de Garcez.....	95
	ANEXO G - José Andrade Garcez, imagens de uma história.....	96

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo versa sobre a trajetória do intelectual sergipano José Augusto Garcez tendo como recorte temporal o período de 1938, quando da primeira publicação do aludido intelectual, “Prado Valadares”, obra biográfica recebida pela crítica baiana com entusiasmo; ao ano de 1972, quando o autor entrou definitivamente para a Academia Sergipana de Letras. Inevitavelmente, para se chegar à reconstituição desta carreira, com toda a sua dinâmica, fez-se necessário situar as relações entre os agentes do campo intelectual e as estratégias empreendidas pelo intelectual sergipano em apreço. Tal tema insere-se na linha de pesquisa “Cultura, memória e identidade” pela estreita relação mantida por Augusto Garcez com a sociedade sergipana na temporalidade indicada.

O interesse de se pesquisar acerca deste intelectual surgiu no decorrer de leituras realizadas em jornais sergipanos, tais como o *Diário de Sergipe* e *Sergipe Jornal*, ambos publicados na década de 1950, em busca de informações sobre Elenias dos Santos, ex-jogador de futebol da Associação Desportiva Confiança. Todavia, nas páginas dos citados jornais, não raro encontravam-se informações destacando o Movimento Cultural de Sergipe e a figura do intelectual, escritor e editor sergipano, José Augusto Garcez. Tal descoberta nos aguçou a curiosidade para investigar, compreender e reconstruir o itinerário de José Augusto Garcez, cruzando-o com o contexto cultural, social e político de Aracaju no período indicado.

Na trajetória de Garcez, o destaque mais relevante como contribuição cultural para o Estado foi o Movimento Cultural de Sergipe, criado no início da década de 1950. O jornal *Diário de Sergipe* noticiava a sua fundação em 1953 e expunha a sua finalidade: “divulgar obras e auxiliar intelectuais pobres [...] cooperando para maior riqueza da intelectualidade pátria” (MOVIMENTO..., 1954d, p. 1). Sobre os chamados “intelectuais pobres” perceber-se-á que a distinção não procede na sua totalidade. Muitos editados pelo Movimento Cultural de Sergipe não se inserem nessa classificação, devido às suas condições econômicas e posições ocupadas socialmente. Só para citar alguns nomes, o próprio José Augusto Garcez, oriundo de famílias abastadas do Estado de Sergipe, era o editor e fundador do sodalício; o também editado Luiz da Câmara Cascudo, autor de renome no Brasil e no exterior; o escritor José Bonifácio Fortes Neto, Juiz de Direito de São Cristóvão (SE), professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de Sergipe, professor de Geografia Humana da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, entre outros.

Diante do exposto, reconstruir a trajetória de José Augusto Garcez a partir de uma plêiade de intelectuais da envergadura do poeta Santos Souza e do autor das *Efemérides Sergipanas*, Epifânio Dória, sem, contudo, deixar de perceber os diversos pontos de contato presentes no contexto da época, é contribuir com parte da história intelectual do Estado, visto que a maioria dos estudos até aqui empreendidos nesse campo se concentram mais nos trinta primeiros anos da República brasileira (SOUZA, 2002, p.189-203).

A importância de José Augusto Garcez inserido no Movimento Cultural de Sergipe no tocante à valorização da cultura sergipana tem legitimidade em Moraes (1985, p. 60), que afirma ter sido ele o “pioneiro da recuperação cultural de Sergipe”. Todavia, desconsiderando a aclamação de pioneiro da recuperação cultural de Sergipe, pois a “Casa de Sergipe¹”, através de um grupo de intelectuais, inclusive alguns editados pelo Movimento Cultural de José Augusto Garcez, a exemplo de José Amado Nascimento, Câmara Cascudo e José Calasans, publicavam os estudos daqueles que produziam para a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe* também na segunda metade do século XX. Se a produção literária individual arrefeceu ou não se destacou nesse período, de modo oposto, o Movimento Cultural de Sergipe teve a sua importância no campo da publicação de obras de diversas áreas do conhecimento tais como: poesia, biografia, ensaio, crônica, história, romance, sociologia, economia e museologia. Obras que circularam na sociedade sergipana e, conseqüentemente, fizeram parte dos meios intelectuais, dos cafés e dos lugares frequentados por uma elite letrada, contribuindo para a preservação da memória e da cultura de Sergipe. Hoje, as referidas obras estão distribuídas em diversas unidades informacionais de Sergipe, do país e do exterior. Além daquelas que se encontram nos acervos particulares.

Pelo exposto até aqui, tornou-se fundamental analisar as ações do intelectual José Augusto Garcez através da reconstituição da sua trajetória à frente do Movimento Cultural de Sergipe por ele criado, identificando nesse sentido: os reais objetivos do Movimento, os possíveis apoios de ordem governamental ou particular, os lugares de feitura dos livros em Sergipe (tipografias), as estratégias e meios de divulgação, os autores e obras publicados, os agentes participantes desse campo, os capitais herdados e adquiridos que comprovam a classificação dada a José Augusto

¹ O autor Itamar Freitas, através da obra, “A escrita da história na ‘Casa de Sergipe’ – 1913/1999” mostra as características do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, seus intentos com a preservação da memória e história do Estado e principalmente a produção no campo científico através da Revista do IHGS. (FREITAS, 2002)

Garcez de “mecenas das letras em Sergipe” no período em análise (GARCEZ..., 1954, p. 1). Logo, tal empreitada se justifica, não apenas por preencher lacunas na periodização da história intelectual de Sergipe, mas também pela contribuição com a reconstrução parcial da memória e da cultura sergipanas através da trajetória do intelectual José Augusto Garcez e dos agentes envolvidos numa “rede de solidariedade” (BIGNOTTO, 2010, p, 133). Também a escassa produção sobre a figura do editor/autor José Augusto Garcez, por meio do Movimento Cultural por ele criado, é mais um motivo para estudos sobre a sua atuação no campo intelectual de Sergipe.

Dessa maneira, o presente estudo estará contribuindo também para se compreender o contexto cultural aracajuano (1938-1972) e as ações do intelectual José Augusto Garcez que, através de estratégias e redes de sociabilidades, difundiu e tirou do anonimato autores sergipanos.

Um intelectual pertencente à elite econômica sergipana, e como tal, defendeu seus interesses e do seu grupo, ocupou uma determinada posição na estrutura da hierarquia cultural local e, a partir dela, buscou legitimar-se no interior deste espaço simbólico, utilizando-se dos capitais possuídos e das experiências adquiridas. Para tanto, diante do conjunto de disposições que lhe foram apresentadas pelo campo intelectual, constituiu sua rede de solidariedade, criou estratégias e buscou legitimar seus interesses e a si mesmo, no interior de um espaço de luta, sujeito a constantes redefinições. (BOURDIEU, 2010).

O objetivo geral desse estudo é reconstruir a trajetória de José Augusto Garcez e, de forma específica, destacar as atuações deste no campo intelectual para a difusão e valorização da cultura sergipana e para conservação da memória do Estado; identificar as ações de Garcez através do Movimento Cultural de Sergipe; identificar quais os autores editados por ele no Movimento Cultural e suas obras e compreender as estratégias utilizadas pelo mesmo para difusão das obras editadas pelo Movimento; identificar e compreender as relações dos agentes nas redes de sociabilidades através dos locais em que se difundia, se debatia e se produzia cultura em Aracaju.

Como aporte teórico para perceber a dinâmica do campo intelectual sergipano, o conceito bourdiesiano de *campo* foi de grande valia. Nesta teoria, o referido conceito se apresenta como um espaço de lutas, estruturado pela hierarquização de agentes e instituições, ou seja, um espaço de relações entre diferentes grupos, ocupando posições diversas na concorrência pelo monopólio dos

bens de gestão e pelo direito de exercer o poder. Não menos importante foi o conceito de *capitais* que, conforme o teórico francês, são mecanismos de diferenciação que permitem identificar os agentes no espaço social, podendo ser patrimônio econômico, títulos e diplomas acadêmicos, relações sociais que possam ser reconvertidas em recursos de dominação, dentre outros atributos. Assim, tais capitais são uma espécie de “riqueza que precisa ser constantemente acumulada para que, aqueles que a detenham possam assumir a posição de dominante no interior do campo em questão, legitimando-se e consolidando sua *doxa*” (BOURDIEU, 1998). Tal escolha se justifica, pois, entende-se que os conceitos bourdieusianos permitem a leitura do espaço intelectual e cultural sergipano como local de disputa entre especialistas intelectuais pelo privilégio de instituir novas *doxas*, explorar determinados serviços, ocupar cargos de visibilidade e inserção em outras esferas de poder.

Ainda conforme este aporte teórico, a ação do indivíduo, que se manifesta no interior de um campo, está delineada a partir de um conjunto de atributos e de atribuições que permitem a ele uma intervenção como agente eficiente nos diversos campos. Em outras palavras, os agentes realizam suas práticas no interior de um campo, onde adquirem interesses, constroem estratégias e fazem escolhas delineadas pelo *habitus* internalizado durante sua trajetória de vida (BOURDIEU, 2010). Dessa maneira, o *habitus* seria fruto da história. Ele pressupõe que a história do agente é determinada no campo e sustentada em sua história passada. Acumulada como um “script” que orienta o perfil e a ação posterior da trajetória do indivíduo, ou seja, seu *habitus* é uma “gramática” que define o repertório de decisões para a ação. De maneira mais atual, poder-se-ia dizer que o agente é “formatado” para atuar num “sistema compatível” (campo), e o conteúdo dessa formatação seria o *habitus* [...].

Sendo assim, analisar as ações de José Augusto Garcez pressupõe a apreensão das relações que o campo intelectual sergipano apresentou através das suas redes de relações nos diversos lugares difusores do conhecimento literário, nas revistas, jornais e instituições culturais. Isto possibilita apreender as relações constituídas a partir das posições ocupadas por este agente no interior da estrutura e as disposições instituídas pelo campo intelectual, bem como auxilia na compreensão de suas estratégias em defesa e legitimação de um novo modelo cultural pautado na editoração e divulgação do Movimento Cultural de Sergipe.

Trata-se aqui de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório. Qualitativa, por se referir a uma área “com pouco conhecimento teórico ou conceitual [...]”. Nestes casos, os métodos qualitativos ajudam não apenas a compreender o objeto de estudo, mas também a construí-lo a partir de novos aspectos e sob novas perspectivas” (MUELLER, 2007, p. 27). Exploratória, pela análise histórica, além do levantamento de fontes primárias e secundárias, como informações bibliográficas e documentais acerca do objeto de pesquisa, a trajetória de José Augusto Garcez (MUELLER, 2007, p. 25).

Quanto às fontes para realização dessa dissertação, foram encontradas na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe; Biblioteca Pública Epifânio Dória; Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES); Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) ou “Casa de Sergipe”, onde foram encontrados jornais e diversas obras editadas por Garcez; o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, onde se encontram jornais sobre as publicações de Garcez quando lá esteve; Biblioteca Luiz Antônio Barreto (UNIT - Farolândia), apesar de lá se encontrar o acervo de Garcez, pouco se encontrou devido às dificuldades de acesso aos documentos; a Biblioteca da Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras; o acervo particular da filha de José Augusto Garcez, a senhora Carolina Garcez, que disponibilizou uma substancial documentação (cartas, cartões, fotografias, ofícios, livros do Movimento, diplomas, jornais, anotações avulsas); o acervo particular do intelectual, compadre de José Augusto Garcez, Jackson da Silva Lima, onde tivemos acesso à parte da discografia publicada pelo Movimento Cultural de Sergipe, tais discos eram compostos de poesias, trechos de livros editados por Garcez e rodados no Panorama Cultural Luso Brasileiro (programa apresentado por Garcez aos domingos pela PRJ-6) e valiosas informações sobre a temática através de correspondência via e-mail; além da relação das obras publicadas pelo Movimento; e o acervo particular do pesquisador Gilfrancisco, onde pudemos acessar alguns jornais com matérias publicadas por José Augusto Garcez.

Nessa perspectiva, outros conceitos serão utilizados como o de “intelectuais” empregado por Jean François Sirinelli. “A definição de intelectual é endógena, ou seja, é definida pelo próprio intelectual” (SIRINELLI, 2003, p. 242). O mesmo autor enfatiza a problemática de se definir intelectuais de maneira rígida, sem, contudo considerar as mutações, as transformações no tempo. Nessa ótica o conceito de intelectuais varia em consonância com as gerações. Conforme o supracitado autor, há duas acepções de intelectual: o sociocultural e o engajado. O primeiro

corresponde aos mediadores culturais e aos criadores culturais, tais como os jornalistas, escritores, professores, dentre outros. Os segundos são aqueles que se posicionam politicamente; que se envolvem na vida da cidade como agentes defensores dos direitos da sociedade, assinando manifestos. Nesse aspecto, José Augusto Garcez se insere em ambas perspectivas, conforme se perceberá ao longo dessa dissertação.

Sendo assim, é fundamental buscar reconstruir a trajetória de José Augusto Garcez nos textos publicados sobre e por ele em alguns jornais, revistas, cartas, diplomas, fotografias, ofícios e obras do Movimento Cultural de Sergipe, no sentido de visualizar a construção de sua trajetória enquanto membro da elite intelectual sergipana, vinculando ao contexto da época.

O intelectual francês, interessado por fenômenos singulares e pela História Intelectual, François Dosse, aponta uma problemática na história intelectual que “[...] é pensar a restituição de um pensamento por si próprio, [...], em seu contexto histórico preciso de aparição, sem deixar de lado a mensagem que ele carrega tempo afora até nossa atualidade [...]” (DOSSE, 2004, p. 294). Partindo dessas reflexões, percebe-se preliminarmente que os discursos escritos e falados estão ligados a um contexto específico, a estratégias carregadas de sentidos. Logo, o não dito nos textos acena para uma explicação do objeto que foge da compreensão menos atenta dos sujeitos não adeptos à ciência.

Outro conceito usado nessa tessitura é o de “estratégias”. Através desses se poderá perceber os artifícios textuais para a produção de um “discurso de verdade” pelos intelectuais. Tais práticas são chamadas de “estratégias explícitas” e “estratégias implícitas” (CHARTIER, 1990, p. 123). As primeiras são os discursos situados nas margens das obras; nas palavras de Chartier (1990), “recorre-se aos discursos nos prefácios, advertências, glosas e notas”. As segundas, “faz do texto uma maquinaria impondo uma justa compreensão”. As referidas evidências indicadas por Roger Chartier serão analisadas nos escritos de Garcez, como jornais, cartas, revistas da Academia Sergipana de Letras, ofícios, fotografias; e nos textos de ocasião como os discursos orais transcritos para a escrita e nas obras editadas pelo movimento editorial criado por José Augusto Garcez em 1953.

Estudos como o de Jean-François Sirinelli (2003), sobre os intelectuais, mostram que durante muito tempo a biografia foi esquecida no meio historiográfico. Entretanto, na contemporaneidade ela ocupa uma posição de destaque, sobretudo, pela necessidade de se dar voz a indivíduos que por muito tempo ficaram no

ostracismo. Sendo assim, é importante observar o estado da arte desse gênero na atualidade. Logo, é possível se construir e reconstruir trajetórias como a de José Augusto Garcez a partir de uma compreensão contextual de uma dada realidade.

Sabina Loriga (1998, p. 226) mostra que esse estado da arte do gênero biográfico passou por várias escalas de compreensão, se deslocando a partir dos anos de 1980 de uma “atividade econômica e política do camponês ou do operário para a sua subjetividade e seu vivido”. Para a autora, a história científica entrou em crise justamente pela redutibilidade do sentido das ações humanas a mero subproduto de forças produtivas e de meios culturais. Logo, a preocupação com o destino das singularidades.

Quanto à importância do gênero biográfico para a história, Loriga faz a seguinte afirmação: “a história sem biografia seria como o repouso sem relaxamento, uma comida sem gosto, quase que uma história de amor sem amor” (LORIGA, 1998, p. 227). Desse modo, a biografia destaca a importância das ações do sujeito na história por ser responsável pela dinâmica dos acontecimentos. Em síntese, o estudo de Loriga destaca o “devir” pelo qual passou o gênero biográfico desde a antiguidade. Nessa trajetória do gênero, o pensamento dos “grandes homens”, as suas ideias foram sempre supervalorizadas ao ponto de se firmarem na tradição histórica. Portanto, se pensava e se compreendia a história sob o viés desses “grandes homens”. Por outro lado, os sujeitos na sua coletividade, nas suas relações de sociabilidades, não tinham vez, ou pelo menos passaram por um processo de emudecimento.

Cristalizou-se a ideia de que a biografia era um gênero linear por natureza, de modo a ser situada na categoria de história “*événementielle*”, cronológica, acontecimental e, sobretudo, pouco problemática. Desconstruindo tal perspectiva, a autora defende a ideia de que as ciências sociais produzem indivíduos diversos. De acordo com essa visão, os indivíduos são fontes plurais de sentido. Para compreendê-los parcialmente faz-se necessário entender o seu mundo em volta, as suas relações com os outros e a sua inserção nas instituições, nos espaços de sociabilidade, locais estes onde se difundem ideias e práticas.

Na mesma ótica, Giovanni Levi (2002, p. 176), destaca o contexto e critica todo esquematismo que se queira empregar no estudo do gênero biográfico. Para o autor citado, a biografia é vista como o espaço das liberdades dos agentes e o contexto em que o biografado está inserido é fundamental para “preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas e de

movimentos com os quais ele entrou então em contato, reconstituir em torno dele o seu meio [...]”.

O campo biográfico em Sergipe vem ganhando força principalmente pelos estudos surpreendentes empreendidos pelo historiador Ibarê Dantas. Em 2009 o mesmo escreveu uma biografia contextualizada sobre Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel, obra que passeia pelos meandros da política oitocentista sergipana. Em 2017 Ibarê retorna ao estudo dos Maciel e produz mais uma biografia, agora sobre Leandro Maynard Maciel, político sergipano influente do século XX.

Diante do exposto, a trajetória de José Augusto Garcez também pode ser reconstruída a partir de outras pessoas e lugares, os chamados “pontos de contatos”. Dentro da perspectiva de Levi, para se construir uma biografia, deve-se considerar as liberdades possíveis dos agentes em seus grupos. Para ele, nenhum sistema pode eliminar por completo as escolhas conscientes. Logo, nessa visão, as negociações seriam possíveis.

Sob a luz das perspectivas até aqui descritas se pode concluir que os intelectuais são seres analisáveis. Eles carregam as visões de mundo do seu campo de pertencimento. Compreender o campo de produção dos intelectuais sergipanos no qual José Augusto Garcez estava inserido, as ideias, os textos e os contextos, perpassa pelo emprego e compreensão do que se define como sociabilidade. Logo, seria ilógico pensar a atuação de José Augusto Garcez dissociada dos espaços de sociabilidade de Aracaju (1938-1972). Locais esses disseminadores de ideias e legitimadores de discursos; enfim, guardiões de memórias e difusores da cultura.

O presente estudo traz à cena um intelectual sergipano e a sua atuação no campo das letras. Essa dissertação reúne documentos sobre o supracitado autor. Estes foram frutos de um incansável trabalho de pesquisa nos labirintos dos diversos arquivos públicos e particulares, bibliotecas públicas e particulares e na memória daqueles que tiveram a oportunidade de conviver e acompanhar a sua trajetória.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro se reconstrói o campo intelectual sergipano que precedeu a atuação mais efetiva de José Augusto Garcez, destacando as principais instituições culturais sergipanas. No segundo, reconstrói-se a trajetória do intelectual José Augusto Garcez, onde são destacados os capitais herdados de família, assim como os capitais conquistados no campo intelectual, os pontos de contatos e os microclimas que Garcez teve desde os seus primeiros contatos com professores no colégio Tobias Barreto até a chegada à Academia Sergipana de Letras (1972). Este mesmo capítulo expõe as ações de

Garcez no campo intelectual, com a criação de instituições culturais, as estratégias de reconhecimento de capital no campo intelectual, o que acabou construindo uma imagem de mecenas, de “apóstolo” das letras sergipanas. As redes de sociabilidades mostram o contexto e locais de difusão da informação em Aracaju; por fim, a inserção do oral no escrito, como os textos de ocasião acabaram contribuindo para a construção e conservação de uma memória de Sergipe.

O terceiro e último capítulo concentra-se na principal realização de Garcez no campo intelectual sergipano, o Movimento Cultural de Sergipe, o ápice do pensamento do intelectual. Logo, a origem, os colaboradores, os objetivos do Movimento e as obras editadas (livros e discos) são temas expostos nesta parte da dissertação. Realização esta que, a partir das publicações feitas por Garcez no Movimento, legitimou a entrada do intelectual para a Academia Sergipana de Letras em 1972.

2 CAMPO INTELECTUAL SERGIPANO

Reconstruir trajetórias de vidas não é uma tarefa fácil. Os pontos de contatos pelos quais o estudado passou e atuou é de suma importância para tal, pois “o indivíduo, por mais singular e criativo que seja, em comparação aos outros homens de sua época, dissolve-se no coletivo [...]” (BARROS, 2012, p. 228). E mesmo com evidências, não podemos nos eximir de possíveis falhas, esquecimentos, silêncios não revelados pelo objeto de estudo. Neste sentido, para melhor situar e reconstruir a trajetória do intelectual sancristovense, José Augusto Garcez, faz-se necessário conhecer o campo intelectual sergipano em que atuou este agente. Logo, resgatar o transitar da sociedade sergipana nas ruas mais movimentadas de Aracaju através dos lugares de sociabilidade como as livrarias, jornais, editoras, instituições onde a intelectualidade atuava, tais como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a Academia Sergipana de Letras; os cafés, entre outros, é de fundamental importância para reconstrução do campo intelectual no qual o José Augusto Garcez estava envolvido.

Não menos importante para esta reconstrução é apresentar as instituições culturais criadas em Aracaju e que atuaram paralelamente à atuação de José Augusto Garcez (1938-1972). Neste contexto, é possível perceber o perfil da intelectualidade sergipana, as ideias, os estudos e os antagonismos deste Sergipe intelectual, a imagem que se construiu de um Estado exportador de talentos, de uma literatura regionalista que agigantava o Estado no campo da intelectualidade para compensar a sua pequenez territorial.

Não se pode perder de vista, como campo de sociabilidade, os cafés e bares muito frequentados pelos boêmios intelectuais, que produziam literatura a partir das relações sociais que se estabeleciam nesses locais entre os finais dos anos 1930, quando José Augusto Garcez, objeto de estudo dessa dissertação, publicou o seu primeiro livro, “Prado Valladares”; e a segunda metade do século XX, quando Garcez entra definitivamente para a Academia Sergipana de Letras (1972).

Os boêmios vivenciavam e idealizavam a cidade da qual faziam parte. Eram formadores de opinião. O mundo boêmio possuía seu próprio “ethos” e formava a tradição intelectual do campo literário do qual faziam parte. (LUSTOSA, 1993, p. 40)

No caso de Sergipe, essa tradição esteve ligada à geração dos intelectuais classificados como tobiáticos. Os cafés, a exemplo do Central, os bares, a exemplo do Bar Apolo, entre outros, eram ambientes dessa geração boêmia aracajuana.

Recuando à temporalidade indicada neste estudo, para depois seguir como um fio condutor da trajetória de Garcez, Adênia Santos Andrade e José de Oliveira Brito Filho (2012, p. 29) mostram Aracaju e a sua infraestrutura, partindo do pós Primeira Guerra (1914-1918). Segundo os autores, neste período foram construídas escolas, repartições públicas, o serviço de saneamento básico e implantação de água encanada, energia elétrica e rede telefônica. Nas décadas de 1920 e 1930, os decretos e leis governamentais legitimavam as construções de modo a preparar a capital para o movimento de pessoas e veículos no comércio sergipano.

Neste sentido, através das continuidades e descontinuidades próprias da história, Aracaju na década de 1940 já se apresentava como o grande centro comercial do Estado. Andrade e Brito Filho (2012, p. 29) identificam dois tipos de comércio opostos em Aracaju daquele momento: “um na zona comercial fino e elegante, localizado nas Ruas João Pessoa e Laranjeiras, e outro, o comércio popular, situado nas imediações do mercado”. Os autores ainda se referem ao comércio aracajuano da década de 1950² informando que Aracaju possuía “por volta de 701 estabelecimentos, com destaque para o aspecto moderno das instalações e das técnicas para expor as mercadorias através de vitrines” (ANDRADE; BRITO FILHO, 2012, p. 31). Neste cenário comercial de Aracaju, os autores destacam “O ir e vir das Ruas João Pessoa e Laranjeiras” (1920-1940), fenômeno que dá título à obra. Conforme citação expressa:

As ruas João Pessoa e Laranjeiras receberam diversas pessoas no decorrer das décadas, dentre elas: intelectuais, médicos, escritores e músicos, pessoas que pensaram, tiveram ideias, filosofia e religião (ANDRADE; BRITO FILHO, 2012, p. 36).

Neste ambiente movimentado da capital sergipana no final dos anos 40, ganhou notoriedade a Livraria Regina. De acordo com Melins (2007, p. 39), era “[...] a Livraria Regina, nº 137, local de encontro da intelectualidade sergipana. Ali compareciam religiosamente, todas as tardes, filósofos, ensaístas, poetas, historiadores [...]”. Conforme Cabral (1948, p. 272), além da Regina, “a principal,

² Ver em “Aracaju romântica que vi e vivi”, de Murillo Melins (2000), a descrição mais pormenorizada do comércio de Aracaju neste período. Destaca, por exemplo, as livrarias Regina e Monteiro, situadas na Rua João Pessoa como locais de encontro dos intelectuais sergipanos.

espécie, assim, da Livraria José Olimpio do Rio de Janeiro”, existiam também na Rua João Pessoa a “Livraria Comercial³”, a “Gráfica Editora” e a “Livraria Monteiro”. Este cenário era o campo de atuação dos intelectuais que discutiam as novidades do momento. Mesmo com a sua notável pequenez, com seu ar provinciano, começavam mudanças significativas na infraestrutura de Aracaju, com os arranha-céus e a crescente urbanização.

Outro aspecto importante desse cenário é a existência das gráficas editoras ou casas publicadoras enquanto lugares de produção cultural. Santos (2004, p. 20-21), no seu estudo sobre a Livraria Regina, descreve o funcionamento de algumas destas casas desde os anos 1920 aos anos 1950. Na década de 20 tinha-se a Casa Editora Guttemberg; no período de 1933 surge a Companhia Gráfica Editora também na Rua João Pessoa; nas décadas de 1940 e 1950 tem-se a Gráfica Universal, Gráfica Editora, a Comércio e Indústria de Sergipe LTDA (CISLA), editora simples usada por José Augusto Garcez na confecção da primeira obra do Movimento Cultural de Sergipe, “Renovação, Grandeza e Decadência da Vida”, do sociólogo sergipano, Florentino Teles de Meneses, fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe em 1912; e a Indústria Gráfica Marlo Limitada.

Conforme aponta Cabral (1980, p. 54), os cafés Central e Ponto Chique eram lugares de sociabilidade, frequentados pelos intelectuais e pela boemia sergipana. Nesses espaços se discutia literatura que se expandia para as instituições culturais como, por exemplo, a Academia Sergipana de Letras, onde, quando da posse de novos membros, as efemérides eram comuns. Assim como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que teve entre os anos de 1945 a 1953 os seguintes presidentes: Dr. José Calazans Brandão da Silva, Dr. João Batista Perez Garcia Moreno e Dr. Felte Bezerra⁴.

Estudo recém publicado pelo professor José Vieira da Cruz, “Da autonomia à resistência democrática, movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe (1950-1985)”, trata do movimento estudantil e o ensino superior em Sergipe, enfatiza que mesmo com uma estrutura socioeconômica engessada e o domínio

³ Segundo Elissandra Silva Santos, a Livraria Comercial iniciou os seus trabalhos na capital aracajuana como “Typographia Commercial” e pertencia à firma Guilherme Filho e Cia. (SANTOS, 2004)

⁴ Conforme publicação na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 26. Ano 1961-1965. Vol. XXI, José Calazans foi eleito presidente da Casa de Sergipe em 30 de julho de 1945 para o biênio de 1945 – 1947. O mesmo não foi reeleito por transferir-se para cidade de Salvador, Bahia. Garcia Moreno foi o sucessor de Calazans. Eleito presidente em 30 de julho de 1947 para o biênio de 1949 e reeleito para mais um biênio de 1949 a 1951; recusando a reeleição para mais um biênio, que coube a Felte Bezerra, eleito em 15 de julho de 1951 para o biênio de 1951 a 1953. (CALASANS SILVA, 1961-1965, p. 6-7)

político de uma oligarquia agrária e a ausência de instituições de nível superior, esses indicativos sociais não foram empecilhos para “intelectuais, parte dos quais provenientes dos mencionados setores socioeconômicos, concluíssem sua formação nos espaços universitários de Recife, Salvador, São Paulo”, entre outros (CRUZ, 2017, p. 96). Nesse contexto, os intelectuais sergipanos vão se ligar tradicionalmente à geração precedente de homens que precisaram fazer os seus nomes fora da gleba sergipana, a exemplo de Tobias Barreto, Sílvio Romero, Gumerindo Bessa, Fausto Cardoso, entre outros. Sobre essa ligação “é costume se falar da vida cultural de Sergipe de fora para dentro, a partir da projeção intelectual de seus filhos ilustres em outros centros mais desenvolvidos” (LIMA, 1995, p. 13). Logo, parafraseando Sílvio Romero, “a literatura sergipana é uma literatura de emigrados” (LIMA, 1995, p. 13). Nesse aspecto, não é difícil perceber na literatura produzida sobre os intelectuais sergipanos a citação constante desta geração que emigrou para outros centros mais desenvolvidos para se projetar no mundo das letras. Pode-se afirmar que um dos principais motivos, quiçá, o mais importante para tal debandada devia-se à ausência de instituições de ensino superior no Estado, as quais só vieram fazer parte do cenário cultural de Sergipe nos fins da década de 1940 (BRETAS, 2014, p. 30; CRUZ, 2017, p. 96-97; DINIZ, 1991, p. 257-258).

Refletindo sobre a formação da intelectualidade sergipana, Lima (1995, p. 60) considera que ela sofreu total influência do “espírito cristão”. Isto se deveu ao processo de formação da nossa nacionalidade. A obra referenciada situa o final do século XIX como o divisor de águas entre o pensamento cristão e o pensamento científico. É nesse momento que a intelectualidade sergipana vai despontar com as primeiras levadas de intelectuais tobiáticos, a exemplo de Joviano Romero, Felisbelo Freire, Fausto Cardoso, Prado Sampaio, Gumerindo Bessa e Oliveira Teles (LIMA, 1995, p. 77). Como salientamos anteriormente, sem dúvidas, esta geração será um marco para as próximas, influenciando, por longos anos, os nossos intelectuais, que escreveram seus trabalhos sob os parâmetros destes “doutores e bacharéis”.

Lima (1995, p. 33) caracteriza a década de 1930 como a fase contemporânea dos estudos filosóficos em Sergipe. Ideologicamente é uma fase de oposição exagerada ao comunismo; o “Centro Dom Vital” será o maior opositor dessa corrente. Ou seja, a Igreja Católica com a outorga do Estado possuía grande influência sobre a estrutura montada para a instalação do ensino superior em Sergipe.

Conforme Lima (1995, p. 134), a década de 1940 será um marco transgressor das ideias até então defendidas pela ala cristã; do medo e combate ao comunismo à defesa das democracias contra os maiores inimigos, quais sejam, os nazistas e fascistas. Contribuirá para isso todo um contexto mundial antes, durante e depois da Segunda Grande Guerra (1937-1945). Nas palavras do autor: “não é mais o comunismo que amedronta as elites ocidentais, mas o nazi-fascismo” (LIMA, 1995, p. 134).

Nesse contexto, a Igreja Católica muda o seu pensamento no período da Segunda Guerra Mundial “se tornando progressista, com abertura social acentuada” (LIMA, 1995, p. 134). É nesse período que surgem grupos de intelectuais sergipanos mais preocupados com as ciências. O exemplo mais evidente foi o “Centro de Estudos Econômicos e Sociais”, criado em 1944. Todavia, os antagonismos ideológicos eram a tônica. Um momento conturbado da história frente ao regime autoritário do Estado Novo (1937-1945). Sobre este período, no campo intelectual sergipano, Dantas (2004, p. 114), afirma:

Em Sergipe, depois da instauração do Estado Novo, passaram-se cerca de dois anos com raras publicações, até que as produções passaram a fluir, indicando um novo momento cultural. A maioria dos intelectuais foi se afastando do ativismo político e passou a cuidar de seus trabalhos específicos, de alguma forma influenciados pelo espírito do seu tempo: maior preocupação com a realidade brasileira e local.

Nos fins da década de 1930 e metade da década de 1940 vivia-se num momento conturbado da história nacional, o período do Estado Novo (1937-1945). Segundo Beatriz Góis Dantas, esse momento foi “marcado por ideias nacionalistas ligadas à produção de um passado comum, sustentadas pela identificação de ‘povo’ com ‘nação’ representada pelo Estado”. Conforme a professora, nesse processo imagético de nação “a cultura ganhou espaço, e a história e folclore se faziam presentes” (DANTAS, 2016, p.112-150). Esse quadro ideológico vai se refletir nas instituições de cunho cultural em Sergipe e através das redes de sociabilidades essas ideias vão se propagar. Dentro dessa perspectiva, não se pode desvincular a produção de ideias, de afirmação de uma cultura genuinamente sergipana. A prática de Garcez no campo intelectual sergipano segue esta linha, valorização dos bens culturais sergipanos e da produção literária regional.

Sendo assim, sob a estrutura ideológica do regime arquitetado por Vargas, os aspectos históricos e culturais regionais foram valorizados. O nacionalismo era uma

bandeira dos governos e o rádio passou a ser um dos instrumentos amolecedores das mentes em favor da manutenção da ordem. Gomes (2005, p. 211-232) mostra o poder do rádio para estreitar as massas à figura personalista de Vargas, principalmente uma considerável parcela da população analfabeta.

No início dos anos 40, o rádio será usado estrategicamente no sentido doutrinário criando uma imagem patriarcal do presidente. Nesse sentido, a “Hora do Brasil”, programa produzido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e transmitido para todo o país pela Rádio Nacional, será o porta voz do governo aos brasileiros. No caso de Sergipe, no final dos anos 1930, a Rádio Aperipê passou a fazer parte do cotidiano das pessoas. Se antes a Rádio Nacional era o veículo que aproximava as pessoas do governo federal, levando as notícias aos lares e alto-falantes do centro de Aracaju, agora com a rádio local “a programação tomou sentido mais ligado ao Estado” (DANTAS, 2004, p. 104).

Quanto ao rádio no cotidiano da intelectualidade sergipana, surgiu, em 1949, o programa “Panorama Cultural”, criado pelo intelectual José Augusto Garcez, na Rádio Difusora de Sergipe, emissora estadual. Sobre aspectos da PRJ-6, conhecida como a Rádio Difusora, Garcez informa que se tratava de “iniciativas de caráter patriótico, cultural e educativo”, já que a emissora sergipana não se encontrava “distanciada da rádio-difusão nacional”⁵. Sobre o Panorama Cultural, Garcez dizia que pertencia aos “intelectuais, estudantes, educadores e à própria coletividade” (GARCEZ, 1959b, p. 1)⁶.

Dimensionar os impactos das ideias transmitidas pelo rádio sobre as mentes dos sergipanos é uma tarefa impossível. Todavia, percebe-se que a difusão dos valores locais e nacionais fez parte da política de cunho nacionalista. E nesse aspecto, as gerações de intelectuais também estiveram relacionadas. Garcez serviu a esta estrutura como jornalista de uma rádio estatal, a PRJ-6.

O antagonismo ideológico experimentara um arrefecimento na década de 1950. E nesse aspecto a fundação do Instituto Brasileiro de Filosofia – Seção Sergipe (1956), congregará grupos de vertentes ideológicas diversas como materialistas, ateus, agnósticos e espiritualistas católicos em uma convivência

⁵ Trecho extraído de um texto de autoria de Garcez, possivelmente apresentado no seu programa na PRJ-6, intitulado “Artista provinciano”. O referido documento, pelo contexto, foi escrito no início da década de 1950, no último mandato do presidente Getúlio Dorneles Vargas e encontra-se sob os cuidados do pesquisador.

⁶ Trecho de carta endereçada ao professor João Costa no dia 11 de novembro de 1959. O referido documento revela aspectos do programa Panorama Cultural veiculado na Rádio Difusora de Sergipe, órgão gerido sob os auspícios do Estado.

cultural mais harmônica, civilizada (LIMA, 1995, p. 135-136). Os anos 1950 serão marcados pela esperança no regime democrático. Os anos de guerra não foram exemplos bons para os países. Restaram as memórias traumáticas que através da oralidade tentaram resolver, livrar-se dos acontecimentos. Em Sergipe, como vimos anteriormente, esta década será marcada pelo surgimento das faculdades e do movimento estudantil organizado. Lima (1995, p. 141) informa que “com o funcionamento das primeiras Faculdades de Sergipe e de seus Diretórios Acadêmicos, instaura-se inusitada agitação cultural, ocasionando uma nova realidade emergente que, de um momento para outro, substitui a obsoleta mentalidade provinciana, procurando adequar-se aos novos tempos e valores da ciência e da tecnologia moderna” (1995, p. 141). No início do ano 1953, o campo intelectual sergipano será palco do Movimento Cultural de Sergipe, criado por José Augusto Garcez com o objetivo de elevar as letras da província sergipana, como se verá adiante.

Na década de 60, com o processo de federalização das universidades, as antigas faculdades, mesmo considerados os diversos embates, congregaram a Universidade Federal de Sergipe (1967) (BRETAS, 2014, p. 67-156). Conforme Diniz (1991, p. 263), este processo representou “um momento importante para o avanço da formação e da produção cultural em Sergipe”.

Um texto indispensável para sistematizar o campo intelectual sergipano foi publicado pelo professor e historiador sergipano, José Calasans Brandão da Silva, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Revista de número 26, ano (1961-1965), volume XXI. Na oportunidade a Casa de Sergipe completava o seu cinquentenário. Percebendo o IHGS como um importante ponto de contato para compreensão do campo intelectual sergipano, um lugar que abrigou diversas instituições culturais como a Academia Sergipana de Letras, a PRJ-6 (Rádio Difusora de Sergipe) e arregimentou a sua intelectualidade, Calasans Silva (1961-1965, p. 48) refere-se ao sodalício como um lugar de culto à inteligência, à cultura sergipana e ao “sergipanismo”. Segundo ele, era necessário se “manter, conservar, revigorar, como condição mesma da nossa existência como povo” o “Sergipe, intelectualmente tão conceituado”. Pode-se considerar o texto de Calasans como a periodização das gerações de intelectuais sergipanos. Logo, um texto obrigatório, sintético sobre os homens das letras sergipanas. Conforme o autor, a intelectualidade sergipana divide-se em cinco grandes grupos: os bacharéis do Recife, com destaque para os “tobiáticos”, Gumerindo Bessa, Manuel dos Passos de Oliveira Teles, Joaquim do

Prado Sampaio, Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, Fausto Cardoso e Florentino Teles de Meneses. Calasans falava de um Sergipe na década de 1960 e alertava que éramos “pouco tobiáticos”, por isso a necessidade de estudos sobre o papel desses intelectuais.

Um aspecto curioso observado por Calasans nas laudas da Revista do IHGS era a importância que se dava aos homens das letras em Sergipe no campo político. Sobre isto Calasans dizia que,

[...] até a implantação do Estado Novo, a política sergipana sempre se processou no sentido de atrair, de considerar, os expoentes da intelectualidade. Os exemplos são numerosos e convincentes. Escritores, cientistas, e poetas sergipanos receberam mandatos do seu povo para representá-lo nas câmaras da República. Sílvio Romero, Fausto Cardoso, Gumercindo Bessa, Rodrigues Dória, Manuel Bomfim, Gilberto Amaro, Amando Fontes, Carvalho Neto, Barreto Filho [...], entre outros (CALASANS SILVA, 1961-1965, p. 52).

É questionável que o campo das letras tenha sido responsável para a acessão destes intelectuais no campo da política. Com certeza, atributos de ordem econômica foram primordiais para tanto. A maioria destes homens intelectuais fazia parte de uma elite detentora de poder econômico que se estendia para o campo político.

Continuado à periodização definida por Calasans, o segundo grupo, os doutores da Bahia e do sul, incluía-se médicos, bacharéis, engenheiros, farmacêuticos, agrônomos. O terceiro grupo de intelectuais foram os militares alunos da Escola Militar da Praia Vermelha, estes destacadamente atuaram na docência, a exemplo de Moreira Guimarães, Ivo do Prado, Siqueira de Meneses, Oliveira Valadão, Pereira Lobo, Arthur Fortes, Abdias Bezerra, entre outros.

O quarto grupo de intelectuais é formado pelos padres de D. José Tomás Gomes da Silva, entre estes, José Augusto da Rocha Lima, José Olinó de Lima Neto, Carlos Costa, Alberto Bragança, Luciano Duarte e Avelar Brandão. E o último grupo descrito por Calasans é o grupo dos “poetas do Aracaju”. Conforme o professor, estes últimos foram:

Ligados à sua terra e a sua gente cantado as suas belezas, participando das suas alegrias, de suas desditas, sergipanos presentes, quase fincados no chão, vivendo das areias do Aracaju, com os seus coqueiros e cajueiros. (CALASANS SILVA, 1961-1965, p. 56)

O que expomos até aqui foram aspectos panorâmicos do campo de atuação de José Augusto Garcez. Todavia, trouxe à percepção da dinâmica do campo intelectual sergipano no período em estudo. Uma forma de descortinar o caminho para o intelectual de província José Augusto Garcez no campo das letras, o qual, na periodização aventada por Calasans, encontra-se didaticamente entre os poetas seguidores da geração de Garcia Rosa. Todavia, situá-lo nesta periodização o contrariaria devido à sua atuação em diversas áreas, tais como a edição de autores. Na década de 1950 será ele o “descobridor de escritores⁷”, a produção no campo da história, da museologia, da poesia, do jornalismo, dentre outras. Logo, reconstruir a trajetória deste intelectual é trazer um elemento que situa a intelectualidade sergipana como parte de uma geração que construiu uma imagem de um Sergipe intelectual. Nesse sentido, é oportuno perceber que se criou em Sergipe uma tradição intelectual e José Augusto Garcez foi um grande incentivador, através da sua atuação em prol da cultura e das letras sergipanas.

Este peregrinar pelo campo da intelectualidade sergipana vincula-se à ideia conceitual de geração. O intelectual José Augusto Garcez não rompeu com a literatura produzida pelos seus antecessores conhecidos pelas laudas da história como intelectuais tobiáticos, os doutores, os soldados intelectuais e os padres de D. José Tomás Gomes da Cruz, conforme divisão didática da intelectualidade sergipana feita pelo professor e historiador José Calazans Brandão da Silva. Garcez é um continuador daqueles intelectuais, mesmo considerando as devidas proporções de temporalidade e produção literária; um intelectual vindo das lides da aristocracia sergipana. Todavia, é importante perceber que o conceito de geração não é necessariamente estático, ele pode ser operacional para se analisar e reconstruir trajetórias como a de Garcez. Para Schneider (2008, p. 188) por exemplo, geração é “um grupo que constrói uma memória comum”. Em outras palavras, mesmo situando Garcez como um continuador dos intelectuais que o precederam, pois, “as gerações biológicas se interpenetram no tempo”; não significa dizer que o mesmo produziu tal qual (BARROS, 2012, p. 215).

Nesse sentido, a trajetória de Garcez pode ser interpretada a partir das estratégias instituídas naquele campo como fundamentais nas lutas para aquisição de capitais simbólicos pelos agentes participantes. Os intelectuais daquela geração, incluindo obviamente José Augusto Garcez, adotaram a estratégia da *sucessão*, na

⁷ Sem comparações com o grande editor brasileiro José Olympio, mas Garcez, ao seu modo e considerando as condições de produção teve atividade semelhante. (VILLAÇA, 2001)

qual os novatos podem orientar-se para estas colocações, que lhes assegurem os lucros prometidos aos que realizam o ideal oficial da excelência científica pelo preço de inovações circunscritas aos limites autorizados. Noutra perspectiva, estaria a *subversão*, com investimentos mais custosos e arriscados, que só podem assegurar os lucros prometidos aos detentores do monopólio da legitimidade intelectual em troca de uma redefinição completa dos princípios de legitimação da dominação (BOURDIEU, 1994).

3 JOSÉ AUGUSTO GARCEZ: UMA TRAJETÓRIA NO CAMPO INTELECTUAL SERGIPANO

Seus dignos e dedicados pais, vindos do velho ciclo dos engenhos de açúcar haviam de querê-lo mais preparado para as atividades agrícolas, rendosas, promissoras e práticas, que aventurando uma carreira de resultados então duvidosos (DÓRIA, 1954, p.3).

FOTO 1 – Cel. Sílvio Garcez, José Augusto Garcez e Carolina Garcez



Fonte: Acervo de Sílvia Garcez.

O citado trecho do jornal *Diário de Sergipe* mostra que o desejo dos pais de José Augusto Garcez para futuro do seu filho não se realizou. Agregando os indícios obtidos da documentação pesquisada, é possível reconstruir a sua trajetória intelectual levando em consideração os textos e contextos produzidos por ele e sobre ele. O discurso citado acima pelo bibliotecário, pesquisador e escritor das *Efemérides Sergipanas*, Epifânio Dória⁸, contemporâneo e amigo de José Augusto Garcez, refere-se a uma terceira pessoa que não teria seguido a linhagem de uma família de grandes proprietários e acabou desviando-se para outra área. Todavia,

⁸Nascido em 7 de abril de 1884 na fazenda Barro Caído, em Campos (atual Tobias Barreto/Se). Pais: o capitão da Guarda Nacional José Narciso Chaves de Menezes e D. Josefa da Fonseca Dória de Meneses. Bibliotecário por muitos anos da Biblioteca do Estado. Secretário Geral do Governo Eronildes de Carvalho, exerceu os cargos de Secretário de Justiça, Fazenda e Agricultura, até 1941. Presidente e Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). (FONTES, 1992, p. 23-26)

trouxe consigo todo o capital herdado de uma família oriunda da *açucarocracia* sergipana. Desse modo, subvertendo a ordem estabelecida, optou por “uma carreira de resultados duvidosos”, qual seja, o *campo literário*. Não se pode determinar as vontades dos agentes; as suas múltiplas possibilidades, pois são seres humanos movidos por paixões e escolhas. Sendo assim, Garcez teria visto, além dos negócios agropecuários, porque continuou como proprietário e exportador de gado, o *campo intelectual* como algo interessante, sobretudo com aquisição de capitais simbólicos e culturais. Por meio da sua atuação constante nesse campo, Garcez acumulou outros capitais além do financeiro, que lhe trouxeram destaque e visibilidade. Logo, atentar para o fato de que a família Garcez já possuía uma história na região e um capital simbólico de destaque no estado de Sergipe são informações, local e sobrenome, mais do que identificadoras de uma pessoa física, mas também atributos identitários da origem social desse personagem. Ao se olhar com mais vagar, vê-se que eles se constituem indicadores importantes para que se perceba a estrutura social na qual José Augusto Garcez estava inserido. Garcez não rompeu com as suas raízes, com toda a herança familiar.

Dessa forma, têm-se uma primeira visão do grupo social ao qual José Augusto Garcez pertencia. Era um membro da tradicional elite sergipana. Esses recursos, que o teórico francês Pierre Bourdieu denomina *capitais*, são provenientes das mais distintas esferas: os *recursos econômicos*, com base na posse da terra, a propriedade de engenhos e usinas, a posse e/ou a direção de grandes empresas e novos investimentos, que estão relacionados também com os recursos profissionais e escolares; *recursos sociais*, nestes contidos também os recursos simbólicos de notoriedade, status social, títulos honoríficos, patentes, ou refletidos na extensa rede de relações pessoais; *recursos políticos*: encarnados em posições políticas de referência. Um mesmo grupo dominante pode acumular diferentes espécies de recursos e utilizá-los de forma vantajosa, pra obter outros, ou fortalecer o s que já possuem, objetivando manter-se entre as “elites” (BOURDIEU, 2010).

Assim, após se estabelecer em Sergipe, vê-se que José Augusto Garcez, utilizando-se de sua inserção social, rede de relações - que incluíam Felte Bezerra, Acrísio Cruz, Santos Souza, Orlando Dantas, dentre outros, prestígio familiar e educação refinada, pôde reconverter capitais pessoais para ingressar no campo intelectual, como no jornalismo e mais tarde, no mundo autoral através do Movimento Cultural de Sergipe.

Os primeiros apontamentos biográficos sobre a figura desse intelectual sergipano foram observados nas orelhas de uma das suas obras editadas pelo Movimento Cultural de Sergipe: *Realidade e destino dos museus* (1959). Utilizando o que Chartier chama de estratégias explícitas, Garcez produz uma síntese biográfica de si mesmo, uma espécie de autobiografia. Informações contidas nas margens daquele livro descrevem Garcez como sergipano de São Cristóvão; nascido na usina Escurial em 19 de agosto de 1918. Seus pais, Sílvio Sobral Garcez⁹, político, industrial e proprietário de terras, como evidenciou Epifânio Dória, e Carolina Sobral Garcez, prima carnal e dona de casa (dados esses conferidos na sua Certidão de Nascimento). O casal teve quatro filhos, a saber: José Augusto Garcez, João Augusto Garcez, Carlos Augusto Garcez (médico) e Maria Augusta Rollemberg¹⁰.

As homenagens feitas quando do falecimento do coronel Sílvio Sobral Garcez em 1951, no engenho São Carlos, em Itaporanga D'Ájuda, foram ilustrativas, não apenas do ponto de vista da construção da sua memória como homem público e influente politicamente; mas como fortalecedoras do capital herdado por José Augusto Garcez, objeto da presente dissertação. Uma legião de políticos e intelectuais e pessoas das mais diversas camadas sociais teriam comparecido àquele ritual de encomenda do féretro. Conforme noticiou o jornal *Diário de Sergipe*, “Expressivas homenagens à memória de um saudoso homem público, Itaporanga d'Ájuda chora a perda do seu benfeitor”, na ocasião fúnebre o escritor e poeta J. Freire Ribeiro fez a seguinte oração ao pranteado:

Na serena paz da outra vida, no silêncio da terra morena de Itaporanga, dormita a figura venerável e veneranda de Sílvio Sobral Garcez, cujo nome, pela bondade e pelo coração, ressoará para sempre nessas paragens, soletrada pelas águas do Vasa Barris, que ora se transforma num oceano de lágrimas à procura do mar!.. E,

⁹ Nascido em Riachuelo, Sergipe, a 2 de dezembro de 1886; filho legítimo de João Augusto de Freitas Garcez e Josefina Sobral Garcez. “Pai de José Augusto Garcez, destacado preposto do Banco do Brasil S/A, Sócio de Associações: - Brasileira de Imprensa, Instituto Histórico e ALA e Letras da Bahia”; João Augusto Garcez, Carlos Augusto Garcez e Maria Augusta Garcez. Foi grande proprietário de engenhos, foi dono do Engenho Itaporanga, arrendatário da Usina Escurial em Itaporanga D'Ájuda, dono da Usina São Carlos, São José, Conceição e a “histórica Fazenda Dira”. Exportador de gado indubrasil para Bahia, Alagoas e Pernambuco. Foi prefeito de Itaporanga D'Ájuda. (BARRETTO, 1949, p. 271) Em anotações avulsas em papéis amarelados deixados por Carolina Garcez, sobre informações deixadas numa carteira pelo Cel. Sílvio Sobral Garcez, registra-se a data de falecimento do seu esposo “na usina São Carlos às 14 horas do dia 26 de outubro de 1951, proveniente de um derrame cerebral fulminante”. Nas mesmas anotações Carolina Garcez descreve o restante dos pagamentos feitos para compra da Fazenda Dira por 30:000\$000 e outros. (EXPRESSIVAS..., 31 de out. 1951)

¹⁰ Maria Augusta Rollemberg, “digníssima esposa do Exmo. Sr. Governador Arnaldo Rollemberg Garcez e Presidente da Comissão Estadual, da Legião Brasileira de Assistência”, L.B.A (grifo nosso) (DIÁRIO DE SERGIPE, Aju, 19 jul. 1954). O seu esposo governou Sergipe no período de 1951 a 1955.

meus senhores, diante da tristeza que ora nos une, nada mais belo e comovente do que o testemunho da vossa dor e da vossa saudade, pelo trespasso objetivo do maior dos vossos amigos [...] (EXPRESSIVAS..., 1951, p. 1).

Conforme o jornal sergipano, fizeram parte do cortejo do pai de José Augusto Garcez, o governador Arnaldo Garcez (seu filho adotivo); o vice governador Edélzio Vieira de Melo; o Desembargador Hunald Cardoso; o Presidente da Assembleia, deputado Sílvio Teixeira; o prefeito da capital Aracaju, Aldedrando Franco, entre outras autoridades influentes da política local e público em geral.

Diante do exposto, percebe-se que os primeiros escritos alusivos ao intelectual José Augusto Garcez referem-se a um homem proveniente de ancestralidade ligada a uma família com muitos capitais econômicos e simbólicos, além de industriários, políticos influentes na sociedade sergipana desde o século XIX. Tal posição seria um fator determinante para José Augusto Garcez inserir-se no campo intelectual sergipano, escrevendo para os diversos jornais e adentrando no jornalismo como apresentador de programa de rádio na PRJ-6, emissora estadual. José Augusto Garcez não subverteu a ordem familiar. Ele enxergou na atividade das letras, nas redes de sociabilidades, um meio de destaque e prestígio no campo intelectual; ao mesmo tempo conciliava a atuação no campo intelectual com a atividade empresarial e com o emprego como fiscal de tributos do Banco do Brasil.

Acrísio Tôrres Araújo (1976, p. 143) dedica uma página para traçar aspectos da vida de José Augusto Garcez, em “Literatura sergipana”. O jornalista e amigo de José Augusto Garcez confirma o ano e lugar de nascimento do intelectual, quais sejam, 1918, São Cristóvão. Conforme o autor, os primeiros estudos de Garcez foram feitos em Itaporanga D’Ajuda; logo após a escola primária prosseguiu seus estudos no Colégio Tobias Barreto. Posteriormente, enviado por seu pai, o coronel Sílvio Garcez, José Augusto Garcez concluiu seus estudos no Colégio Marista Nossa Senhora da Vitória, em Salvador. O que se caracterizou como a sua primeira experiência de moradia fora do estado. Ainda na Bahia, ingressou no Curso de Direito, que por motivos de saúde, não chegou a concluir. Voltou a Sergipe e passou a escrever para jornais locais, do Rio de Janeiro e de São Paulo (ARAÚJO, 1976, p. 143).

Referindo-se a Garcez, Paulo Fernando Teles Morais (1985, p. 60), diz: “logo cedo passou a dedicar-se às letras com subsídio próprio, e a divulgá-las para subsídios dos outros”. Casado com a odontóloga e poliglota, Isaura dos Santos

Pereira¹¹, filha do juiz de direito Manuel Cândido Pereira e Eliphia de Castro Santos Pereira (Ver ANEXO A). Deste enlace, nasceram duas filhas, as senhoras Sílvia Carolina Pereira Garcez Aragão (funcionária pública estadual, pós-graduada em Métodos Quantitativos em Planejamento) e a senhora Isaura Augusta Garcez, que seguiu a profissão da mãe como odontóloga. Conforme escreveu Isaura em 5 de abril de 1946 no verso da fotografia que segue, “o velho com 28 anos e mamãezinha com 26”.

Voltando à carreira escolar de Garcez, o intelectual “estudou nos colégios Tobias Barreto e Maristas na Bahia, onde cursou o superior” e “possui os cursos de Filosofia, Sociologia e Museologia” (MORAIS, 1985, p. 60).

Com apenas dezessete anos José Augusto Garcez segue a sua trajetória conciliando atividade econômica, como exportador de gado, com outras atividades. Em junho de 1935 o intelectual sergipano vai ao Rio de Janeiro possivelmente fazer cursos de aperfeiçoamento nas áreas de Museologia, Filosofia e Sociologia (Ver ANEXO B). Nas folhas amarelecidas deixadas pelos seus pais com informações sobre diversos aspectos do cotidiano dos Garcez como: compras de fazenda, de trator, pagamentos aos fornecedores, pêsames pelo falecimento do filho caçulo “Silvinho” e de conselhos sobre o casamento dos filhos, de preferência “em primeiro lugar saber se a mãe da moça é boa [...] e o pai tem boas qualidades”; aparece a informação da ida de Garcez ao Rio de Janeiro. Essas viagens também servem como experiências e capitais possuídos que vão lhe dar reconhecimento entre os pares nos diversos campos de atuação: “Comprei nessa safra 3 rolos de moenda que paguei desta safra de 1934 a 1935; 22 contos. Neste mesmo ano gastei com José Augusto 10 contos com uma viagem que ele precisou ir ao Rio de Janeiro. Que safra boa!!!! Foi marcada por Deus”¹².

Diante de tais registros, percebe-se o capital econômico que a família de Garcez possuía. Mesmo não concordando com a inserção de José Augusto Garcez no campo literário, os seus pais não deixaram de investir no futuro do filho. Voltando do Rio de Janeiro meses depois, retornava ao Colégio Tobias Barreto. Nessa época, Garcez já mostrava-se propenso às letras. Sair de Itaporanga para estudar em

¹¹ Aracajuana, nascida em mil novecentos e vinte às 7:00 horas. “Formada pela Universidade de Medicina do Recife”. As suas cartas pessoais, endereçadas à Garcez, revelam se tratar de uma mulher letrada, inteligente e auxiliar de José Augusto Garcez no campo da intelectualidade. Falecida aos quarenta e um anos, em 27 de março de 1961, em Aracaju. (GARCEZ, 1967a). Dados conferidos com a Certidão de Nascimento e o jazigo perpétuo da cirurgiã-dentista Isaura Santos Pereira.

¹² Informações avulsas deixadas por Sílvia Sobral Garcez e, posteriormente, por Carolina Garcez. Os documentos acham-se sob os cuidados do pesquisador.

Aracaju não era nada acessível para muitos. Somente alguém com uma herança familiar abastada poderia tráfegar nesse campo restrito aos grupos mais favorecidos.

Como um político, oriundo da classe dos açucorocratas sergipanos, Cel. Sílvio Sobral Garcez tinha poderes políticos e econômicos para tal. No mês de novembro de 1935 eclodia a chamada Intentona Comunista, momento conturbado da história nacional e estadual, com repressão aos comunistas (DANTAS, 2004). Mas, Sílvio Garcez, integrante das lides do Partido Social Democrático de Sergipe (PSD), o qual tinha como chefe maior em Sergipe Leandro Maynard Maciel, obtinha autorização para o seu “chauffeur”, “Pedro Bispo dos Santos, levar os seus filhos, Garcez e seu irmão João, ao colégio Tobias Barreto em Aracaju e voltar para Itaporanga. A transcrição abaixo ilustra esse poder e influência junto ao Interventor do Estado, à época, Eronides Ferreira de Carvalho. A autorização permitia o motorista e os dois jovens irem e virem com o apoio do chefe de polícia da capital e da Diretoria de Segurança Pública:

Aracaju, 30 de novembro de 1935

Aos jovens José e João, estudantes, filhos de Sílvio Sobral Garcez, concede-se [...] convicto para irem e virem desta Capital a villa de Itaporanga, bem como ao *chauffeur* Pedro Bispo dos Santos (chefe de polícia, Diretoria de Segurança Pública, 30 de nov. 1935, CARVALHO, 1935)

Foi a partir dessa possibilidade que Garcez se inseriu na “cultura escolar”. Essa cultura escolar “[...] inculca um conjunto de categorias de pensamento graças aos quais os indivíduos se comunicam e se relacionam” (BOURDIEU, 2011, p. 15). Nesse período, Garcez teve contato com uma plêiade de intelectuais professores e de jovens que mais tarde tornaram-se parte da nata da intelectualidade sergipana.

A tese de doutoramento de João Paulo Gama Oliveira intitulada: “Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954)”, defendida em 2015, o autor aponta a figura de José Augusto Garcez como colega de Manuel Cabral Machado e um grupo de novos “intelectuais”:

Cabral Machado leu, escreveu nos jornais estudantis e foi colega de alunos como Joel Silveira, Lauro Fontes, Fernando Maia, Luciano Mesquita, Márcio Rollemberg, José Augusto Garcez, Célio Costa, entre outros. (GAMA OLIVEIRA, 2015, p. 105)

Em meio à efervescência intelectual destes jovens, José Augusto iniciava uma trajetória de editor dos próprios amigos, construindo um amplo capital social. O seu legado, nesse quesito, foi a criação do seu Movimento Cultural de Sergipe em 1953.

Movimento este que editava obras de diversos intelectuais, em sua maioria, do campo literário sergipano, que será desenvolvido no capítulo seguinte. Ainda se referindo ao contexto da década de 1930, quando ainda ocupava os bancos escolares, Garcez vai editar o jornal “O Estudante”, folha do “Grêmio Literário Tobias Barreto”, pertencente ao Colégio Tobias Barreto, do qual Garcez era aluno. Em uma memória do próprio Manuel Cabral Machado¹³, encontra-se o seguinte registro:

Em 1934, conheci José Augusto Garcez, ginasiano do Colégio Tobias Barreto, mas só em 1935 [...] tornamo-nos amigos, graças a colegas e amigos comuns [...]. E então passei a escrever nos jornaizinhos estudantis editados por José Augusto. (MACHADO, 2016, p.219-222)

Nesse sentido, a trajetória intelectual de José Augusto Garcez cruzou com um grupo considerável de intelectuais que lhe trouxe capitais simbólicos e sociais. O seu itinerário foi comum ao de diversos intelectuais sergipanos. No *Diário de Sergipe*, de 20 de dezembro de 1947, Garcez faz uma síntese da personalidade de um dos seus professores, Artur Fortes¹⁴ e com isso nos revela aspectos da sua vida estudantil no Colégio Tobias Barreto, “não fui apenas um amigo sincero do exímio professor – Artur Fortes; convivi mais arraigadamente recebendo – as suas magistrais lições de História Geral – no inesquecível Colégio Tobias Barreto” (GARCEZ, 1947d, p. 1). Para fazer parte desses grupos e manter-se neles era necessário poder simbólico advindo de muita publicação nos jornais, que se tornaram o meio de entrada para o campo intelectual; nas revistas, locais de difusão de ideias; e na autoria de obras. Pois, conforme Bourdieu (1998, p. 45), no campo literário os produtores produzem para outros produtores. Sendo assim, “[...] os agentes detêm um poder proporcional a seu capital simbólico, ou seja, ao reconhecimento que recebem de um grupo [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 82).

Recorrendo mais uma vez às informações das orelhas de sua obra “Realidade e destino dos museus” (1959b), aos vinte anos José Augusto Garcez iniciava como biógrafo, “estreou com a biografia Prado Valladares (1938) e neste mesmo ano organizou e prefaciou Inéditos e dispersos, do Pe. Luiz G. Cabral S. G.”. As referidas obras foram noticiadas em panfletos publicados pela “Gráfica Editora LTDA: livraria,

¹³ Manuel Cabral Machado escreve sobre Garcez, destaca o seu Movimento Cultural e a paixão desse intelectual pelas letras. Manuel Machado chama-o de “apaixonado das letras”. (MACHADO, 2016, p. 219-222)

¹⁴ Arthur Augusto Gentil Fortes nasceu em Aracaju no dia 23 de julho de 1881. Fez o curso de Humanidades no Atheneu Sergipense, onde lecionou depois História Geral e do Brasil. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; membro da Academia Sergipana de Letras, ocupando a cadeira de número 10. Poeta e colaborador dos diversos jornais sergipanos. Faleceu em 27 de nov. 1944. (BRASIL, 1998, p. 51)

papelaria, encadernação e tipografia”, a qual se localizava à Rua João Pessoa em Aracaju. O panfleto que segue mostra o valor de cada obra, respectivamente, 3\$000 e 4\$000 e as missivas elogiosas destinadas ao jovem autor José Augusto Garcez, com destaque para as elogiosas palavras de Carlos Chiacchio¹⁵.

FIGURA 01 - Divulgação de publicações

GRAFICA EDITORA LTDA.
 Livraria, Papelaria, Encadernação e Tipografia.
 Rua João Pessoa, 91
 ARACAJU — SERGIPE

É obra d'um sábio e d'um exímio artista com a segura intuição do "belo".
Pe. LUIZ GONZAGA CABRAL S. G.
INÉDITOS E DISPERSOS
IX POESIAS
 Prefacio de **JOSÉ AUGUSTO GARCEZ**
PREÇO 4\$000

PRADO VALLADARES foi um grande cultor da língua e um grande cientista.
JOSÉ AUGUSTO GARCEZ
PRADO VALLADARES
 Prefacio de **MARIO PEIXOTO**
 PROF. DE ODONTOLOGIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.
PREÇO 3\$000

JOSÉ AUGUSTO GARCEZ, discípulo grato do saudoso Pe. LUIZ GONZAGA CABRAL, é quem lhe edita o volume postumo de Inéditos e Dispersos. Ação notabilíssima. A dois tempos. Rende-lhe a homenagem devida e salva-lhe a criação poética. A poesia de GONZAGA CABRAL, embebe-se antes de amor que de protesto. Toda ela é macia e mansa como a própria macieira e mansidão.

CARLOS CHIACCHIO

JOSÉ AUGUSTO GARCEZ é medularmente um activo. Julga, e bem, que os pantanos do espirito, como aguas estagnadas, produzem os germens da morte. Quer movimento e dynamismo. Ainda ha poucos mezes escrevia a biografia de **PRADO VALLADARES**. Agora brinda o circulo imenso dos admiradores do Pe. CABRAL, com o volume **IX dos INÉDITOS E DISPERSOS**, onde recolhe toda a produção poética do grande sacerdote. Com autor e proficiencia critica, prefacia as suas poesias.

Pe. LUIZ GONZAGA MARIZ, S. J. Instantaneo do meu Kodack

Acham-se á venda em todas as livrarias da BAHIA e SERGIPE.
 Faça-nos a sua encomenda de livros que desejar

RIO, 21 DE AGOSTO DE 1939
 Meu caro JOSE AUGUSTO GARCEZ
 Recibi, no devido tempo, os dois opusculos que V. teve a gentileza de enviar-me: "PRADO VALLADARES" e os "INÉDITOS E DISPERSOS" do nosso grande e saudoso Padre Cabral. Em ambos se descortina sua intelligencia brilhante e seu amor aos amigos — virtude rara neste seculo de desmemoriados. Sobre o livro do Padre Cabral dei a noticia, cujo recorte lhe mando annexo. Mais tarde — se Deus quizer — falarei do seu "PRADO VALLADARES".

Mande suas ordens para o admr. e amigo.
BERILO NEVES
 Rua Miguel Lemos, 57
 (Copacabana)


José Augusto Garcez

Fonte: Acervo particular de Sílvia Garcez.

De editor de jornais estudantis no Colégio Tobias Barreto, a editor e autor de livros no mercado editorial, assim iniciava-se a fase adulta de José Augusto Garcez

¹⁵ Ensaísta, poeta, crítico de arte, professor e jornalista mineiro radicado na Bahia. Fundador de agremiações literárias como a "Ala das Letras e das Artes" da qual José Augusto Garcez era sócio. Logo, as evidências mostram os contatos de intelectuais de diferentes lugares na luta pela valorização do campo intelectual.

no campo intelectual sergipano, com artigos em diversos jornais; entre eles, o *Diário de Sergipe*, a *Gazeta de Sergipe*, o *Sergipe Jornal* e o *Correio de Sergipe*.

Em um artigo publicado na Revista da Casa de Sergipe no ano de 1992, o pesquisador e escritor, amigo de Garcez, Luiz Antônio Barreto, intitulou o seu trabalho sobre Garcez de, “JAG, um estranho homem” e destacava a determinação de Garcez pelo mundo das letras dizendo: “como um insurgente quebrou, ainda cedo, os vínculos pessoais e econômicos com a família e se fez, por vontade férrea, um homem dedicado à causa cultural” (BARRETO, 1992, p. 205).

Assim, percebe-se que os microclimas já partiram da relação familiar, contudo, não a ponto de quebrar por completo os vínculos pessoais e econômicos. Na construção da sua trajetória, Garcez vai utilizar tanto os capitais econômicos provindos da sua família, como já se expos quando da sua ida ao Rio de Janeiro em 1935, quanto à perpetuação dos capitais sociais, das heranças de família, afirmando nas suas publicações, com considerável repetição o seu vínculo aos Garcez. Ainda referente a esse relacionamento pendular de Garcez e o seu pai Sílvio Garcez, um bilhete escrito pelo filho, já escritor, mostra a sua decepção em relação ao seu genitor ao revelar o desleixo do mesmo pelo campo intelectual. Possivelmente tal posicionamento do seu pai só contribuiu para que Garcez jogasse com todas as armas possíveis em busca do sucesso nesse campo. Segue na íntegra o documento revelador das personalidades distintas:

Atenção, coisas da vida

No dia 4 de julho de 1943, meu pai em colóquio com meu sócio Aminthas Garcez, revelou entusiasmado o seguinte: - Juro Aminthas-se o José morrer não faço absolutamente questão destas porcarias (referindo-se à biblioteca e demais objetos) eu darei tudo. Horas depois o amigo Aminthas, revelou-me sem pretenções de intrigas. Fiquei um momento em silêncio, em resposta às palavras (...) cheias de incentivo do meu velho pai. Aquelas palavras penetraram no meu espírito de vinte e quatro primaveras, transbordando o meu coração de grande pesar, por ver e sentir as grandezas d'alma de um pai. Deste dia em diante não desvaneci, preparei no dia 7 do mesmo mês um fichário. Folha de inventário da minha biblioteca. Para que formei, para que esforçar-se. Para que forjar no cadinho do esforço uma glória que em breve, seria posta a baixo. Feliz dos que nascem ignorantes e continuam ignorantes, apenas sabido (...) ludibriando uma sociedade de faixadas, que deixam (...) de dôr, dôr, dôr... Não aconselho ninguém ler, cada um que veja o seu destino. Deus o deu (GARCEZ, 1943, p. 1).

O teor do escrito acima mostra o quanto Garcez se decepcionou com o seu pai pelo desdém à biblioteca. Esta hoje é a Biblioteca Tobias Barreto situada na

Universidade Tiradentes, no bairro Farolândia. Em muitos pontos do bilhete Garcez é irônico quanto “às palavras cheias de incentivos” e “as grandezas d’alma de um pai”. Todavia, Garcez manteve-se no seu intento publicando para os diversos jornais.

Sobre a importância da participação dos intelectuais sergipanos nos referidos periódicos, Antônio Fernando de Araújo Sá (2016, p. 77), sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e professor da Universidade Federal de Sergipe, enfatiza que “esses artigos demonstram a importância dos jornais para a afirmação intelectual de jovens escritores” [...]. Segundo Sá, produzir nesses veículos de comunicação era uma forma de distinção social que habilitava o intelectual a fazer parte dos meios culturais e educacionais. Foi assim que Garcez foi acumulando capitais e reagindo no campo da intelectualidade sergipana.

Em artigo publicado na *Revista de Aracaju* em 2002, Cristiane Vitória de Souza, sobre os intelectuais em Sergipe na primeira República, observa que era necessário emigrar para outros centros “civilizados” para se auto-afirmar como homens das letras, como intelectuais possuidores de capitais reconhecidos e legitimados pelos pares. No entanto, apesar de viajar para o Rio de Janeiro, Bahia, Recife e outros estados brasileiros, José Augusto Garcez não foi um intelectual emigrado. Ele usou estratégias para atuar como intelectual na sociedade sergipana, buscando legitimidade a partir de redes de sociabilidades construídas com os intelectuais da província e com vultos nacionais e internacionais; e o canal mais eficaz pra tal foram as incontáveis missivas direcionadas a diversos nomes da intelectualidade brasileira e até estrangeira e a sua atuação no radialismo provinciano. Nesses contatos, os elogios fáceis, comuns entre eles, lhe davam visibilidade e afirmação no campo da intelectualidade. Nesse sentido, as citações sobre si serviram para a sua construção enquanto agente cultural e homem das letras em Sergipe desde as suas primeiras editorações e publicações até a sua entrada para a Academia Sergipana de Letras em 1972.

A partir do até aqui exposto, percebemos que experiências literárias e jornalísticas foram sendo adquiridas pelo jovem José Augusto Garcez dentro e fora de Sergipe.

Sobre aspectos da trajetória e engajamento cultural de José Augusto Garcez, o historiador e escritor Acrísio Tôres Araújo (1976, p. 143) afirma: “foi grande a luta de JAG em prol do soerguimento cultural do estado e defesa de seu patrimônio histórico e artístico”. O próprio José Augusto Garcez no seu livro *Destino da Província* (1954), afirma que pertenceu a quinze instituições culturais. “Sendo

considerado, pioneiro da recuperação cultural do Estado de Sergipe” (MORAIS, 1985, p. 60).

Longe de se pensar numa reconstrução completa da trajetória de José Augusto Garcez; de uma história linear e determinista com início, meio e fim. Os silêncios, as lacunas, são evidentes. Algumas preenchidas a partir de um trabalho árduo de pesquisa nas fontes e do cruzamento de informações nas evidências encontradas. Outras, não esclarecidas por falta de tais documentos. A partir do que vem sendo exposto, percebe-se que a trajetória de Garcez foi sendo preenchida com diversos capitais adquiridos ao longo da sua atuação no campo da intelectualidade. Inevitavelmente, tal postura o levou à “imortalidade” quando entrou para a Academia Sergipana de Letras, em 1972. A propensão para as letras não foi uma simples determinação, ou predestinação. Mesmo contra a vontade dos seus pais, o campo intelectual produziu no agente Garcez a “illusio”, que nada mais é do que o interesse pelo jogo no campo intelectual (BOURDIEU, 2004, p. 30-31). Todavia, o sonho e os caminhos de Garcez para chegar à Academia Sergipana de Letras não foram retilíneos, muito menos fáceis. Os fragmentos e os microclimas no campo intelectual são aspectos importantes a serem considerados nessa caminhada. Acrescendo a isso, todo um contexto político, econômico, cultural e social no qual o agente estava inserido. O ano de 1947 será marcado por acontecimentos traumáticos tanto na vida intelectual de Garcez como na vida política de Sergipe. Inevitavelmente, os intelectuais, como agentes políticos, vão se posicionar diante dos acontecimentos.

Na seara intelectual, Garcez vai se inscrever aos vinte e nove anos para a cadeira número 10 da Academia Sergipana de Letras, vaga essa deixada pelo fundador da cadeira, um dos professores de Garcez, o poeta Arthur Fortes quando do seu falecimento em 1944. Segundo informa o Diário de Sergipe do dia 3 de dezembro de 1947, o artigo 4 do Estatuto da Academia Sergipana de Letras, no seu segundo parágrafo, dizia:

Só pode ser candidato quem tenha merecimento intelectual comprovado em publicações de caráter literário, linguístico ou científico, milite na imprensa ou exerça o magistério superior ou secundário (GARCEZ, 1947a, p. 1)¹⁶.

Dos capitais exigidos pelo referido edital, Garcez só não exercia “o magistério superior”. Para a inscrição era necessário dirigir uma carta ao então

¹⁶ Ver também Estatutos e Regimento Interno da Academia Sergipana de Letras de 1948, p. 4.

presidente do sodalício, José Magalhães Carneiro, ou ser indicado por proposta subscrita por cinco acadêmicos. Anexo à carta dirigida ao então presidente da Academia Sergipana de Letras, Garcez encaminhou ao mesmo uma relação contendo vinte e quatro trabalhos entre eles: a biografia *Prado Valladares* e o prefácio de *Inéditos e Dispersos*, do jesuíta Luiz Gonzaga Cabral. Nessa época, Garcez era jornalista membro da Associação Brasileira de Imprensa, da revista *Ala e Letras* da Bahia e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. A proposta foi assinada por cinco membros, quais sejam: Antônio Garcia Rosa, Exuperio Monteiro, Epifânio Dória, Marcos Ferreira e Freire Ribeiro. Com o objetivo de chegar à academia, Garcez afirmou: “Apegando-me às palavras de Máximo Gorki – só são homens os que se atrevem a encarar de frente o sol. – Vou tentar ascenso na ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS” (GARCEZ, 1947a. p. 1).

Os microclimas ocorridos no campo intelectual sergipano tinham as páginas dos jornais como uma das suas trincheiras. Nelas os intelectuais defendiam-se e atacavam os seus pares. Garcez, por exemplo, utilizou o *Diário de Sergipe* para defender as suas ideias e protestar o inesperado cancelamento da sua tentativa de ascenso na Academia Sergipana de Letras. Como dito anteriormente, a cadeira de nº 10 ficou vaga com a morte do poeta e professor Arthur Fortes. Soubesse ou não, a vaga para a disputada cadeira já tinha o eleito, o professor e historiador José Calasans Brandão da Silva. Ele foi eleito para a dita cadeira anteriormente. Zózimo Lima prorrogava a posse do professor dando um prazo de 180 dias à tomada de posse do eleito, conforme o regimento da egrégia instituição. Segundo publicação no *Diário de Sergipe* de 29 de dezembro de 1947, Zózimo Lima justificava que, “o dr. José Calasans ainda não tomara posse de sua Cadeira por motivo de moléstia e interesses pessoais que o levaram a residir na Capital do Estado da Bahia” (ACADEMIA..., 1947, p. 1)¹⁷. Tal prorrogação apresentada por Zózimo Lima anulava o “Edital publicado chamando concorrentes àquela Cadeira”¹⁸. A cadeira continuou vaga até 27 de junho de 1949 quando tomou posse dela o professor Severino

¹⁷ Segundo o professor e historiador Antônio Fernando de Araújo Sá, José Calasans reduziu a sua produção historiográfica sobre Sergipe justamente nessa fase, quando emigra para Bahia “em busca de aventuras intelectuais, mais precisamente, por sua paixão pela Guerra de Canudos, que lhe tomara a maior parte do tempo de suas pesquisas”. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 91)

¹⁸ A Cadeira de número 10 da Academia Sergipana de Letras continuou vaga até 27 de junho de 1949 quando tomou posse o prof. Severino Pessoa Uchôa, eleito em 28 de outubro de 1948 como o primeiro sucessor para essa Cadeira. Com a sua morte em 15 de julho de 1983, passou a ocupá-la o poeta Hunald Fontes de Alencar (desde a sua posse em 17/06/1984). Com a morte de Hunald (21/05/2016), tornou-se o seu ocupante atual o contista itabaianense Antônio Francisco de Jesus Saracura, que tomou posse a 21 de outubro de 2016 (Informações concedidas pelo intelectual Jackson da Silva Lima).

Pessoa Uchoa, eleito em 28 de outubro de 1948 como o primeiro sucessor. A respeito da situação, José Augusto Garcez se manifesta:

[...] à presente sucessão do pioneiro bendito da Cadeira Nº 10, - lentamente vai tomando fôros de sensacionalismo. Num dos versos de Scheiller, - Lê-se: - “Trazia um semblante antes do acontecimento e outro depois de consumado o fato”. Da tribuna da imprensa, afirmo alto e bom som – que não me curvarei ao labéu atirado por uma reviravolta: conservarei o mesmo semblante, - pois acima dos preconceitos, - prevalece a palavra doiro e a coragem varonil de todos que me vêm indicando – uma posição retilínea – e nesta continuarei sem considerar a frágil cortina de fumaça que se evola na estrada esplendorosa das nossas letras. [...] Permanecerei egoisticamente coeso à minha divisa, - a mesma do preclaro Mestre Osvaldo Cruz – “Não esmorecer, para não desmerecer”. [...] Inscrevi-me à cadeira Nº 10 – a fim de prestar duas homenagens: - uma à memória do saudoso professor Arthur Fortes e a outra “à própria egrégia instituição pela sua morte dolorosamente enlutada” (GARCEZ, 1947b, p. 1-14).

Enquanto isso, no campo político, Sergipe vivia um momento tenso marcado pela caça aos comunistas. Se nacionalmente tinha-se essa campanha, em Sergipe tal perseguição ficou mais latente quando o militante Anísio Dário foi morto no centro de Aracaju, no dia 29 de novembro de 1947, defronte ao antigo Cinema Rio Branco, com um tiro partido do esquadrão da cavalaria, que tentava impedir o comício dos comunistas contra a suspensão do registro do seu partido. O *Diário de Sergipe* de 1 de dezembro de 1947 contribuía para difundir o anticomunismo. O mesmo órgão, criado em 1944, noticiava da seguinte forma o acontecimento: “Vítima da sanha sanguinária dos esbirros moscovitas foi morto em plena via pública o operário Anísio Dário” (VÍTIMA..., 1 dez. 1947. p. 1).

Em homenagem ao operário morto em plena via pública, o intelectual e poeta José Sampaio (1996) publicou, em 1952, no *Diário de Notícias de Salvador*, o poema “Canto do negro morto”. Tal publicação mais tarde foi editada por José Augusto Garcez através do Movimento Cultural de Sergipe, em “Obras completas de José Sampaio” (1956). Na íntegra se percebe a atuação dos intelectuais frente aos acontecimentos, num momento agitado da vida política dos sergipanos:

Um arrepio na noite...
De repente,
um homem morto na rua.
O rosto permanece vivo das suas palavras.
Dos cantos dos olhos descem dois grandes rios.
Onde irão parar esses rios de tão intensa alvura?
As mãos do negro abertas para o ar,
cheias somente da noite.

As manchas vermelhas na calçada
 são as únicas rosas que florescem
 em torno do seu corpo...
 O vento da noite, de balde,
 tenta gelar o coração da companheira
 onde o negro muito antes da morte
 acendeu uma estrela...
 Os filhos do morto procurarão o pai e um dia
 o encontrarão, amanhã ou mais além.
 A noite conduz um recado no lombo do vento.
 E a cidade se alegra.
 As mãos abertas para o ar
 esperam a madrugada. (SAMPAIO, 1956, p. 19-20)

De volta à trajetória de Garcez que em meio a esse contexto não esmoreceu, não se curvou. Passou a se dedicar às letras de forma mais efetiva, lançando alguns títulos. Ingressa como funcionário do Banco do Brasil, emprego franqueado a um grupo seletivo por indicação nominal de Getúlio Vargas, como fiscal do banco, percorre todo Estado trabalhando, pesquisando e descobrindo vestígios da cultura indígena brasileira. Nesse campo também deu grande contribuição, com achados de urnas e artefatos. Foi o idealizador do *Serviço de Pesquisa e Documentação Cultural-Científica*, cuja função era resgatar documentos da história sergipana, hoje parte dessa documentação encontra-se em um fundo denominado “Garcez”, no Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES). Foi Garcez o intelectual também criador da Biblioteca Popular Tobias Barreto, hoje instalada na Universidade Tiradentes, no bairro Farolândia; o fundador, em 2 de fevereiro de 1948, do primeiro museu sergipano (*Museu Sergipano de Arte e Tradição*), sendo por isso um precursor da Museologia no Estado. Conforme Santos (2011, p.9), em seu trabalho monográfico em Museologia, “as ações de Garcez estabeleceram pontos fulcrais para os novos fazeres museológicos em Sergipe”. Para ele, a prática de Garcez nesse campo foi “fundamental para a formação do pensamento museológico social sergipano na contemporaneidade”. O referido museu era sediado “em Aracaju e na cidade de Itaporanga D’Ajuda” (SANTOS, 2011, p. 43). Segue uma visão inédita do que seria o primeiro museu sergipano particular de Garcez em Aracaju. No frontispício desta instituição sergipana, fundada por José Augusto Garcez no final da década de 1948 estava grafado: “Museu, Arte e Tradição”.

FOTO 02 - Museu de arte e tradição (1948)



Fonte: Acevo particular de Sílvia Garcez.

Outra atividade que passou a ser exercida por José Augusto Garcez foi o radialismo em 1949. Contudo, se constituía um radialismo cultural, voltado às letras e à difusão de obras literárias, discursos de personalidades e intelectuais do estado. Idealizou um programa denominado Panorama Cultural Luso Brasileiro da PRJ-6 (antiga Rádio Difusora de Sergipe). Nele eram gravadas obras de autores consagrados, bem como de novatos que se arriscavam no mundo das letras. Segundo o estudioso Acrísio Tôrres, seu contemporâneo, acredita que a partir desse programa, José Augusto Garcez tornou-se “o precursor da introdução, no país, da poesia e prosa faladas” (ARAÚJO, 1976, p.143). O índice da obra, *Sonho e Realidade*, de José Maria Fontes (1955) informa que o poema, “*Falando a alguém que vai morrer*”, foi gravado em disco para o programa radiofônico “Panorama Cultural Luso-Brasileiro”, dirigido por José Augusto Garcez. Segue imagem de Garcez no Programa Cultural Luso-Brasileiro.

FOTO 03 - Garcez na Rádio Difusora de Sergipe



Fonte: Acervo particular de Sílvia Garcez.

Garcez inovava a forma e diversificava a maneira de publicar. No próximo capítulo dessa dissertação se apresentará junto às publicações do Movimento Cultural de Sergipe, os resquícios dessa discografia publicada por Garcez. De acordo com Luiz Antônio Barreto (1992, p. 206), muitos intelectuais:

[...] escreveram seus trabalhos especialmente para a leitura no programa de rádio de José Augusto Garcez. Outros experimentaram, nos tipos móveis da Livraria Regina, a leitura clássica dos livros, que se tornaram em obras essenciais ao evoluir literário de Sergipe.

Finalmente, em 1953, JAG vai fundar o Movimento Cultural de Sergipe, que tinha sua sede na Avenida Barão de Maruim, 629, na cidade de Aracaju no mesmo endereço e local do Museu de Arte e Tradição. Sobre a intenção, finalidades e abrangência do referido movimento foi divulgado na imprensa sergipana:

[...] com o elevado intuito de desenvolver a cultura em terras sergipana e mesmo em todo nordeste, o escritor José Augusto Garcez criou o Movimento Cultural de Sergipe, [...]. É uma de suas finalidades, divulgar obras e auxiliar intelectuais pobres, dando

margem, de tal modo, que inúmeros talentos que jazem na obscuridade, por faltar-lhes o amparo preciso, expandam as luzes dos seus espíritos, cooperando para maior riqueza da intelectualidade pátria (MOVIMENTO..., 1954d. p. 1).

A trajetória de Garcez agrega além da sua atuação no campo intelectual, o seu interesse no campo político. Ou seja, Garcez vai investir os seus capitais no campo político como candidato a Deputado Estadual em 1954. Para tanto, tenta usar seus capitais simbólicos de intelectual, jornalista, radialista, poeta, historiador e escritor sergipano. Além de se valer da sua herança de família para angariar votos pelas lides do Partido Social Democrático (PSD), o mesmo do seu cunhado-irmão, governador por Sergipe, Arnaldo Rollemberg Garcez (1951-1955).

A “Organização Sergipana de Publicidade Studio, Av. Augusto Maynard”, emitia recibo de pagamento de Garcez do seu anúncio político em 1954: “Recebi do Dr. José Augusto Garcez, a quantia de Cr. \$ 100,00 (cem cruzeiros), referente à divulgação de seu anúncio político (Candidato a Deputado Estadual), referente ao mês de setembro do corrente”¹⁹.

Os pleitos eleitorais não eram nada calmos nesse período. Vivia-se o auge da política populista de Getúlio Vargas. Conforme Ibarê Dantas (2004), “Em Aracaju, a carta testamento de Vargas foi lida dramaticamente na Rádio Difusora, acompanhada de comentários sensacionalistas”. Tais comentários seriam dirigidos a maior oposição da aliança PSD/PR, os “udenistas”, que tinham como ícones, Leandro Maciel e Luiz Garcia, vencedores do pleito 1955-1962.

Como cabo eleitoral de Garcez destacou-se a sua mãe, Carolina Sobral Garcez. Em carta endereçada ao seu filho, a senhora acabara mostrando a visão que se tinha dos “udenistas” e a fé na vitória do candidato Garcez:

Graças a Jesus vou passando bem e tudo calmo e com ajuda de Deus e de Maria Santíssima haveremos de vencer. Não fale nada Exercito deixe para os Udenistas que com certeza trazem. Não fale nada. Vamos trabalhar com calma e delicadeza mesmo por causa da minha saúde [...]. Não precisa mais de chapa nem de proclama o que tem dá [...]. Já está eleito [...]²⁰.

O candidato a deputado estadual, José Augusto Garcez, também fez uso do Serviço de Alto-Falante de Aracaju, “A voz do comércio”, localizada à Rua Itabaianinha, propriedade de Hamilton Ludovice. Além dessa forma de popularizar o

¹⁹ O referido recibo encontra-se sob a guarda do pesquisador.

²⁰ Carta emitida por Carolina Sobral Garcez, vulgo, Zazá. A missiva não datada encontra-se no acervo particular do pesquisador Silvaney Silva Santos.

seu nome pelos alto-falantes no campo político aracajuano da década de 1950, Garcez expunha seus atributos no que hoje se denomina santinhos e Carolina chama de proclama. Mesmo com as estratégias para se eleger, Garcez não logrou êxito no campo político como as gerações anteriores de intelectuais sergipanos. (Ver (Anexo C) Panfleto da campanha de Garcez para Deputado Estadual em 1954.

Pode-se afirmar que toda biografia não passa de uma ilusão biográfica pela impossibilidade de se dar conta de uma vida na sua completude. No caso da trajetória do intelectual José Augusto Garcez não é diferente. Há muito ainda a se pesquisar sobre a vida intelectual deste sergipano. O mesmo escreveu para quase todos os jornais sergipanos com uma considerável frequência. Reunir e analisar toda a sua produção demandaria muito mais tempo.

A derrota no campo político não arrefeceu a produção intelectual de José Augusto Garcez. O mesmo continuou com sua atividade na imprensa sergipana. Através do *Panorama Cultural*, divulgava as obras e os autores sergipanos; e deu prosseguimento ao Movimento Cultural de Sergipe, associado ao rádio sergipano, era uma maneira de dar visibilidade a si e ao seu grupo. Nas folhas dos jornais levantou a bandeira dos intelectuais. A sua escrita voltava-se para efemérides de personalidades intelectuais e políticas; escreveu sobre economia, destacadamente o problema da seca, do algodão e da agropecuária sergipana.

A documentação analisada indica que a produção de Garcez por meio do Movimento passou por algumas interrupções. Na década de 1960, após alguns meses inativo, o Movimento por meio do citado intelectual continuou editando obras de autores sergipanos, com destaque para Santos Souza. A maneira mais eficaz para se dar visibilidade a sua atuação neste campo era através dos jornais. A *Gazeta de Sergipe* de 25 de janeiro de 1964, destacava, “Hoje livro de Santos Souza”; a matéria anunciava:

Em edição do Movimento Cultural de Sergipe, será lançado às dez horas da manhã de hoje, na Livraria Regina, o novo livro do consagrado poeta sergipano Santos Souza, instituído “Pássaro de Pedra e Sono”. (HOJE..., 1964, p. 4)

Conforme entrevista com Jackson da Silva Lima, com o instaurar do regime ditatorial no Brasil, em março de 1964, o Movimento editorial de Garcez foi perdendo força. Um ano mais tarde Garcez deixa o programa no jornalismo radiofônico, mas não abandona a sua peregrinação em busca de vestígios da nossa ancestralidade. Na década seguinte vai lutar por uma vaga na Academia Sergipana

de Letras. Tal intento vai se efetivar no dia 15 de novembro de 1972, como mostra o *Jornal da Cidade*:

Tomará posse na Academia Sergipana de Letras, às 20:00 hrs. Do dia 15 próximo, quarta-feira, José Augusto Garcez, figura das mais importantes no cenário das letras, das artes e da cultura neste nosso Sergipe Del Rey. Espírito dinâmico, inquieto, trabalhador, vibrante e corajoso, ele vai, sem a menor sombra de dúvida trazer nova vida à Academia. Com a sua teimosia, perseverança, e desassombro, vai, temos certeza, brigar com quem seja preciso para a criação das condições necessárias a uma mudança de vida naquela tradicional sociedade. Homem experiente, com vários e vários anos lidando com as coisas da cultura, José Augusto Garcez sabe como gritar, com quem gritar, para conseguir os meios dos quais a Academia precisa, para cumprir suas finalidades. Em Sergipe cultura só se faz no berro. [...] Em Sergipe a gente vale muito mais pelo mal que possa causar de que pelo bem que possa fazer [...]. (ALENCAR FILHO, 1972, p. 1-12).

Segundo Moraes (1985, p. 60), José Augusto Garcez foi “o imortal da Academia Sergipana de Letras que publicou mais de quarenta obras, sendo portador da medalha de Mérito Cultural de Sergipe Inácio Joaquim Barbosa”.

Em uma das suas obras, *Mensagem Renovada: Idéias e Ação*, de 1975, tem-se a informação que José Augusto Garcez entrou para Academia Sergipana de Letras em 15 de novembro de 1972, ocupando a cadeira de número 22 do seu antecessor João Passos Cabral. A luta no campo da intelectualidade em prol da Academia Sergipana de Letras e dos seus intelectuais foi representada no *Jornal da Cidade* pela seguinte charge:

FIGURA 02 - Charge representando Garcez como um intelectual lutador



Fonte: Alencar Filho (1972).

Em seu discurso de posse para a Academia Sergipana de Letras, José Augusto Garcez intitulou-se [...] “humilde operário das letras” [...] (GARCEZ, 1975c, p. 2). Como patrono escolheu o seu tio, Martinho Cesar da Silveira Garcez e como relator de seu parecer para ingresso na Academia Sergipana de Letras foi escolhido João Batista Perez Garcia Moreno que escreveu:

Os que vivem em Sergipe, atentos às manifestações de sua atividade cultural, enxergam no Sr. José Augusto Garcez uma personalidade marcada pelos traços de muitos valores. Trata-se de um trabalhador incansável de diversas áreas da cultura sergipana: poesia, ensaios, história, biografia. Suas publicações estão à altura do melhor que se faz nesta província. [...] O Movimento Cultural de Sergipe que ele criou e mantém com um extraordinário esforço de revelação e projeção de figuras definitivas da literatura provinciana [...] O Destino da Província, Ensaios, Holandeses em Sergipe, Invasão das Estrelas, Tributo ao Mérito, Interior da Cidade Subterrânea, Canudos Submerso, Aurora e Sangue, Realidade e Destino dos Museus, Minha Luta pela Sobrevivência da Cultura em Sergipe Del Rey, Mensagens, Luís da Câmara Cascudo e João Ribeiro valem nítidos sinais de demarcação, fincados pelo candidato, no território da literatura sergipana. [...] O sr. JAG traz a aptidão que se deseja para ser inscrito candidato ao preenchimento da cadeira nº 22, da A.S.L.

Aju (SE), 3 de ago. 1969. João Batista Perez Garcia Moreno – Relator; Acadêmicos - José Sebrão de Carvalho, Sobrinho e João Freire Ribeiro. (GARCEZ, 1975c, p. 52).

Em conclusão, José Augusto Garcez não se curvou diante das batalhas no campo da intelectualidade sergipana, por isso chegou à tão desejada Academia Sergipana de Letras. A busca constante por posicionamento no “jogo” por capitais o levou ao posto maior no campo em disputa. Para tal o Movimento Cultural de Sergipe foi de suma importância pelas diversas publicações. Conforme Anexos D e E, podem ser vistos o diploma de Garcez e a imagem de momento solene do intelectual ao lado do poeta Santo Souza. Tais ilustrações representam capitais adquiridos pelo agente no campo da intelectualidade, os quais somados são mecanismos de diferenciação no campo que demarcam as posições ocupadas pelos agentes.

Como afirmou Barreto (1992, p. 206), “não se poderá escrever uma história contemporânea da vida cultural sergipana sem colocar, num destaque justo, o Movimento Cultural de Sergipe, com seu fundador e divulgador” [...]. José Augusto Garcez faleceu em 12 de janeiro de 1992, aos 74 anos de idade. Mas através da sua obra tornou-se imortal, fazendo parte da história, da cultura e da intelectualidade sergipanas como o maior editor do seu tempo, um descobridor de escritores locais. Um difusor das letras a nível local, nacional e internacional. Fato comprovado através do Movimento Cultural de Sergipe que se verá no próximo capítulo. O jornal Gazeta de Sergipe de 14 de janeiro noticiava o passamento do intelectual e sintetizava a sua atuação no campo da cultura e das letras sergipanas:

[...] Escritor, agente cultural, mecenas, José Augusto Garcez tem seu nome vinculado a um determinado tempo histórico da vida sergipana e por isso mesmo a sua memória deverá ser permanentemente evocada como forma de fazer justiça ao seu trabalho de idealista. [...] José Augusto Garcez foi insubmisso à vida familiar. [...] Definiu-se pela carreira cultural, tomada em paralelo ao exercício funcional de bancário, no velho e tradicional Banco do Brasil [...]. Nos fins dos anos 40 e início dos 50, JAG teceu sua mais consistente ideia; a criar o Movimento Cultural de Sergipe revelou grandes nomes da vida literária do Estado, como o maior poeta Santo Souza, a também poeta e romancista Giselda de Moraes, garantindo ainda a Florentino Menezes um contato contemporâneo com os novos, e a José Sampaio uma glória que ainda hoje se expande na certeza da importância estética e social de sua poesia. Muitos outros, como o próprio fundador e diretor do MCS saíram do anonimato, ou do ineditismo, para a convivência intelectual sergipana. [...] JAG pertenceu a uma geração que está extinta com a sua morte, a dos

mecenas, a dos colecionadores de objetos culturais, a dos dedicados à causa intelectual [...]. (GARCEZ..., 1992)

3.1 O intelectual em torno das estratégias discursivas

[...] Enquanto isso, mantém correspondência literária com cinco partes do mundo. Garcez tem alguma coisa de mágico na sua atividade insofrida e desajudada, e se há quem não se entusiasme com o seu hábito de publicar todas as cartas que recebe, da terra de Guaraní às ilhas Malvinas, nem por isso podemos negar a utilidade desse escritor, escrevendo, editando, providenciando, mostrando que Sergipe não se entregou, não desanima, que Sergipe escreve poemas, contos, ensaios e estudos históricos (Carlos Drummond de Andrade). (GARCEZ, 1958, p. 43-44)

A citação acima do grande escritor modernista oferece algumas observações importantes acerca das estratégias de José Augusto Garcez para ganhar notoriedade no campo intelectual sergipano. “Seu hábito de publicar todas as cartas” era um meio de criar uma rede de sociabilidade capaz de legitimar os seus escritos através do seu movimento editorial, o Movimento Cultural de Sergipe, e de notabilizar o seu grupo de escritores envolvidos no referido movimento cultural. Nesse sentido, compreender as estratégias discursivas usadas por José Augusto Garcez, a sua práxis, concorre para uma melhor percepção dos principais eventos dessa trajetória intelectual no cenário aracajuano no período em foco.

Ao contrário de uma geração precedente de intelectuais sergipanos emigrados, os chamados intelectuais tobiáticos, a maioria daqueles que faziam parte dos capitais sociais de José Augusto Garcez permaneceram na pequena província. Todavia, a regra era clara: para ter reconhecimento, capitais culturais e simbólicos, era necessário, mesmo sem sair do estado, ser citado por seus pares como forma de reconhecimento. Tal prática era muito comum. Os escritos de Garcez estão cheios de menções e repetições exaustivas de elogios às suas publicações.

Outro olhar para o discurso, é buscar apreender a mágica de José Augusto Garcez para, de maneira desajudada, editar obras dos autores sergipanos. Seria Garcez um herdeiro dos mecenas que o precederam, bancando a editoração dos livros lançados ou se, fora do discurso, sua mágica seria realizada através do apoio financeiro do governo municipal, estadual ou advindo de financiamento voluntário? Tais problemáticas serão desvendadas no capítulo alusivo especificamente ao Movimento Cultural de Sergipe como, por exemplo, as práticas do “mecenato particular” e do “mecenato estatal” (SOUZA, 2002, p.189-203).

Sobre as redes de sociabilidades, Maurice Agulhon vai afirmar que *la sociabilidad es una buena clave para la comprensión de los mecanismos socioculturales* (AGULHON, 2009, p.146). No seu estudo, Agulhon destaca a importância das instituições, salões, cafés, gabinetes de leituras e das linguagens construídas nesses espaços para mostrar como se constrói a cultura de um lugar. No mesmo caminho, Sirinelli (2003, p. 258), salienta que “as ideias não passeiam nuas pela rua; que elas são levadas por homens que pertencem eles próprios a conjuntos sociais”. Logo, inserir José Augusto Garcez nesses conjuntos sociais, nos espaços culturais de Aracaju é uma maneira eficaz de compreender a sua trajetória no campo intelectual sergipano e as suas ideias em meio a um período efervescente de debate entre diferentes correntes ideológicas. Sirinelli alude no seu estudo às estruturas elementares da sociabilidade, que é o vínculo do intelectual com os periódicos, lugares onde os laços se atam. Em outras palavras, as revistas serviriam como lugares preciosos para a análise de movimentos de ideias. Nas palavras do autor, as revistas eram “um lugar de fomentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (SIRINELLI, 2003, p. 249). Ainda como parte da estrutura elementar por ele caracterizada, tem-se os manifestos e a noção de geração. Os primeiros serviriam como um sismógrafo, para dimensionar as ondas, o afloramento de ideias, ou o que o autor chama de “microclimas”; na sociabilidade estão inseridos o afetivo e o ideológico. E a noção de geração diz respeito às referências herdadas pelo intelectual.

Nessa perspectiva situa-se a trajetória de José Augusto Garcez. O mesmo, como já evidenciado, figurou no meio intelectual sergipano nos jornais locais, os quais eram a porta de entrada para o início de uma carreira promissora no campo do intelecto na pequena província. Mário Cabral, em “Roteiro de Aracaju”, insere José Augusto Garcez em meio a uma plêiade de intelectuais sergipanos no campo do jornalismo aracajuano. Segundo o autor, o noticiário de Aracaju ficava a cargo das penas dos seguintes intelectuais:

Carvalho Neto, Luiz Garcia, Paulo Costa, Zózimo Lima, J. M. Fontes, Manuel Ribeiro, José Cruz, Marcos Ferreira, Severino Uchôa, Epifanio Doria, José Calasans, Freire Ribeiro, Martins Peralva, Adroaldo Campos, Hernani Prata, Edgard Brito, Junot Silveira, Armando Barreto, Carlos Costa, Pedro Dias, Bonifácio Fortes, Carlos Garcia, Antônio Machado, João Lima. Walter Sampaio, Gervásio Barreto, Sebrão Sobrinho, Robério Garcia, José Tomaz, João Monteiro, Antônio Garcia, Alfredo Gomes, João Batista, Seixas Dória, Magalhães Carneiro, Damião Mendonça, Celso Oliva, José Augusto Garcez, Santos Mendonça, etc (grifo nosso). (CABRAL, 1948, p. 94)

Conforme o próprio Mário Cabral, Aracaju possuía três excelentes revistas: a Revista da Academia Sergipana de Letras, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico e a Revista de Aracaju, mantida pelo município da capital (CABRAL, 1948, p. 94). Sobre a trajetória do intelectual em apreço, demonstra que ele esteve vinculado à Revista da Bahia *Ala das Letras e das Artes*, era o delegado, em Sergipe, da Revista *Portugal Dia a Dia* (1951); e posteriormente, da *Revista da Academia Sergipana de Letras*. José Augusto Garcez também foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico desde 1942, conforme relação de sócios falecidos, contida na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe* (BARRETO, 1992. p. 213).

Outra evidência dessa grande rede criada no espaço intelectual aracajuano da qual José Augusto Garcez participava, são os nomes de diversos jornalistas citados por Mário Cabral, os quais foram lançados como escritores pelo editor Garcez. Dentre eles, José Maria Fontes²¹, Bonifácio Fortes e Sebrão Sobrinho. A vida intelectual sergipana na década de 1940 volta o seu interesse “para a terra e a gente sergipanas” (DANTAS, 2016, p.119). Sobre esse ambiente cultural, Cabral destaca que Aracaju, naquela época, pequena e provinciana, possuía, no entanto, um intenso movimento artístico e literário. Os espaços de sociabilidades e produção cultural da capital sergipana na época, foram descritos por Mário Cabral minuciosamente. De acordo com a memória do autor, a vida intelectual aracajuana era movida por reuniões, encontros, debates. Estes se realizavam nos colégios, nas próprias casas dos pensadores, “ora nos cafés Central e Ponto Chique. Jornais. Revistas. Conferências” (CABRAL, 1948, p. 269-278).

Mário Cabral traçou um panorama dos lugares de sociabilidade e de produção dos intelectuais. Verdadeiros espaços difusores de ideias e defensores da literatura, sobretudo local. A descrição memorialista de lugares e pessoas de Aracaju pelo supracitado memorialista mostra onde se produzia e se discutia as coisas do intelecto. Segundo ele, a Academia Sergipana de Letras muitas vezes funcionou no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Conforme Anexo F pode ser vista a imagem de um dos eventos do qual Garcez participou.

²¹Considerado um dos precursores do Modernismo em Sergipe. Nascido em Riachuelo no dia 26 de junho de 1908. Jornalista. Poeta. Se destacou pelos seus escritos na revista “Renovação” e no jornal “A República. Funcionário público estadual. Morreu na capital sergipana em agosto de 1994.

Fazer parte destes eventos constituía formas de sociabilidade e inserção no campo intelectual sergipano. Logo, para se notabilizar no campo o indivíduo tem participar do jogo, sob pena de cair no ostracismo.

Quanto aos jornais da época, são citados o *Correio de Aracaju*, o *Sergipe Jornal*, o *Diário de Sergipe*, *A Cruzada* e *O Nordeste*. Lugares que serviram muitas vezes como tipografias. Não menos importante como um espaço de sociabilidade entre os intelectuais sergipanos, foi a famosa Livraria Regina. Conforme Santos, “a mesa redonda da Regina era frequentada praticamente todos os dias por Bonifácio Fortes, Emanuel Franco, Silvério Fontes, José Augusto Garcez, Petrônio Gomes, Antônio Garcia, Garcia Moreno, Felte Bezerra, Mario Cabral, José Cruz, Orlando Dantas” (grifo nosso) (SANTOS, 2004. p. 50). Um outro espaço de sociabilidade e de efervescência de ideias, conforme a pena de Mário Cabral, era o Cinema Rio Branco:

Ainda no Cinema Rio Branco, tribuna livre da cidade, desfilavam os poetas, os cantores, os oradores, os políticos, em noites festivas, com discursos veementes em favor da esquerda, da direita e das ideias democráticas brasileiras. Era uma terra de ninguém, e, por isso mesmo, uma terra de todas as pessoas e de todos os pensamentos libertários. (CABRAL, 1980, p. 59)

Traçando um perfil desses lugares, Mário Cabral destaca os cafés. Esses eram ambientes informais, mas que nas rodas intelectuais constituíam espaços de debates sobre o noticiário do dia a dia e sobre as produções literárias locais. Nesse aspecto, destacam-se o Ponto Chique e o Café Central. A seriedade com que os intelectuais, os poetas sergipanos, davam ao seu ofício era tamanha que, muitas vezes, por uma crítica à literatura de algum intelectual, chegavam às vias de fato. Sobre um desses microclimas Mário Cabral relata:

Uma noite, no Café Central, havia uma roda animada. Dela faziam parte, eu, José Calasans, Luciano Lacerda, mais duas ou três pessoas e o poeta de O Córvo, Gamaliel Mendonça. Lá para o meio da noite Gamaliel Mendonça, irritado, escreveu na mesa de mármore: “os versos do Luciano, que por sinal é Lacerda, correm todos por um cano, com sutil odor de merda”. O tempo fechou e foi difícil segurar os contendores, excitados, já, àquela hora, com os cafés, os cigarros, as opiniões de chocante paixão literária. (CABRAL, 1980, p. 60)

O autor, no final do seu texto, faz uma espécie de chamado aos críticos para compreensão desse período de produção literária e dinamismo cultural local. Seguindo o conselho do poeta e memorialista, percebe-se que os lugares citados

eram espaços onde os intelectuais transitavam, discutiam e defendiam as suas correntes ideológicas e através da sua produção literária, vinculada às revistas, aos jornais, ao rádio, à Academia Sergipana de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, ganhavam notoriedade no cenário das letras na pequena província.

E será nessas redes de relações, nos elogios fáceis entre esses homens das letras, que José Augusto Garcez vai construir a sua carreira intelectual e firmar as suas ideias.

Em edição de 12 de maio de 1945, o *Diário de Sergipe* noticiava uma entrevista de José Augusto Garcez em Salvador, no estado da Bahia. A manchete dizia: “Um exemplo e uma lição de oportuno e inestimável valor – Luiz Carlos Prestes”. Fragmentos desse discurso acabam traçando um perfil das ideias do jovem intelectual sergipano. O noticiário inicia apresentando Garcez como criador de gado e importador e exportador de reprodutores Indu-Brasil, da Bahia e Minas e o situa também no campo intelectual sergipano como sócio da Associação Brasileira de Imprensa, da Associação Sergipana de Imprensa e do Instituto Histórico de Sergipe, posições evidenciadas costumeiramente nos textos do sancristovense (UM EXEMPLO..., 1945. p. 1-4).

Na entrevista, Garcez é chamado a falar sobre os acontecimentos nacionais e mundiais da época. Vivia-se no final da Segunda Guerra Mundial. Há dois anos da época em foco, a capital sergipana havia entrado em pânico com os torpedeamentos dos navios brasileiros na sua costa. O combate às ideologias nazifascistas era a bandeira das democracias. Sobre esses acontecimentos dramáticos, José Augusto Garcez dizia:

Neste momento devemos falar com o coração, porque a hora presente impõe a todo brasileiro honesto conjugar as energias do coração, para com as lágrimas da saudade de nossos irmãos torpedeados ou lutando gloriosamente no campo de batalha, marchamos unidos, despertando para a vitória. Este sentimento de saudade, aliamos ao patriotismo, a fé ardente na pujança da nossa raça, caminhando unidos para a próxima apoteose da pátria brasileira. Perfilamo-nos diante da pátria, fronte erguida, é preciso que se respeite o lábaro sagrado que estas horas está desfraldando nas terras longínquas da Europa vencendo, brilhantemente, o inimigo audaz. (UM EXEMPLO..., 1945. p. 1-4)

O discurso acima faz transparecer seus capitais culturais de nacionalismos e contrário às forças do eixo. O estudo “José Calasans e Sergipe” (2016) aponta para esse viés ideológico. Como sugere o paralelismo entre trajetórias comuns, Calasans

era amigo de José Augusto Garcez, e essas ideias de valorização do produto nacional, do patriótico, da união indissociável entre raça e nação acabaram sendo disseminadas e postas em prática a partir da atuação desses agentes enquanto intelectuais. Todavia, tais ideias vinham desde os anos 1930 e se prolongaram até as duas décadas seguintes.

Em mais um fragmento da entrevista, Garcez vai mostrar-se adepto à democracia como o principal remédio para fazer fracassar as ideias de Hitler e Mussolini. Segundo o sergipano, citando em seu discurso John Dewey em *Democracia e educação*, “o conhecimento do passado é a chave para a compreensão do presente” (UM EXEMPLO..., 1945, p. 1-4). Nessa ótica, Garcez defendia uma República em que “todos os brasileiros” deveriam estar “dentro da ORDEM, pelo PROGRESSO da nossa pátria”. O mencionado autor defendia a anistia e exaltava Luiz Carlos Prestes por este querer também a anistia de todos presos políticos, mesmo que a sua não fosse concretizada. Garcez se referia à postura do revolucionário como um ato cívico e engrandecedor da pátria. Em síntese, aparentemente o discurso de Garcez está voltado para a defesa de uma República democrática regada pela ordem, pelo progresso nacional, pelo antifascismo e antinazismo; ideologias que penetravam nos meios intelectuais às vezes com algumas readaptações quanto ao seu conteúdo prático e ideológico.

José Augusto Garcez começa a colocar em prática as ideias de valorização da cultura genuinamente regional a partir da fundação do seu museu particular, em 2 de fevereiro de 1948, o qual compunha um acervo considerável e diversificado. Quando veio a Sergipe para o centenário de Sílvio Romero, o exímio folclorista potiguar e amigo de Garcez, Luís da Câmara Cascudo, observou e registrou na sua obra de crônicas, *Em Sergipe del Rey* (1951), organizada e editada por Garcez através do Movimento Cultural de Sergipe, a seguinte observação:

Visito a biblioteca de José Augusto Garcez. E a sua galeria de Arte Popular. Muitos espécimens curiosos de barro, madeira, osso Pastoris, Presépios, o grupo de Lampião, macumbas, candomblés, amuletos reminiscências de viagens. Muita cousa para ver e estudar. E quadro, fotos, e objetos dignos de demora atenta. A biblioteca anuncia o estudioso que se pode credenciar para todos os vãos. Todos os gêneros estão amplamente representados. Documentário sério. A hemeroteca é variada e copiosa. José Augusto Garcez é uma abelha que ainda não fixou a flor de sua especialização cultural. Sua biblioteca é viva, pessoal, abrangendo os horizontes mais largos e gerais, direito, jornalismo, história, crítica, poesia, assuntos agrícolas, pecuarismo, etnografia, folclorismo [...]. (CASCUDO, 1951, p. 95)

A descrição feita por Luís da Câmara Cascudo acaba denunciando que Garcez foi “uma abelha que [...] não fixou a flor da sua especialização cultural”. Ou seja, ele mostrou-se um autodidata, multicultural. Um olhar sobre a sua obra, seus escritos, mostram essa diversidade, essa inserção nas diversas áreas do conhecimento, mas com um destaque maior para a cultura, o folclore, a poesia e a história regional.

Nessa relação entre os dois estudiosos, percebe-se a influência que Câmara Cascudo exercia sobre Garcez, do seu engajamento em favor de uma cultura genuinamente brasileira. Segundo Dantas (2016, p. 120), pode-se afirmar que essa perspectiva ganha força com a fundação da Sociedade Brasileira de Folk-lore, em 1941, no Rio Grande do Norte, pelo próprio Câmara Cascudo, a qual, precisamente em 1951, José Augusto Garcez será associado, conforme atesta trechos do diploma abaixo:

O Presidente da SOCIEDADE BRASILEIRA DO FOLK-LORE [...] nomeia e faz incluir na classe dos membros titulares da mesma SOCIEDADE o jornalista JOSÉ AUGUSTO GARCEZ, residente da cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, atendendo aos seus trabalhos em defesa e estudo das tradições locais, criação e manutenção de um Museu Particular de Etnografia e Folk-Lore, numerosos artigos de divulgação folclórica. [...] ²². (CASCUDO, 1951)

Como informamos acima e com base nas evidências aqui expostas, José Augusto Garcez esteve entre uma plêiade de intelectuais engajados por um projeto nacionalista, de valorização da história pátria e da cultura nacional. Ser associado à Sociedade Brasileira do Folclore constituía um capital simbólico de destaque no espaço intelectual sergipano. Em 1949, Garcez funda o programa radiofônico, denominado “Panorama Cultural”, da antiga Rádio Difusora PRJ-6, que, segundo Murillo Melins, “funcionava no prédio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe” (MELINS, 2000, p. 92). Esse programa que invadia os lares sergipanos aos domingos, seria, três anos mais tarde (1953), um dos instrumentos para difusão, publicidade e publicação de obras escritas e gravadas pelo Movimento Cultural de Sergipe. Movimento que teve como principal objetivo, como já foi registrado: desenvolver a cultura em terras sergipanas e auxiliar intelectuais nas publicações das suas obras.

²² Documento encontra-se sob os cuidados do pesquisador.

As finalidades do Movimento criado por Garcez mostram que ele usou o seu “mecenato particular” para custear obras de intelectuais, pois sem essa prática beneficente do Movimento Cultural de Sergipe, eles ficariam em completo ostracismo. Sobre este aspecto o jornalista e amigo de Garcez, dono da coluna *Variações em Fá Sustendido*, Zózimo Lima diz:

[...] Ninguém, aqui, com recursos da inteligência e de dinheiro, empreendeu o trabalho intelectualmente patriótico que, numa época de absoluto indiferentismo pelas coisas do espírito, está realizando o escritor José Augusto. O seu Movimento Cultural ficará como marco imperecível na história da vida intelectual do Estado de Sergipe [...]. (LIMA, 1953. p. 1)

Nas entrelinhas do discurso acima, que também está inserido na obra editada pelo Movimento Cultural de Sergipe, “Cidade Subterrânea”, Santos Souza percebe que havia resistência, provavelmente do Estado, em financiar, investir na produção cultural, algo não muito incomum em tempos atuais. E acaba enaltecendo José Augusto Garcez e o seu Movimento Cultural. Sobre essa prática do agente cultural em apreço, Mário Cabral vai caracterizá-lo como “poeta e ensaísta surgiu na década de 40. [...] Um grande coração em um corpo mirrado, de asceta ou de místico. Ajudou muita gente. Deu mais do que recebeu” (CABRAL, 1980, p. 53-65).

Tentou-se até aqui delinear a trajetória de José Augusto Garcez à luz dos conceitos de intelectuais, sociabilidade, geração, capitais e estratégias inserindo-o no contexto do período indicado. Tudo isso com a intenção de ver o intelectual de maneira inteligível. Quando se estuda o campo dos intelectuais, consequentemente, se estuda as ideias produzidas por esses agentes. Logo, é inevitável não pensar nas correntes ideológicas presentes nos debates e nas ações dos intelectuais. Os estudos empreendidos sobre o intelectual José Augusto Garcez demonstram uma tentativa de se criar ou fazer adeptos ao movimento modernista, encabeçado pelos grandes intelectuais de renome nacional. Abaixo Barreto acaba mostrando esse vínculo a essa geração:

Ficaram esmaecidas pelo tempo, desbotadas como as paredes que as prendem, as fotos de JAG com luminares da cultura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Eneida, Valdemar Cavalcanti, a quem JAG foi dar conhecimento do esforço inusitado que realiza no pequeno Sergipe, em prol da literatura. (BARRETO, 1992, p. 206)

Sobre dois desses ícones da intelectualidade brasileira, quais sejam, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, Garcez considerava-os “grandes expressões poéticas do momento contemporâneo”. Segundo o mesmo, Carlos Drummond de Andrade “foi a figura literária mais revolucionária da nossa literatura moderna²³”. Logo, se vê uma relação do intelectual sergipano com essa vertente literária a partir dos vínculos entre esses agentes.

À guisa de conclusão dessa seção, percebe-se que este intelectual atuou em várias frentes para a difusão e valorização da cultura sergipana. E a partir do estudo aqui exposto, pode-se afirmar que José Augusto Garcez teria sido um intelectual engajado, tomando partido a favor de um nacionalismo à brasileira, e ao mesmo tempo, um intelectual sociocultural, engajado na defesa da cultura e da memória de Sergipe através da sua atuação na imprensa sergipana, no seu Museu de Arte e Tradição, na Rádio Difusora de Sergipe, onde divulgou as vozes e os vultos de Sergipe e por meio do seu Movimento Cultural de Sergipe, na publicação e trabalho dos intelectuais sergipanos.

Garcez aventurou-se na área da museologia, da poesia, do jornalismo, da história, do arquivo, dentre outras. E nessas participações textuais usou “estratégias explícitas”, como as diversas menções nos jornais e nas revistas e a sua associação a entidades culturais das quais fez parte. O uso de notas sobre o autor nos vários livros editados por ele, exaltando-o e elevando os seus feitos culturais, como uma forma de se legitimar pelas missivas direcionadas ao próprio, por renomados intelectuais locais, nacionais e internacionais e as estratégias implícitas, fazem dos seus textos um instrumento de verdade. Um exemplo de estratégia explícita muito utilizada por José Augusto Garcez nas margens dos textos se observa na sua obra “O destino da província”:

Sócio da Associação Brasileira de Imprensa, Associação Sergipana de Imprensa, Ala das Letras e das Artes (BA), Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, G. P. de Leitura, A.A.B.B. (Rio), A.B. de Escritores, Sociedade Brasileira de Folklore, Secretário Executivo da Sub Comissão de Folklore do Ibicc (GARCEZ, 1954e, p. 2).

O discurso acima mostra, propositalmente, os vínculos de José Augusto Garcez com as diversas entidades do mundo das letras. Logo, os escritos sobre si constituíram estratégias, se não de distinção, mas de posição, de construção de um intelectual envolto em diversos meios de difusão do conhecimento. Diante do

²³ Texto publicado na Revista da Academia Sergipana de Letras. (GARCEZ, 1975, p. 137-139)

contexto, os textos produzidos por e sobre Garcez são fontes indispensáveis para compreendê-lo como intelectual, considerando as suas ideias e seus capitais sociais, construídos desde a primeira obra publicada em 1938 até 1972, quando entra para a Academia Sergipana de Letras. Assim, como os textos de ocasião, estes acabam criando também uma imagem desse intelectual a partir da sua trajetória.

3.2 José Augusto Garcez e os “textos de ocasião”

A trajetória de José Augusto Garcez foi marcada também por diversos textos de ocasião. Segundo Chartier (2007, p. 126), estes são exemplos de “afloramentos do oral no impresso”. Principalmente através do programa Panorama Cultural Luso Brasileiro, da PRJ-6, apresentado aos domingos como já salientado. Voltando à afirmação de Barreto (1992, p. 206), “muitos escreviam seus trabalhos especialmente para a leitura no programa de rádio de José Augusto Garcez”. A obra editada por José Augusto Garcez intitulada “Tributo ao mérito; opiniões sobre vida e obra do sociólogo, professor Florentino Menezes” (1953) é uma prova incontestável desses textos de ocasião. Ela foi escrita a partir do oral, dos pronunciamentos do citado sociólogo e de Garcez, no programa radiofônico. Uma maneira diferente de se publicar autores em Sergipe, quiçá, no Brasil. Nessa obra, há a intenção de imortalizar o sociólogo Florentino Menezes. É nesse sentido que os textos de ocasião produzidos por e sobre Garcez se apresentam como lugares de memória, sobretudo, vestígios em que a história deve se apoderar para a sua dessacralização através da história. E assim, atribuir uma inteligibilidade a essas produções de ocasiões.

José Augusto Garcez guardava ou publicava tudo; espécie de prova para as gerações posteriores. Com tino de historiador, ele dizia: “Sou pela divulgação de obras que transportem o passado para o presente – documentos vivos com apontamentos reais de onde procederam” (GARCEZ, 1953b, p. 8).

Diante do texto de ocasião, quando da homenagem a Florentino Menezes, que emprestava o seu nome à antiga Rua São Vicente, com essa intenção de grafar nas laudas da história e, portanto, na memória histórica da pequena província, aos intelectuais que se encontravam no ostracismo, o sociólogo agradece dizendo: “E como poderia recusar, se ela veio de um amigo, dedicado e sincero que deseja gravar, para sempre, o meu apagado nome, na história luminosa do meu Estado?!” (GARCEZ, 1953b, p. 8). A seguir vê-se a condecoração do sociólogo sergipano

Florentino Meneses²⁴ por José Augusto Garcez no programa cultural, “Panorama Cultural Luso Brasileiro”.

FOTO 04 - Florentino Meneses e Garcez



Fonte: Acervo particular de Sílvia Garcez.

²⁴Era um autodidata com conhecimento em variadas áreas, Geografia, História, Psicologia, Sociologia e Matemática. Foi estudante de Medicina em faculdades da Bahia e Rio de Janeiro. Pioneiro da Sociologia, com produção de “14 livros e mais de 190 artigos jornalísticos no período de 1911-1959 em Aracaju. (FREITAS, 2002)

Nesse sentido, chega-se a mais uma assertiva, José Augusto Garcez contribuiu para a construção de uma memória dos intelectuais sergipanos através da sua influência, seja através do seu programa radiofônico, seja por meio do Movimento Cultural de Sergipe, ambos se entrecruzavam, dando notoriedade a vultos das letras sergipanas como Florentino Menezes, Gizelda Moraes, Bonifácio Fortes, Santos Souza, dentre outros.

Outro discurso que pode ser caracterizado como de ocasião, pertence ao então acadêmico Eunaldo Costa²⁵, ao receber na Academia Sergipana de Letras o escritor José Augusto Garcez. Conforme a fala deste acadêmico, Garcez sempre esteve dedicado ao progresso cultural da nossa terra. No mesmo discurso que crava e imortaliza José Augusto Garcez para aquele sodalício, fica evidenciado mais uma vez a ideia de uma democratização da cultura nacional. De acordo com o aludido discurso, a práxis de Garcez se dava através da palavra falada e escrita incentivando os intelectuais para as questões ligadas ao ensino e à democratização da cultura, que deveria ser expandida para todo país, para completa integração nacional. Eunaldo Costa o classifica também como o mecenas das nossas letras. O discurso de entrada de Garcez na Academia Sergipana de Letras sugere mais uma pista da sua participação na geração modernista. Segundo a fonte, José Augusto Garcez era, “[...] vinculado ao movimento modernista, em nosso meio, desses apreciável contribuição a essa escola literária, com uma poesia que traz livres na estrutura todos os acordes de sua música telúrica”. (GARCEZ, 1975a, p. 189).

Por fim, esse exercício de ir além do texto, de relacionar os contextos, aos seus capitais sociais, às intenções e estratégias discursivas, se apresenta como uma possibilidade de compreensão de uma trajetória como a do intelectual sergipano José Augusto Garcez, que teve no seu Movimento Cultural de Sergipe o seu ápice; a concretização das suas ideias e a sua propensão para a editoração iniciada quando ainda estudante no Colégio Tobias Barreto, como se percebeu ao longo dessa dissertação.

²⁵ Discurso transcrito para a Revista da Academia Sergipana de Letras de número 25, publicada no mês de março de 1975.

4 JOSÉ AUGUSTO GARCEZ, O EDITOR

FIGURA 03 - Marca tipográfica da editora MCS, impressa em todas as suas obras



Fonte: GARCEZ (1954e).

Os anos de 1950 foram decisivos para a consolidação de José Augusto Garcez como intelectual e fomentador da cultura local. E para isso contribuíram dois fatos. Em primeiro lugar, tornou-se governador do estado de Sergipe o Sr. Arnaldo Rollemberg Garcez (1951-1955), que tinha como mentor político, o pai de José Augusto Garcez, Sílvio Garcez. Este foi o responsável pela inserção do sobrinho na vida pública, que rapidamente destacou-se no estado. Em seu governo, de forma peculiar, uniu políticos e intelectuais de renome, como: Amando Fontes, Manuel Ribeiro, José Silvério Fontes, Maria Thétis Nunes e José Augusto Garcez. O segundo acontecimento, seria o falecimento do seu pai Sílvio Sobral Garcez em 1951 aos 75 anos, por motivo de derrame cerebral, fato de grande repercussão no estado como evidenciado numa seção precedente. Tal ocorrência foi responsável pela divisão dos bens do referido político e proprietário de engenhos, entre seus descendentes. A partir desse momento, José Augusto Garcez obtém recursos extras para investir em uma nova empreitada. O Movimento Cultural de Sergipe começava a ser gestado e aquela prática primeira de editor dos colegas estudantes no Colégio Tobias Barreto passava a ser uma realidade, estava ali o editor José Augusto Garcez.

Foi seu parceiro nesta empreitada, o poeta sergipano, membro da Associação Sergipana de Imprensa e da Academia Paulista de Letras, Santos Souza. Segundo informação contida na obra *Realidade e Destino dos Museus* de 1959, a editora *Movimento Cultural de Sergipe* foi fundada por José Augusto Garcez em 1953. No ano do seu nascimento, recebeu incentivo direto do estado, através do uso da rádio emissora oficial do estado e da gravação dos discos, à época bastante dispendiosa, era governador local, como visto anteriormente, seu primo e cunhado o senhor Arnaldo Rollemberg Garcez. Reforça-se tal colocação, pois, é importante perceber que José Augusto Garcez dispunha de capitais em diversos setores da sociedade, a saber: político, proprietário, intelectual e econômico do estado que lhe favoreciam, além de, por esses grupos, ser socialmente reconhecido como um notável das letras sergipanas.

O jornal católico *A Cruzada*, de 10 de outubro de 1953, também noticiou o surgimento do Movimento editorial criado por Garcez. A referida matéria mostra o viés voluntário da citada criação. Percebe-se na íntegra uma das dinâmicas para manutenção deste empreendimento em Sergipe no início da década de 1950. Iniciativa que conclamava todos em prol dos intelectuais sergipanos:

M.C.S.

Fato inédito em Sergipe: o escritor JAG o que idealizou Panorama Cultural, da PRJ-6, Museu Sergipano de Arte e Tradição, também fundou o MCS, para com a colaboração dos homens livres, patriotas e cristãos, amparar famílias de escritores, mestres e artistas falecidos, divulgar obras e auxiliar intelectuais pobres para que estes valores anônimos, libertos, possam expandir as grandezas do espírito. [...]. Brasileiros! Colaborem com o MCS, depositando contribuições nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Banco do Comércio e Indústria de Sergipe, Avenida Rio Branco, 100; Casa Bancária Dantas, Freire e Cia. Ltda; Avenida Rio Branco, 124; Banco Prado Vasconcelos Junior S/A, Rua São Cristóvão, 70; Casa Bancária de Crédito Sergipense S/A, Avenida Rio Branco, 132; Banco Rezende Leite S/A, Rua João Pessoa, 274. Informações: Avenida Barão de Maruim, 629 (MOVIMENTO...1953a, p. 4).

Dessa forma, surge o Movimento Cultural de Sergipe. Consistia em uma editora, um programa radiofônico e a publicidade das tipografias e livrarias da cidade, suas patrocinadoras e também algumas delas, impressora das obras publicadas pelo M.C.S. Sobre a atividade editorial um trecho da matéria publicada pelo Jornal *Diário de Sergipe*, em 1954, informa:

[...] o Movimento Cultural de Sergipe já lançou no mercado nada menos de 6 livros sucessivos de novembro de 1953 até janeiro de 1954. Quatro livros custeados pelo próprio Movimento, 2 custeados pelo autor, porém sob o nome do Movimento (MOVIMENTO..., 1954c, p.1).

Percebe-se a partir da citação acima, que o Movimento Cultural de Sergipe começou a sua atividade editorial em novembro de 1953 e em apenas três meses já tinha editado seis (6) livros, destes, dois (2) foram custeados pelo editor José Augusto Garcez que fazia questão de enfatizar, como editora responsável, o Movimento Cultural de Sergipe. Sobre o uso do mecenato particular de Garcez e o viés beneficente do Movimento criado por Garcez, o sociólogo Florentino Menezes, autor da primeira obra editada pelo Movimento Cultural, “Grandeza, decadência e renovação da vida”, vai se pronunciar:

José Augusto Garcez, escritor de penetrante visão social, fundador do PANORAMA CULTURAL, defensor intempestivo dos fósseis de Sergipe, cria genial do MOVIMENTO CULTURAL DE SERGIPE e do MUSEU SERGIPANO DE ARTE E TRADIÇÃO, que estão, neste momento, a elevar o nome de Sergipe às regiões iluminadas, onde refulge com esplendor sublime o pensamento humano. Neste momento trágico, para mim, em que a pobreza, a moléstia e a idade se conjugam para destruir o último ideal de minha existência – a publicação do meu livro, “Grandeza, Decadência e Renovação da Vida”, - José Augusto Garcez, responsabilizando-se pela parte financeira desta publicação, o que fez por intermédio do MOVIMENTO CULTURAL DE SERGIPE, trouxe-me ainda uma oportunidade para levar a outros Estados e a países estrangeiros o resultado de minhas lucubrações intelectuais. Os meus agradecimentos, portanto, muito sinceros e muito efusivos, por esta prova imensa de generosidade que o protetor dos intelectuais pobres de Sergipe acaba de trazer ao mais esquecido e ao mais humilde dos sociólogos brasileiros. (MENEZES, 1953)

Em mensagens trocadas por e-mail com o intelectual contemporâneo, compadre e amigo de José Augusto Garcez, Jackson da Silva Lima, interrogando-o sobre o surgimento do Movimento Cultural de Sergipe o mesmo afirma que “o MCS foi uma realidade fática, não uma realidade jurídica, que para tanto teria de haver – Ata de Fundação, Regimento ou Estatutos, registrados em Cartório e publicado na imprensa local”²⁶. Os documentos mencionados não foram encontrados nos diversos arquivos e instituições frequentadas. O entrevistado revela-nos que o surgimento do Movimento Cultural de Sergipe originou-se em 1952 por intermédio de Garcez e Santos Souza. Segundo o entrevistado, ambos cogitam um movimento cultural,

²⁶ Trechos de mensagens trocadas por e-mail com Jackson da Silva Lima em 2 de janeiro de 2018.

notadamente na publicação de livros e edições de discos com as vozes da intelectualidade sergipana. Todavia, o mesmo entrou em atividade em 1953. E nesse processo, Garcez recebeu doações de prefeituras, do “Café Império”, de intelectuais como Lincoln de Souza e outros.

O tamanho da empreitada de Garcez pode ser mensurado quando se percebe o quão era dispendioso o financiamento de publicações periódicas. Tal aspecto foi salientado por Itamar Freitas (2002, p. 21), que se refere às “dificuldades enfrentadas pelos editores com as deficiências técnicas da Imprensa Oficial na Primeira República”. A revista do Instituto Histórico e Geográfico, segundo o autor, dependia da influência política do presidente do sodalício para ser editada e publicada. Logo, se percebe a importante dimensão do projeto editorial de José Augusto Garcez e o grande desafio de manter tal empreendimento editorial.

Sobre o significado e importância do Movimento Cultural de Sergipe no tocante à tarefa de publicar livros no Brasil e no Estado, seguem trechos de uma publicação veiculada no jornal *A Cruzada*, de 18 de fevereiro de 1956, por um dos mais célebres e editados do Movimento, Santo Souza:

Continua o MCS derramando livros pelo Brasil inteiro. Uma obra gigantesca, esta de JAG, quando sabemos das dificuldades com que se luta lá fora no terreno publicitário, é que se pode, de fato, dizer que o MCS é um trabalho de louco ou gigante. [...] prefiro chama-lo de gigante, ao invés de louco. Na verdade, se tivermos coragem de analisar sem medo e sem paixões a história literária de Sergipe, vemos que durante estes quatrocentos de vida não se teve nada parecida. Nunca se deixou de escrever em nossa terra. Sempre houve poetas, contistas, romancistas, homens de pensamento. No entanto, pela ordem natural das coisas, ninguém publicou os seus escritos sem o suor do seu rosto, sem apertar as tripas e enganar o estômago. As dificuldades na publicação de um livro sempre foram grandes. [...] Em menos de três anos o MCS lançou 23 volumes de escritos sergipanos que estavam condenados ao anonimato. E daqui a mais duzentos anos, que os que por aqui passarem encontrarão, por certo, o rastro dessa gente que sofreu, que lutou, mas deu a Sergipe a sua contribuição intelectual, graças ao JAG e ao seu Movimento de salvação das letras sergipanas. (SOUZA, 1956. p. 1-4)

Quanto ao contexto intelectual da capital sergipana no início dos anos de 1950, o jornal *Correio de Aracaju* aponta a vida intelectual dos sergipanos, dois anos antes da fundação do Movimento Cultural de Sergipe. Tal descrição acaba mostrando a necessidade de florescimento e dinâmica do campo intelectual sergipano. Neste aspecto uma nova geração deveria surgir para dar continuidade à produção literária de Sergipe. Neste aspecto, o Movimento ganharia relevância:

[...] outrora [...] havia literatura, nos jornais, nas tertúlias, nos cafés, nos bancos de jardim. Tiravam-se boas revistas. Promoviam-se concursos. Escrevia-se. Lia-se. Discutia-se. [...] Os nomes protetores da nossa cultura, Tobias, Sílvio, Fausto, Gumerindo, e os que mais recente se lhes juntaram, como Hermes, Clodomir, Graco, Costa Filho, Artur Fortes, Abdias, e outros, se onde se acham memória dessa vida se consente, devem sentir-se desamparados com a pasmaceira intelectual em que vivemos. [...] Reajamos. Deperecer é desaparecer do mapa. E já somos tão pequenos.... (VIDA..., 1951. p. 4)

A documentação analisada aponta o Movimento Cultural de Sergipe como uma instituição que veio resgatar e movimentar a produção escrita de Sergipe na segunda metade do século XX. No ano de sua fundação (1953) o jornalista Zózimo Lima expressou em entrevista ao jornal *A Noite* do Rio de Janeiro e publicada no Correio de Aracaju, o que ele considerou “surto de intelectualismo”. Nessa entrevista cita os jornais produzidos diariamente em Aracaju, a Academia Sergipana de Letras “realizando cessões bimensais” e a liderança de José Augusto Garcez a frente do Movimento Cultural de Sergipe “divulgando os valores intelectuais e artísticos de Sergipe”. (LIMA, 1953, p. 1)

Um meio e suporte para difusão e popularização do Movimento Cultural de Sergipe foi o Programa Panorama Cultural Luso-Brasileiro, como citado anteriormente. De acordo com a afirmativa do jornalista Mauro Carmo em publicação no Diário de Sergipe: “José Augusto Garcez é corpo e alma desse movimento. Na verdade não está sozinho. Já dissemos que ao seu lado se encontra a nata da intelectualidade sergipana numa cooperação irrestrita e inestimável”. (CARMO, 1954, p. 1)

Sendo assim, Garcez teria conseguido montar uma rede de sociabilidade em torno de si e de seu Movimento Cultural. Logo, percebe-se que essa relação intrínseca entre José Augusto Garcez e os intelectuais sergipanos, que também traficavam na esfera do poder político, era proveitosa para ambos os lados. Ele se firmava com capitais simbólicos de destaque no campo intelectual sergipano, homem de ação em relação à cultura e memória sergipanas, ou seja, construía seu capital simbólico de “erudito e mecenas”. Já os intelectuais encontravam na editora de José Augusto Garcez e nas tipografias locais, instrumentos para dar vazão a sua produção pessoal, difundir e comercializar sua obra e, sobretudo, firmarem-se no universo cultural sergipano, conforme exposto na obra *Tributo ao Mérito* (GARCEZ, 1953, p. 9), editada pelo Movimento Cultural de Sergipe e apoiada inicialmente “pelas prefeituras e pelos espíritos patrióticos e cristãos”. Porém, José Augusto

Garcez utilizou-se de inúmeras estratégias para se consolidar como mecenas das letras em Sergipe. Para tal utilizava seus capitais constituídos ao longo da sua trajetória.

José Augusto Garcez, para dar uma melhor visibilidade à editora (MCS), reservava uma parte nos livros editados correspondente às opiniões dos autores de renome sobre ele e sobre o seu movimento, numa espécie de auto-divulgação de seu nome e feitos. Na obra *O Destino da Província* (1954e), de sua autoria, na parte referente a opiniões sobre o autor, a *Gazeta de Alagoas* também enfatizava a origem proprietária de Garcez:

[...] “homem de projeção nos domínios agro-pecuários, um nome firmado e acatado nos meios industriais e bancários [...] traz o nome duma das famílias mais tradicionais desta região [...] admira ver todas essas atividades na pessoa dum homem [...] ligado à agro-indústria e conceituado no mundo das finanças. (UM ANIMADOR..., 1953, p. 9)

A partir do exposto, consolida-se a ideia de que José Augusto Garcez era portador de capitais simbólicos associados a seus “status” econômico, social e político. Estes lhes possibilitaram produzir e difundir a cultura livresca no estado, contribuindo para tirar do anonimato alguns talentos das letras sergipanas e construir também a sua imagem como um intelectual em meio às disputas simbólicas do poder intelectual local. Dentre as obras por ele produzidas, pode-se destacar na literatura, os seus livros de cunho poético; na história, obras sobre Sergipe colonial; na museologia; cria também o Serviço de Pesquisa e Documentação Cultural-Científica no qual deixou documentos diversos sobre a história de Sergipe, parte destes estão no Arquivo Público do Estado (APES) e contribuiu na área da informação com a fundação da Biblioteca Tobias Barreto.

Contudo, ao se buscar as fontes, percebe-se que essas obras, embora tendo o emblema da editora do Movimento Cultural, eram produzidas por tipografias terceirizadas, quais sejam, inicialmente a CISLA; o Curso de Tipografia e Encadernação da Escola Industrial de Aracaju sob a supervisão técnica do professor Manuel Messias Santos; um outro lugar de feitura dos livros do Movimento Cultural de Sergipe foi a famosa Livraria Regina, localizada a Rua João Pessoa. Segundo Barreto (1992, p. 206), muitos autores “experimentavam, pelos tipos móveis da Livraria Regina, a leitura clássica dos livros, que se transformaram em obras essenciais ao evoluir literário de Sergipe”. De acordo com Santos (2004, p. 46), o que comprova a Livraria Regina como a melhor gráfica é “o exemplo do MCS,

fundado por Santos Souza e José Augusto Garcez lançar praticamente todos os seus livros pela gráfica da Livraria Regina”. Todavia, no mesmo estudo se tem a lista completa dos livros produzidos pela Livraria Regina, e se identifica apenas dois, *Aurora de Sangue* (1958), e *Realidade e Destino dos Museus* (1959), editados pelo Movimento Cultural de Sergipe.

Sem querer aqui fazer nenhum tipo de comparação em termos de produção editorial, muito menos ser anacrônico, percebe-se que José Augusto Garcez utilizou-se de método semelhante ao do grande editor paulista, Monteiro Lobato. Segundo Cilza Bignotto (2010, p. 128), se garantia a circulação e distribuição das obras editadas através de “uma teia de agentes e correspondentes em toda parte, a quem enviava em consignação alguns volumes dos que iam editando”. O que a autora chama de “rede de sociabilidade” foi uma prática muito usada por José Augusto Garcez, que articulou os principais nomes da intelectualidade sergipana e através do qual uniu-se à outros intelectuais no Nordeste e Sudeste do país, chegando a ser conhecido e ter seu trabalho reconhecido fora do país. Tais acontecimentos legitimaram o Movimento Cultural de Sergipe sem falar em seu idealizador.

Sobre esta rede de sociabilidade José Augusto Garcez deixou uma documentação vastíssima nas mais de quarenta obras editadas por ele através do Movimento Cultural de Sergipe. O mesmo fazia questão de anexar aos livros as cartas dos intelectuais que se referiam à editora MCS e a ele. Tal hábito de publicação foi notado por Carlos Drummond de Andrade em “Aurora de Sangue” nas páginas 43 e 44 como percebemos nessa dissertação. Logo, essa rede de sociabilidade citada dizia respeito a uma gama de intelectuais de alta patente em nível estadual, nacional e mundial. Escritores da envergadura, tal como Manuel Bandeira, também endereçou correspondência a José Augusto Garcez:

Tenho o maior gosto em declarar que considero do mais louvável mérito o seu empreendimento de revelação a todos os brasileiros do que se vem fazendo em Sergipe em prol da cultura. As publicações que já me foram enviadas fazem honra ao MCS. Ainda confesso, foi com maior prazer que li as suas Mensagens, memórias sobre Holandeses em Sergipe, e os belos versos de José Amado Nascimento. Queira aceitar os meus parabéns, assim como os votos que faço pela prosperidade de sua iniciativa, tão nobremente desenvolvida. Muito seu admirador, Manuel Bandeira. Da Academia Brasileira de Letras. (GARCEZ, 1958, p. 43)

Outro autor que contribuiu para a difusão e valorização do Movimento Cultural de Sergipe foi o escritor potiguar de renome nacional e internacional, Luis da Câmara Cascudo. Esse folclorista esteve em Sergipe em 1951 a convite de Arnaldo Rolemberg Garcez, o então governador do estado e primo-cunhado de José Augusto Garcez. Na oportunidade Sergipe comemorava o centenário de nascimento de Sílvio Romero. Foi a partir desta vinda a Sergipe, e por ter visitado várias cidades sergipanas, que Câmara Cascudo, através do editor do Movimento Cultural de Sergipe, lançou *Em Sergipe del Rey* (1954), um livro de crônicas que descreve com detalhes a sua estadia no menor estado da federação. De acordo com Dantas e Nunes (2009, p. 101), este livro só foi publicado “[...] graças ao fervor editorial de José Augusto Garcez, um mecenas sergipano que editava livros [...]”. Alguns indícios de como era o trabalho do editor José Augusto Garcez são mostrados na referida obra de Luís da Câmara Cascudo na parte referente à nota final:

Zelo e carinho foram empregados cuidadosamente na revisão desta obra. Não valeram os meus esforços e como errata pouco se consulta solicito ao distinto leitor, na proporção que for manuseando este livro, corrigir as contradições ortográficas e demais lapsos que se apresentarem. Legenda e organização de minha autoria. José Augusto Garcez. (CASCUDO, 1954, p. 125)

Até o Presidente da República, Juscelino Kubitschek, manteve correspondência com José Augusto Garcez agradecendo os livros recebidos e parabenizando-o pelo Movimento Cultural de Sergipe como se observa na correspondência:

Presado amigo José Augusto Garcez:
Recebi, com grande atraso, sua carta de 11 de janeiro, bem como os exemplares das interessantes obras aí editadas. É admirável o trabalho do Movimento Cultural de Sergipe, que reputo da maior significação para a cultura nacional. Só um espírito idealista, voltado ao culto dos valores intelectuais poderia promover essa iniciativa e leva-la galhardamente a cabo, apesar das dificuldades. Com os meus agradecimentos, envio-lhe sinceras congratulações e desejo-lhe completo êxito. (KUBITSCHEK, 1955)

José Augusto Garcez não ficou somente em solo sergipano, recebeu credenciais do então governador do Estado de Sergipe, Leandro Maciel e do prefeito de Aracaju, Roosevelt Menezes, em 1957, para levar o nome da intelectualidade sergipana para outros estados da federação como Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Nessa ocasião Garcez participou das homenagens alusivas aos 71 anos do escritor Manuel Bandeira que ofereceu uma publicação autografada das suas

memórias literárias, “Itinerário de Pasárgada”, na Livraria São José no Rio de Janeiro. Além do sergipano José Augusto Garcez, participaram deste evento o próprio Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Eneida, dentre outros. Segue imagem deste momento comemorativo com destaque para Garcez no centro:

FOTO 05 - Homenagens aos 71 anos de Manuel Bandeira em 1957 na Livraria São José



Fonte: Acervo particular de Sílvia Carolina P. Garcez Aragão.

Foi a partir dessa rede de sociabilidade que, no caso sergipano ia além do setor intelectual e adentrava relações políticas, o Movimento Cultural de Sergipe

tomou essa amplitude, chegando até o exterior em países como Portugal e México. O sociólogo mexicano Carlos A. Echanove Trujillo²⁷ afirma ter recebido os livros enviados por José Augusto Garcez, em um trecho do Diário de Sergipe ele afirmou:

Com anterioridade recebi outro ejemplar enviado por el Sñr GARCEZ: he recibido también los “Ensaíos” y “INVASÃO DAS ESTRELAS”, del mismo Sñr GARCEZ a quien ruego a Ud agradecer em mi nombre todos esos amables envíos. (TRUJILLO, 1954, p. 1)

O Movimento Cultural de Sergipe atravessou duas décadas. Em um apanhado realizado para esta dissertação relacionou-se as obras publicadas pelo Movimento Cultural de Sergipe. A partir do levantamento feito das obras, em suporte livro, é possível perceber a diversidade de temáticas e áreas produzidas pelo Movimento Cultural de Sergipe. Abaixo temos as respectivas obras em suas áreas de conhecimento e seus autores e em seguida um apanhado da discografia publicada pelo Movimento Cultural de Sergipe através do programa “Panorama Cultural Luso-brasileiro” da rádio PRJ-6, ver Quadro 1.

²⁷ Carlos A. Echanove Trujillo- notável sociólogo mexicano. Catedrático de Sociologia General y de Sociologia Mexicana em La Universidad Nacional Autónoma de México. Autor do Dicionário Abreviado de Sociologia, Sociologia Mexicana, La Sociologia em Hispanoamérica e uma dezena de obras de inestimável valor para a sociologia contemporânea (TRUJILLO, 1954, p. 1).

QUADRO 1 - Obras em suporte livro publicadas pelo Movimento Cultural de Sergipe

Áreas	Títulos	Autores
Sociologia	Grandeza, decadência e renovação da vida	Florentino Menezes
Biografias	Tributo ao mérito Luiz da Câmara Cascudo Centenário de João Ribeiro (1860-1963)	José Augusto Garcez
Ensaio	Ensaio, Interior da Cidade Subterrânea, Revolução em Marcha	José Augusto Garcez
	Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes	José Calasans
Crônicas	Em Sergipe del Rey	Luís da Câmara Cascudo
	Itinerário Sentimental da Bahia	Sindulfo Barreto Filho
História	O Destino da Província Holandeses em Sergipe	José Augusto Garcez
Romance	O tesouro de Jaboatão	José Bezerra dos Santos
Poesia	Cidade subterrânea, Relíquias, Ode órfica, Ode órfica 2ª edição, Cadernos de elegias 2ª edição, Pássaro de pedra e sono, Pentáculo do medo	Santo Souza
	Invasão das estrelas, Mensagens, Desejo morto, Canudos submerso, Aurora de sangue, Aurora de sangue – 2ª edição	José Augusto Garcez
	Nós acendemos as nossas estrêlas, Obras completas - 2º tomo.	José Sampaio
	Rapsódia de Aracaju, Sermões, Minha cidade.	José Amado Nascimento
	Sonho e realidade	José Maria Fontes
	Motivos de Aracaju, Motivos de Aracaju- 2ª edição.	Jacinto de Figueiredo
	Caiçá	Luiz de Aquino
	Lagoa do Abaeté	Sindulfo Barreto Filho
	Rosa do tempo	Giselda Moraes
	Albatroz da madrugada	Álvares da Rocha
	Minha canção de sempre	Sílvia Carolina Pereira Garcez
Economia	Independência econômica do Brasil	José Amado Nascimento
Museologia	Realidade e destino dos museus Realidade e destino dos museus - 2ª edição	José Augusto Garcez
Finanças	Análises da inflação no Brasil	Orlando Dantas

Fonte: Elaborado pelo autor com base no levantamento das obras editadas pelo Movimento Cultural de Sergipe no período de 2017 à 2018.

Analisando sinteticamente o quadro de obras acima, percebe-se que o Movimento Cultural de Sergipe publicou obras de diversos gêneros textuais em diversas áreas do conhecimento, sociologia, biografias, ensaios, crônicas, história, romance, poesia (em sua maioria), economia, museologia e finanças. Por Garcez exercer também a função de fiscal do Banco do Brasil e, conseqüentemente, ter contato com diversas prefeituras municipais, ele conseguiu seu apoio para publicação de algumas obras; outras foram custeadas pelo próprio Garcez. Segundo

(SOUZA, 2002, p. 7), as primeiras obras foram fruto de doações pelo jornalista Lincoln de Souza. Este “doou todo o seu prêmio, conseguido com a reportagem Xavantes na Serra do Roncador, publicada pelo MEC”. Segundo a autora, com os valores arrecadados das primeiras doações, foram publicados os primeiros livros do Movimento Cultural de Sergipe, entre eles, *Grandeza, Decadência e Renovação da Vida*, do sociólogo Florentino Menezes. Estas obras foram divulgadas para sociedade sergipana através da PRJ-6, onde Garcez tinha um programa radiofônico chamado “Panorama Cultural”. A emissão tinha a função de popularizar e divulgar os intelectuais sergipanos através das ondas do rádio. Outra estratégia de divulgação era através do envio de correspondência às caixas-postais dos intelectuais do país e do exterior. Através de missivas recebidas e publicadas nos jornais sergipanos o público leitor tinha acesso à atividade editorial e cultural do Movimento Cultural de Sergipe.

Os lugares de feitura das obras do Movimento Cultural de Sergipe foram os mais diversos. Entre eles, o Curso de Encadernação da Escola Industrial de Sergipe, a Editora CISLA, a Gráfica Editora e a Livraria Regina a que também funcionava como tipografia.

Vale ressaltar que o trabalho de editor, descobridor de escritores feito por José Augusto Garcez tirou do anonimato alguns talentos dignos de nota, entre eles, o poeta Santos Souza, a escritora Giselda Moraes e o poeta José Sampaio, que teve a sua obra completa editada por José Augusto Garcez. Após a instauração do regime ditatorial no país em 1964, a produção do Movimento arrefeceu. Somente um trabalho de maior fôlego para encontrar os reais motivos desse momento.

Destaque para algumas capas das obras editadas e publicadas pelo Movimento Cultural de Sergipe (ANEXO G).

O Movimento Cultural de Sergipe como projeto associado ao Panorama Cultural apresentado por Garcez na PRJ-6 inovava publicando em disco muitos dos editados e publicados em livros. Logo, se construiu uma discografia considerável sobre os intelectuais sergipanos que participaram do referido Movimento. Esta documentação com as vozes dos intelectuais está espalhada pelos arquivos particulares e muito deste material já danificou-se. Nesta dissertação conseguimos, através de visitas ao intelectual Jackson da Silva Lima reunir parte do que o mesmo da discografia rodada na Antiga Rádio Difusora de Sergipe. Vozes que entraram nos lares sergipanos levando poesia e muito conhecimento sobre a cultura sergipana e os seus valores culturais. Segue abaixo fragmentos dessa discografia:

QUADRO 2 - Discografia publicada pelo Movimento Cultural de Sergipe²⁸:

ROTAÇÃO	DISCO	LADO	FAIXAS
Rotação 68	Disco 01 (20/07/1953)	LADO A	J. A. Garcez – “Agradecimento ao Prof. Florentino Menezes”;
		LADO B	José Maria Fontes – Récita do poema “Falando a alguém que vai morrer” (o início do poema está no disco seguinte);
			J. A. Garcez – Fala sobre o poeta José Maria Fontes, com referências ao poeta Santo Souza.
	Disco 02 (20/07/1953)	LADO A	Florentino Menezes – Leitura do Capítulo I (“Onipotência e Piedade”) do seu Livro <i>Grandeza, Decadência e Renovação da Vida</i> (1953)
		LADO B	Florentino Menezes – Continuação da leitura anterior
	Disco 03 (20/07/1953)	LADO A (ÚNICO)	Florentino Menezes – Conclusão da leitura anterior
	Disco 04 (09/08/1953) – “Poetas Sergipanos	LADO A	J. A. Garcez fala sobre escritores sergipanos, a começar do Prof. Florentino Menezes, citando outros nomes; Santo Souza – Récita de “O Canto Permanente”, com apresentação de José Augusto Garcez
		LADO B	Santo Souza – Récita de: a) “Soneto ao Canto Permanente”; e b) “Elegia ao destino das estrelas”. José Maria Fontes – a) Poema por identificar (falta o início por se achar o vinil danificado); e b) “Falando a alguém que vai morrer” (apenas o início; o restante do poema está no disco anterior do acervo
	Disco 05 (21/03/1956)	LADO A	José Góes Duarte – Récita de três poemas do seu livro inédito – <i>Caminhos em Flor</i> : a) “Irmã de Caridade”; b) “Itaporanga ao luar”; c) “Finis” (Apresentação de José Augusto Garcez);
		LADO B	Luiz de Aquino – Récita dos poemas: a) “Mãe”; b) “Elegia ao menino morto”; c) “A Voz” (Apresentação de José Augusto Garcez).
	Disco 06 (22/03/1956)	LADO A	José Góes Duarte – Récita de poemas do seu livro inédito – <i>Céu Estranho</i> : a) “Encanto”; b) “Angelus”; c) “Aquarela noturna” (Apresentação de José Augusto Garcez).
		LADO B	Gizelda Santana Moraes – Récita dos poemas: a) “Pela rua”; b) “O ar pesado”; c) “E continuarei” (Apresentação de José Augusto Garcez)
	Disco 07 (1957)	LADO A (ÚNICO)	Garcia Rosa – Récita dos poemas: a) “Amália”; b) “Lua e sol”; c) “Sonhar” (Apresentação de José Augusto Garcez)
	Disco 08 (1953)	LADO A	Francisco Alves (Com. Orch. Copacabana) – Canta “Sergipana” (Exortação) – de Eduardo Souto e Orestes Barbosa – inédito;
		LADO B	Maurício de Lacerda – Canta “Brasileiro” (Exortação), de sua autoria – Inédito.
	Disco 09 (1955)	LADO A	Raimundo Santos – Canta “Hino do Centenário de Aracaju” – de Sales de Campos e José de A. Feijó (Classificado em 1º Lugar) – MOCAMBO – Recife/PE;
		LADO B	Ernani Dantas – “Hino do Centenário de Aracaju” – de J. Freire Ribeiro e Alfeu Menezes (Classificado em 2º Lugar) – MOCAMBO – Recife/PE

²⁸A referida discografia constitui parte do acervo particular do intelectual Jackson da Silva Lima. O mesmo a disponibilizou de forma organizada como se percebe no texto. Segundo o intelectual, é apenas parte da discografia do Movimento Cultural de Sergipe, organizado e dirigido por José Augusto Garcez.

...continuação

ROTAÇÃO	DISCO	LADO	FAIXAS
ROTAÇÃO 33	Disco 01 (09/01/1963)	LADO A	José Augusto Garcez – Récita dos poemas: a) “Natal de amanhã”; b) “Ode ao vento”; c) Elegia da hora final”;
		LADO B	Santo Souza – Récita dos poemas: a) Poema para mamãe; b) “Mensagem do Natal”; c) A Sacerdotisa”.
	Disco 02 (25/01/1963)	LADO A	Airton Teles Barreto – Récita do poema “A lágrima de Deus”; Santo Souza – Récita dos poemas: a) “Canção do Condenado”; b) “Ciranda”.
		LADO B	Santo Souza – Récita dos poemas: a) “Noite no cais de Aracaju”; b) “A Espera”; c) “Soneto da Criação”.
	Disco 03 (1964)	LADO A	José Augusto Garcez – Récita (prosa): “O rapto do sol no rastro da bomba atômica”;
		LADO B	José Augusto Garcez – Continuação do item anterior
	Disco 04 (1964)	LADO A	José Augusto Garcez – Continuação do item anterior.
		LADO B	José Augusto Garcez – Continuação do item anterior.
	Disco 05 (1964)	LADO A	José Augusto Garcez – Comentários sobre a bomba Atômica
		LADO B	José Augusto Garcez – Récita dos poemas: a) “Tigre de papel”; b) Apocalipse” (Do livro inédito <i>Canto Sobre a Relva de Fogo</i>).
	Disco 06 (1964)	LADO A	José Augusto Garcez – Récita da poesia “Poema da mulher ausente” (Apresentação de Santo Souza);
		LADO B	José Augusto Garcez – Récita dos poemas: a) Natal do menino morto”; b) “O grande momento”, dedicado a Garcia Rosa (Do livro inédito <i>Canto Sobre a Relva de Fogo</i>).
	Disco 07 (s/data)	LADO A	José Augusto Garcez – Récita do poema “Elegia do fruto nascido”;
		LADO B	Idem.
	Disco 08 (s/data)	LADO A	Gilberto Amado – Récita dos poemas: “A vida e o artista”; “Melancolia”; “Triste vanglória”; “Dançarina”; “Nenhuma”; “Predestinação”; “Última brasa” – [LPP 012 – POESIAS – Vol. XII – Festa, Discos Ltda. – Direção de Irineu Garcia e Carlos Ribeiro].
		LADO B	Rosalina Coelho Lisboa – Récita de seis poemas (ela não é sergipana).

Fonte: Acervo particular do escritor e pesquisador Jackson da Silva Lima.

A discografia aqui apresentada são fragmentos do Movimento Cultural de Sergipe. Percebe-se que se tratava de um material voltado para a poesia local. Nesse sentido, o Movimento reunia os poetas e intelectuais sergipanos em prol da valorização da cultura local. Em suma, são resquícios que reconstituem uma das formas que Garcez utilizou para publicar e dar notoriedade ao seu grupo. Um Movimento Cultural voltado para a intelectualidade local que elevou e movimentou o cotidiano aracajuano. Logo, a trajetória de Garcez revela-nos uma vida dedicada ao campo intelectual. Uma figura que buscou constantemente os capitais necessários para se firmar no mundo das letras. A soma dos capitais econômicos, culturais e sociais o levou a Academia Sergipana de Letras. Em suma, Garcez foi um continuador de uma geração de intelectuais. Todavia, não trata-se de um intelectual

emigrado, as suas estratégias através das redes de sociabilidades criadas permitiu que o mesmo ganhasse notoriedade na própria gleba sergipana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos aqui empreendidos, observa-se que José Augusto Garcez conciliou a atividade bancária, a atividade empresarial na exportação de gado para outros estados com a sua atuação no campo intelectual, atuando em várias frentes em prol da cultura sergipana. Numa reconversão de capitais, tornou-se expressão no campo editorial por vinte anos e no cultural, durante toda sua trajetória em Sergipe.

Todavia, deve-se explicitar ainda, que os recursos herdados da situação econômica, política e social de seus familiares permitiu e facultou sua atuação em instituições voltadas para a difusão da informação e da cultura sergipana, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Academia Sergipana de Letras. E mesmo quando de seu trabalho como radialista, bem como nos jornais locais, ou na sua indicação para o Banco do Brasil, trabalho não somente valorizado, mas, à época, rentável e prestigioso.

Dessa forma, José Augusto Garcez teve uma forte atuação na difusão da cultura e da informação no estado, tendo idealizado instituições como o Museu de Arte e Tradição, o Serviço de Pesquisa Científica e o Movimento Cultural de Sergipe, responsável por um número considerável de publicações de obras suas e de autores sergipanos. Também atuou no Programa Cultural Luso Brasileiro, na antiga Rádio Difusora, através da qual fazia circular a informação divulgando oralmente as obras publicadas pelo referido movimento. Vê-se que ao tempo em que realmente difundia informação e cultura, José Augusto Garcez também vinculava a seu nome uma ação efetiva para retirada de Sergipe, segundo ele, antigamente “palco de tantos intelectuais de renome nacional”, do marasmo cultural que se encontrava nos últimos anos da década de 1940.

Diante do exposto, vê-se que José Augusto Garcez através da sua trajetória e do Movimento Cultural de Sergipe, contribuiu para a difusão da informação e do conhecimento no Estado, atingindo uma parcela significativa da sociedade sergipana e arregimentando um número significativo de intelectuais. Para executar tal tarefa, José Augusto Garcez, homem da elite sergipana, utilizando-se de suas fortes relações em diferentes grupos de poder, seus recursos pessoais, tais como origem social, poder econômico, rede de sociabilidade e até mesmo utilizando seu próprio erário para o desenvolvimento do seu *Movimento Cultural de Sergipe*. Contudo, percebe-se também que o *Movimento Cultural de Sergipe* foi veículo de

construção de sua imagem simbólica, consolidando-o como o mecenas das artes gráficas do Estado de Sergipe, sendo assim reconhecido não somente em sua terra natal, mas nacionalmente pela pena de grandes intelectuais brasileiros, tais como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Câmara Cascudo, dentre outros.

Assim, entende-se, com base na teoria, que no campo dos possíveis, ou seja, dentro das possibilidades apresentadas pelo campo intelectual sergipano e a partir de um determinado *habitus*, moldado por certos capitais cultural de propensão para as letras, ainda em tempos de escola, e atuando em consonância com os *capitais* e das relações dele advindas, José Augusto Garcez adquiriu capital simbólico de destaque no campo intelectual sergipano.

O historiador Marc Bloch diz que uma das particularidades da observação histórica é “o conhecimento através de vestígios”. Para ele, “não existe outra máquina de voltar no tempo senão a que funciona em nosso cérebro, com materiais fornecidos por gerações passadas”. Os textos aqui utilizados foram esses “vestígios”, as “vozes do passado”, indispensáveis para dar inteligibilidade à trajetória de José Augusto Garcez. Para entender o significado dessas “vozes” se utilizou- dos conceitos de geração, intelectuais, boemia, capitais, sociabilidade, entre outros.

A partir da proposta de trajetória através dos textos em jornais, revistas, obras do Movimento Cultural de Sergipe, cartas, bilhetes, documentos avulsos, imagens, certidões, entre outros, chega-se às seguintes conclusões: José Augusto Garcez traz da sua origem familiar capital econômico, social e simbólico a ponto de investir com o seu “mecenato particular” para difusão de intelectuais sergipanos e a sua própria promoção enquanto tal; o estudo das redes de sociabilidade nas quais José Augusto Garcez estava inserido, desde a década de 1930, mostraram os locais e os vínculos dos intelectuais a esses espaços de disseminação de ideias. Nesse sentido, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, a Academia Sergipana de Letras, o Cinema Rio Branco, as revistas da Casa de Sergipe, da Academia Sergipana de Letras, a Revista de Aracaju, e os diversos jornais sergipanos constituíam espaços de sociabilidade, locais de propagação e debates do mundo do intelecto. Outra evidência importante a partir dos textos e contextos aqui referidos, foi perceber que a entrada dos intelectuais para a atividade intelectual se dava através do meio jornalístico. Assim fez Garcez e tantos outros.

Os textos que giraram em torno de José Augusto Garcez lhe trouxeram capitais simbólicos de *intelectual nacionalista* engajado num projeto de difusão da cultura sergipana. Os mesmos pontos de contatos vão mostrar que Garcez não

possuía uma especialização definida, tratava-se de um autodidata que estudou diversas áreas do conhecimento, Cultura, História, Direito, Folclore, Economia, Museu, entre outras.

Garcez não foi um intelectual emigrado, tal qual os *tobiáticos*. Todavia, buscou estratégias, redes de sociabilidades através de missivas, para ganhar notoriedade e dar visão aos autores editados por ele através do Movimento Cultural de Sergipe, sua maior empreitada no campo da intelectualidade sergipana. Por fim, os textos de ocasião, os discursos escritos e a reconstrução e compreensão do Movimento Cultural de Sergipe mostram que José Augusto Garcez contribuiu, sobremaneira, para projetar, tirar do obscurantismo, intelectuais sergipanos e conseqüentemente, elevar a cultura e a memória do estado de Sergipe.

A dissertação em tela não esgota as pesquisas e estudos sobre o intelectual José Augusto Garcez. Além do período aqui pesquisado (1938 à 1972). Novas pesquisas poderão debruçar-se sobre as obras editadas pelo seu Movimento Cultural, sobre a sua atuação no período de 1972, quando entrou para Academia Sergipana de Letras, até o seu falecimento em 1992.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA Sergipana de Letras. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 1607, 3 dez. 1947. Sessão ordinária.
- ACADEMIA Sergipana de Letras. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 1622, 29 dez. 1947.
- ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS. **Diploma Acadêmico Cadeira 22 José Augusto Garcez**, 15 de novembro de 1972.
- ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS. **Estatutos e Regimento interno da Academia Sergipana de Letras**. [Separata número 13 da revista da academia]. Aracaju: Imprensa Oficial, 1948.
- AGULHON, Maurice. **El círculo burguês**. Buenos Aires: Siglo Veintuno Editores, 2009.
- ALBUQUERQUE, Samuel. **José Calasans e Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016, p. 91.
- ALBUQUERQUE, Samuel B. de Medeiros. Aspectos do baronato sergipano. Aracaju: Revista do Instituto Histórico de Sergipe. **Revista do IHGS**, Aracaju, n. 33, 2000.
- ALENCAR FILHO. Tópicos, Academia em ritmo de zé Augusto. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 12/13 ago. 1972.
- ANDRADE, Adênia Santos; BRITO FILHO, José de Oliveira. **O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.
- AQUINO, Luiz de. **Caicá**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1956.
- ARAÚJO, Acrísio Tôrres. **Arnaldo Rollemberg Garcez, um político de muitos mandatos**. Blog, 2006. Disponível em: [http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=43422&titulo=Luis Antonio Barreto](http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=43422&titulo=Luis_Antonio_Barreto). Acesso em: 12 jan. 2014.
- ARAÚJO, Acrísio Tôrres. **Imprensa Sergipana**. Brasília: Senado, 1993.
- ARAÚJO, Acrísio Tôrres. **Literatura Sergipana**. Brasília, 1976.
- AZEVEDO, Fernando de. Do notável Fernando de Azevedo o escritor José Augusto Garcez, recebeu a seguinte missiva. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2598, 29 mar. 1954.
- BARRETO, Luiz Antônio. JAG: estranho homem. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n.31, p. 205-206, 1992.
- BARRETTO, Armando. Cel. Sílvio Sobral Garcez. **Cadastro de Sergipe**, 1949.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BENDASSOLLI, Pedro F. Ilusão Biográfica. **Especial: carreiras**, v. 7. N. 1. jan./fev. 2008. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/5103.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

BIGNOTTO, Cilza. Monteiro Lobato: editor revolucionário? In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Unesp, 2010, p. 121-137.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história, ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: USP, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A prática social entre o campo e o habitus. **Fato Sociológico**, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://fatosociologico.blogspot.com/2010/05/pierre-bourdieu-pratica-social-entre-o.html>>. Acesso em: 12 out. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: UFSC, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BRASIL, Assis. **A poesia sergipana no século XX**: (antologia). Rio de Janeiro: Imago Ed. Aracaju: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer de Sergipe, 1998.

BRETAS, Silvana Aparecida. **A criação da Universidade Federal de Sergipe**: história, política e formação da comunidade acadêmica, (1950-1970). São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

CABRAL, Mário. Aracaju cultural em 1940. **Revista da Academia Sergipana de Letras**, Aracaju, n. 27. Mar. 1980. p. 53-65.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**: guia sentimental da cidade. Aracaju: Livraria Regina, 1948.

CALASANS, José. Movimento Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2595, 15 mar. 1954.

CARMO, Mauro. Movimento Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2596 A, 23 mar. 1954.

CARVALHO, Eronides Ferreira de. [Carta] **30 de novembro de 1935**, Aracaju [para] GARCEZ, José Augusto; GARCEZ, João Augusto, Aracaju. 1f. Autorização que permitia o motorista e os dois jovens irem e virem com o apoio do chefe de polícia da capital e da Diretoria de Segurança Pública, 1935.

CASCUDO, Luís da Câmara. [Ofício] **21 de novembro de 1951**, Natal, Estado do Rio Grande do Norte, [para] GARCEZ, José Augusto, Aracaju-SE. 1 f. Nomeia José Augusto Garcez como membro titular da Sociedade Brasileira de Folk Lore.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Em Sergipe del Rey**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1954.

CASCUDO, Luís da Câmara. Movimento Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**. Aracaju, ano 5, n. 2582, 5 fev. 1954.

CERTIDÃO de Nascimento. Cartório do Registro Civil. Oficial: José Henrique Filho. Itaporanga d' Ajuda, 04 out. 1974. fls.56-v. Fotocópia. [Registro feito em 1919).

CERTIDÃO de Nascimento. Cartório Sexto Ofício. Titular: Manuel Nicanor do Nascimento. Substituta: Leônia Gama de Oliveira. Trav. José de Faro, 63, Aracaju, 10 jul. 1980. fls. 88. Fotocópia.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990, p.123.

CHIACCHIO, Carlos. **Filhos Ilustres da Bahia 162 Carlos Chiacchio**. 2014. Disponível em:<http://ilustresdabahia.blogspot.com.br/2014/02/162-carlos-chiacchio_22.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

CRUZ, José Vieira da. **Da autonomia à resistência democrática**: movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985. Maceió: EDUFAL, 2017.

DA MARIA Augusta Garcez. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2632, 19 jul. 1954.

DANTAS, Beatriz Góis. José Calasans e o folclore em Sergipe. *In*: ALBUQUERQUE, Samuel. **José Calasans e Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016, p.112-150.

DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica Maria Meneses. **Destinatário**: Felte Bezerra- cartas a um antropólogo sergipano (1947-59 e 1973-85). São Cristóvão: UFS, 2009.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS, Orlando. **Análises da inflação no Brasil**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1956.

DINIZ, Diana Maria de Faro Leal *et al.* O processo de formação e as manifestações culturais em Sergipe. **Textos para história de Sergipe**, Aracaju: UFS/BANESE, 1991.

DÓRIA, Epifânio. Movimento Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano V, n. 2591, 5 mar. 1954.

DOSSE, François. Da história das idéias à história intelectual. **História e ciências sociais**, Bauru: Edusc, 2004.

ESCRITOR José Augusto Garcez. **Diário de Sergipe**, Aracaju, 21 agosto de 1953.

EXPRESSIVAS homenagens à memória de um saudoso homem público, Itaporanga d'Ajuda chora a perda do seu benfeitor. **Diário de Sergipe**, Aracaju, 31 de outubro de 1951.

FIGUEIREDO, Jacintho de. **Motivos de Aracaju**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1955.

FONTES, Ariosvaldo Silveira. **Figuras e fatos de Sergipe**. Porto Alegre: CFP SENAI de Artes Gráficas Henrique D'ávila Bertaso, 1992. p.23-26.

FONTES, Clarêncio. Seção Literária. **Sergipe Jornal**, Aracaju, n. 14271, 26 ago. 1961.

FONTES, José Maria. **Sonho e realidade**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1955.

FREITAS, Itamar. **A escrita da História na "Casa de Sergipe" – 1913/1999**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2002.

GAMA, João Paulo Oliveira. **Caminhos cruzados**: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954): São Cristóvão, 2015.

GARCEZ, José Augusto. [Carta] **11 de novembro de 1959**, Aracaju-SE [para] COSTA, João, Aracaju. 2 f. Informa sobre a necessidade de difundir os valores culturais e intelectuais sergipanos, 1959a.

GARCEZ, José Augusto. [Carta] **4 de julho de 1943**, Aracaju [para] GARCEZ, Sílvio; Aracaju. 1f. 1943.

GARCEZ, José Augusto. **A invasão das estrelas**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1954a.

GARCEZ, José Augusto. A sucessão de Artur Fortes na Academia Sergipana de Letras. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 1619, 22 dez. 1947a.

GARCEZ, José Augusto. A sucessão de Artur Fortes na Academia Sergipana de Letras. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 1620, 25 dez. 1947b.

GARCEZ, José Augusto. **Artista provinciano**. [194? - 196?]. Documento avulso.

GARCEZ, José Augusto. **Atenção, coisas da vida**. [194? - 196?]. Documento avulso.

GARCEZ, José Augusto. **Aurora de sangue**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe Livraria Regina, 1958.

GARCEZ, José Augusto. **Canudos submerso**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1956a.

GARCEZ, José Augusto. Crime e destino das idéias em ação. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 1593, 12 nov. 1947c.

- GARCEZ, José Augusto. **Ensaio**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1954b.
- GARCEZ, José Augusto. José Sampaio: poeta revolucionário. **Revista da Academia Sergipana de Letras**, Aracaju, n. 31, p. 137-139. 1975a.
- GARCEZ, José Augusto. **Luís da Câmara Cascudo**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1955.
- GARCEZ, José Augusto. Mensagem Renovada: idéias e ação. **Rev. A.S.L.**, Aracaju, n. 25, 1975b.
- GARCEZ, José Augusto. **Mensagem Renovadora**: idéias e ação. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1975c.
- GARCEZ, José Augusto. **Mensagens**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1954c.
- GARCEZ, José Augusto. Movimento Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2581, 22 fev. 1954d.
- GARCEZ, José Augusto. Movimento Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2588, 22 fev. 1954e.
- GARCEZ, José Augusto. Nós acendemos as nossas estrelas. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano XLVII, n. 5040, 27 abr. 1956b.
- GARCEZ, José Augusto. **O destino da província**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1954f.
- GARCEZ, José Augusto. O destino da província. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2501, 20 jun. 1953a.
- GARCEZ, José Augusto. **Realidade e Destino dos Museus**. Aracaju, SE: Livraria Regina, 1959.
- GARCEZ, José Augusto. Síntese de uma personalidade, Artur Fortes. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 1618, 20 dez. 1947d.
- GARCEZ, José Augusto. Tribuna literária. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano XLVII, n. 5031, 3 abr. 1956c.
- GARCEZ, José Augusto. **Tributo ao Mérito**: opiniões sobre a vida e obra do sociólogo sergipano, professor Florentino Menezes. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1953b.
- GARCEZ, Sílvia Carolina Pereira. Autora de Minha canção de sempre escreve sobre seu livro. **A Cruzada**, Aracaju, ano 48, 10 jun. 1967a.
- GARCEZ, Sílvia Carolina Pereira. **Minha canção de sempre**. Aracaju: Livraria Regina, 1967b.
- GOMES, Angela de Castro. A invenção do trabalhismo. **A invenção do trabalhismo**, Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. *In*: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA, Maria de Fátima S. **Culturas políticas**: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Alumentamento, 1998.

HOJE livro de Santos Souza. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, n. 2381, 25 jan. 1964.

INFORMAÇÕES culturais. **Gazeta de Sergipe**. Aracaju, 19 jan. 1964.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. O anticomunismo de Gustavo Barroso: a crítica política como instrumento para um discurso antisemita. *In*: RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Intelectuais e comunismo no Brasil: 1920 - 1950**. Cuiabá: EdUFMT, 2011. p. 15-34.

JOSÉ Augusto Garcez. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, n. 9939, 14 jan. 1992.

JOSÉ Augusto Garcez. **Portugal Dia a Dia**: síntese mensal da actualidade portuguesa. Lisboa, n. 18, 1 ago. 1951.

JOSÉ Sampaio: poeta revolucionário. **Revista da Academia Sergipana de Letras**, Aracaju, n. 31, p. 137-139.

KUBITSCHEK, Jucelino. [Carta] **15 de abril de 1955**, Rio de Janeiro [para] GARCEZ, José Augusto, Aracaju. 1 f. Informando o recebimento dos livros do Movimento Cultural de Sergipe.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: FERRERIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002, pp. 167-182.

LIMA, Jackson da Silva. **Os estudos filosóficos em Sergipe**, Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995.

LIMA, Jackson da Silva. **Reconhecer nomes** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <Silvaney Silva Santos>. Aracaju, em 02 jan. 2018.

LIMA, Zózimo. Livros do "M.C.S." **Correio de Aracaju**, Ano. XLVI, 23 dez. 1953.

LIMA, Zózimo. O museu de José Augusto. **Correio de Aracaju**, Ano. XLVI, n. 5370, 15 set. 1951.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. *In*: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. (225-249).

LUSTOSA, Isabel. **Brasil pelo método confuso**, humor e boemia em Mendes Fradique. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasi, 1993

MACHADO, Manoel Cabral. **Brava gente sergipana e outros bravos**. Aracaju: Tribunal de Contas do Estado de Sergipe; EDISE, 2016.

MANGUEIRA, Dermeval. **Jabotiana**. Aracaju: Regina/Movimento Cultural de Sergipe. 1961.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50**. Aracaju: UNIT, 2000.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50**. Aracaju: UNIT, 2007.

MORAIS, Paulo Fernando Teles. **Letra y e outros contos**. Aracaju, 1985.

MOVIMENTO Cultural de Sergipe em Sergipe del Rey. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2583, 9 fev. 1954c.

MOVIMENTO Cultural de Sergipe. **A Cruzada**, Aracaju, ano 10 out. 1953a.

MOVIMENTO Cultural de Sergipe. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano XLVI, n. 4842, 21 nov. 1953b.

MOVIMENTO Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2581, 5 fev. 1954a.

MOVIMENTO Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2582, 3 fev. 1954b.

MOVIMENTO Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2589, 24 fev. 1954c.

MOVIMENTO Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2590, 26 fev. 1954d.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

NASCIMENTO, José Amado. Movimento Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2589, 24 fev. 1954.

NASCIMENTO, José Amado. **Rapsódia de Aracaju**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1955.

NOGUEIRA JR. Arnaldo. **Biografias de Zózimo Lima: projeto releituras**, 2014. Disponível em: http://www.releituras.com/ne_zlima_natal.asp. Acesso em: 07 fev. 2014.

OLIVEIRA, Anselmo de. **Cabral Machado**, o homem, o intelectual e o político. Aracaju: Tribunal de Contas do Estado de Sergipe; Criação, 2016.

PEREIRA, João. Movimento Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**. Aracaju, ano 5, n. 2584, 13 fev. 1954.

REVISTA DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS. Aracaju, n. 25, mar. 1975.

REVISTA DE ARACAJU, Aracaju, v. 1, n. 9, p. 189-203, 2002.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. José Calasans Brandão da Silva e a História de Sergipe. In: ALBUQUERQUE, Samuel. **José Calasans e Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.

SAMPAIO, Aluysio Mendonça. **Em busca da manhã**: a poesia de José Sampaio. São Paulo: Carthago Editorial, 1996.

SAMPAIO, José. Movimento Cultural de Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano V, n. 2592, mar. 1954a.

SAMPAIO, José. **Nós acendemos as nossas estrêlas**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1954b.

SAMPAIO, José. **Obras completas**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe/Livraria Regina, 1956.

SANTANA, Verônica. **O rádio em Sergipe**. 2012. Disponível em: sintoniaradiofonica.blogspot.com/2012/12/radio-em-sergipe-por-veronica-santana.html. Acesso em: 13 jan. 2014.

SANTOS, Cláudio de Jesus. **Era uma casa era um museu**: a formação do pensamento museológico social sergipano em José Augusto Garcez (1948-1992). Aracaju, 2011.

SANTOS, Cláudio de Jesus. José Augusto Garcez, precursor da museologia sergipana. **Jornal da Cidade**. Aracaju, 1 jun. 2009, p. B6.

SANTOS, Elissandra Silva. **Livraria Regina**: notas sobre a aventura do livro em Aracaju (1918-1976). São Cristóvão, 2004.

SANTOS, José Bezerra dos. **O tesouro de Japoatão**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1955.

SANTOS, Osmário. Manuel Messias: o querido professor de desenho, 2009. **Infonet**. Disponível em: http://usuarioweb.infonet.com.br/~osmario/igc_conteudo.asp?codigo=14900&catalogo=5&inicio=24. Acesso em: 17 jan. 2014.

SANTOS, Silvaney Silva. O mecenato das letras em Sergipe: José Augusto Garcez e o Movimento Cultural de Sergipe (1950-1960). In: CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA E IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE, 4., 2014, **Anais eletrônicos**. 2014, Aracaju. Disponível em: <http://www.encontro2014.se.anpuh.org/>. Acesso em: 13 jul. 2016.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. Pelos caminhos da história cultural: geração, intelectual, sociabilidade e circularidade. In: **DIALOGUS**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, 2008.

SILVA, José Calasans Brandão da. O desenvolvimento cultural de Sergipe na primeira metade do século XX. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, v. XXI, n. 26, p. 47-56, 1961-1965.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SOUZA, Cristiane Vítório de. **A República das letras em Sergipe (1889-1930)**.

SOUZA, Santos. Fósseis em Sergipe. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2496, 27 maio. 1953.

SOUZA, Santos. **Ode Órfica**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe/Livraria Regina, 1956.

SOUZA, Santos. **Relíquias**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1954.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. O Movimento Cultural de Sergipe. **CINFORM**. Aracaju, n. 1010, ago. 2002.

THEOTÔNIO NETO. **História do Rádio em Sergipe**. Meio Ambiente em Foco. 2009. Disponível em: <<http://www.espacoambiental.blogspot.com.br/2009/08/historia-do-radio-em-sergipe.html>>. Acesso em 10 fev. 2014.

TRUJILLO, Carlos A. Echanove. Movimento Cultural de Sergipe no estrangeiro. **Diário de Sergipe**, Aracaju, ano 5, n. 2596, 19 mar. 1954.

UM EXEMPLO e uma lição de oportuno e inestimável valor – Luiz Carlos Prestes. **Diário de Sergipe**, Aracaju, n. 923, 12 maio 1945.

VIDA cultural. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano XLIV, n. 5396, 29 out. 1951.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **O descobridor de escritores**. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001.

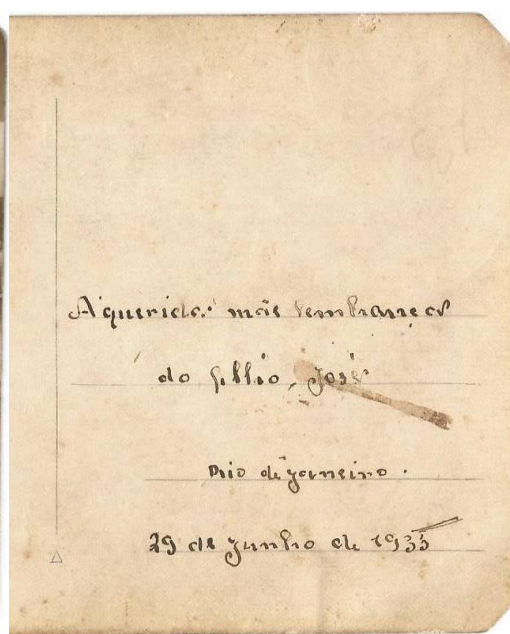
VÍTIMA da sanha sanguinária dos esbirros moscovitas foi morto em plena via pública o operário Anísio Dário. **Diário de Sergipe**. Aracaju, ano 5, n. 1606, 1 dez. 1947.

ANEXO A - Manuel Cândido Pereira e Eliphia de Castro Santos Pereira



Fonte: Acervo de Sílvia Garcez.

ANEXO B - José Augusto Garcez no Rio de Janeiro



Fonte: Acervo de Sílvia Garcez.

ANEXO C - Panfleto da Campanha de Garcez para Dep. Estadual em 1954

"DA CONSCIENCIA DO SEU VOTO DEPENDE O BRASIL QUE SEU FILHO HERDARÁ AMANHÃ"



Silvio Sobral Garcez e Carolina S. Garcez

SERGIPANO! Auxilie com o seu voto consciente a salvar SERGIPE das mistificações, do aventurismo e dos reacionários. Coopere em prol dos empreendimentos históricos e culturais. Colabore nas soluções dos problemas sociais. Conheça os aspectos econômico-financeiros. Defenda a integridade cristã. Compartilhe do bem-estar coletivo e forme ao lado dos que anseiam o aprimoramento das instituições democráticas - votando para DEPUTADO ESTADUAL no candidato do povo — JOSE AUGUSTO GARCEZ, jornalista, radialista, poeta, historiador e escritor sergipano.

ELEITOR AMIGO:

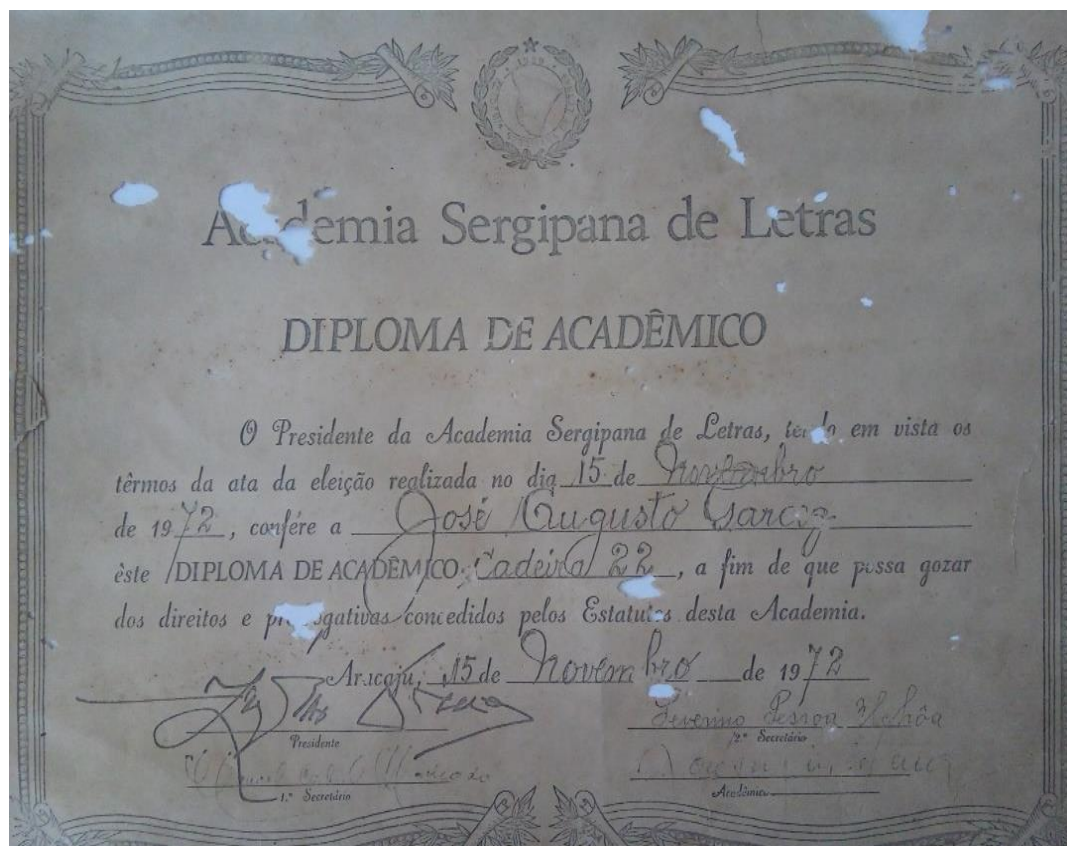
Receba informações e procure cédulas em Aracaju à Avenida Barão de Marquim, 629, e em Itaporanga d'Ajuda na residência de D. CAROLINA SOBRAL GARCEZ, esposa do saudoso Cel. SILVIO SOBRAL GARCEZ.



JOSE AUGUSTO GARCEZ

Fonte: Acervo particular do pesquisador.

ANEXO D - Diploma de acadêmico de José Augusto Garcez



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

ANEXO E – Foto de Santo Souza (lado esquerdo da tela) e Garcez (lado direito da tela)



Fonte: Acervo particular de Sílvia Garcez.

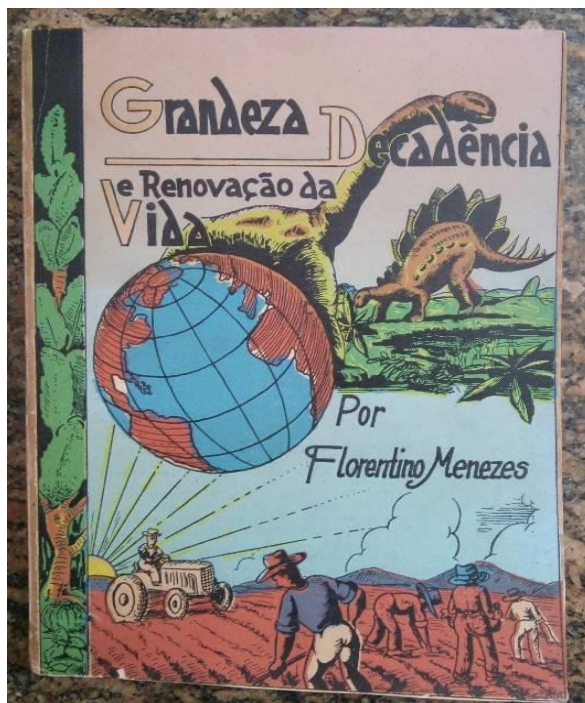
ANEXO F - Palestra de Jackson da Silva Lima com a presença de Garcez



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

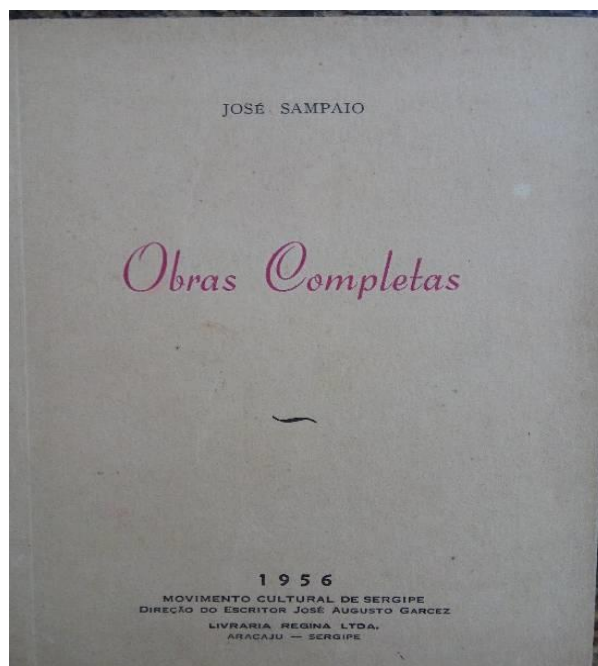
ANEXO G – José Andrade Garcez – Imagens de uma história

IMAGEM G.1 - Primeira obra publicada pelo M.C.S. (1953)



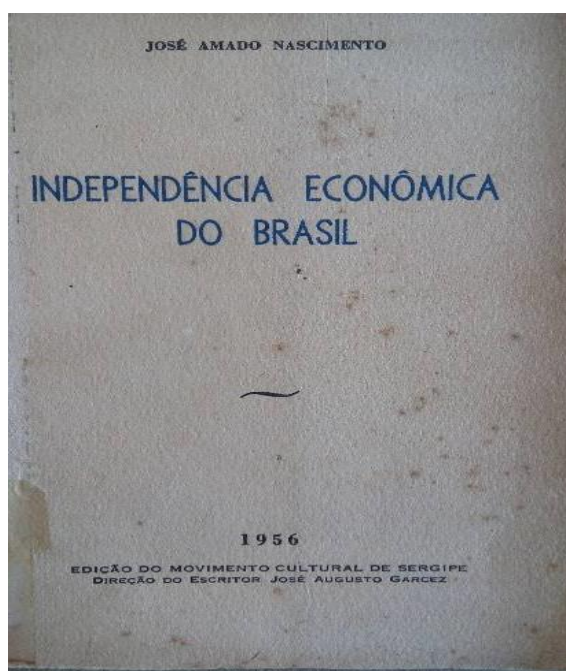
Fonte: Acervo do pesquisador.

IMAGEM G.2 - Obras completas do poeta José Sampaio



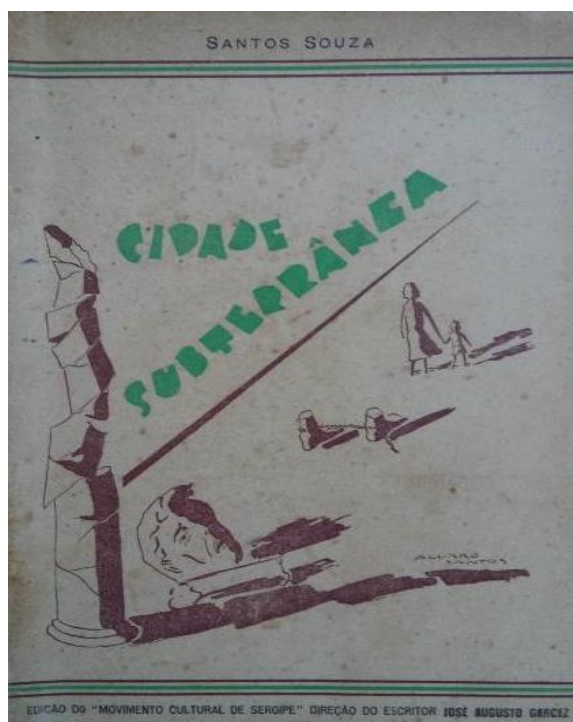
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

IMAGEM G.3 - Obra de José Amado Nascimento



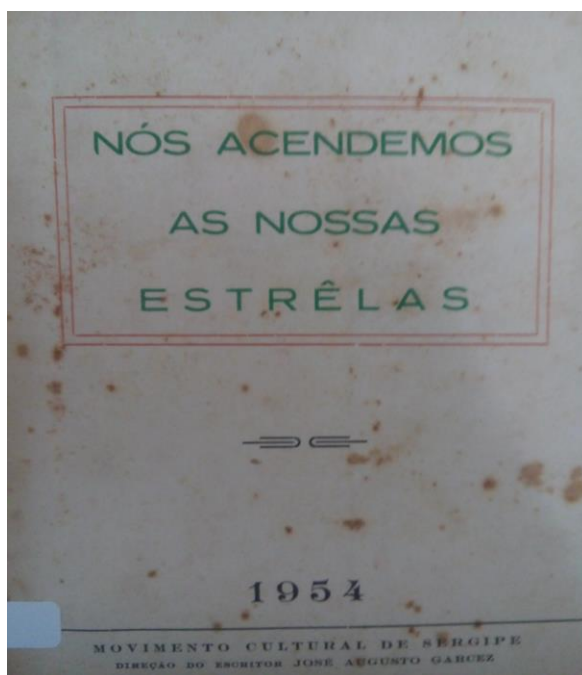
Fonte: Acervo particular do pesquisador

IMAGEM G.4 - Obra “Cidade subterrânea” de Santos Souza.



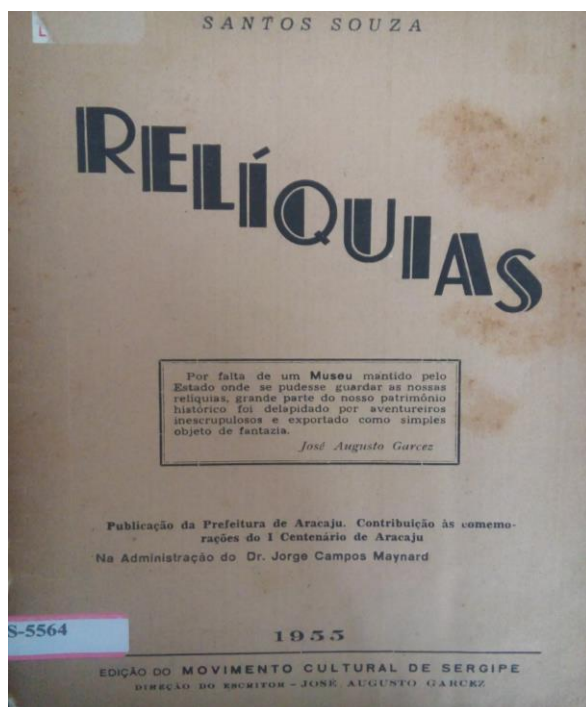
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

IMAGEM G.5 - Obra “Nós acendemos as nossas estrelas” de José Sampaio



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

IMAGEM G.6 - Obra “Relíquias” de Santos Souza



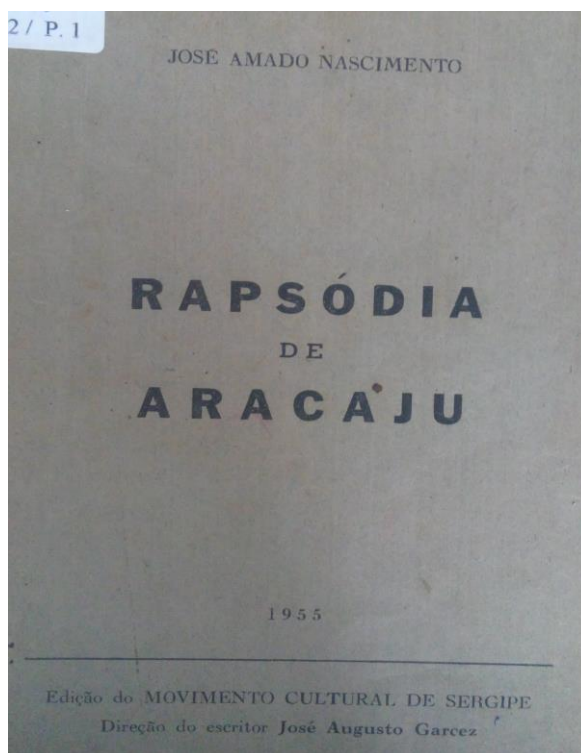
Fonte: Acervo do pesquisador.

IMAGEM G.7 - Obra “Caiçá” de Luiz de Aquino



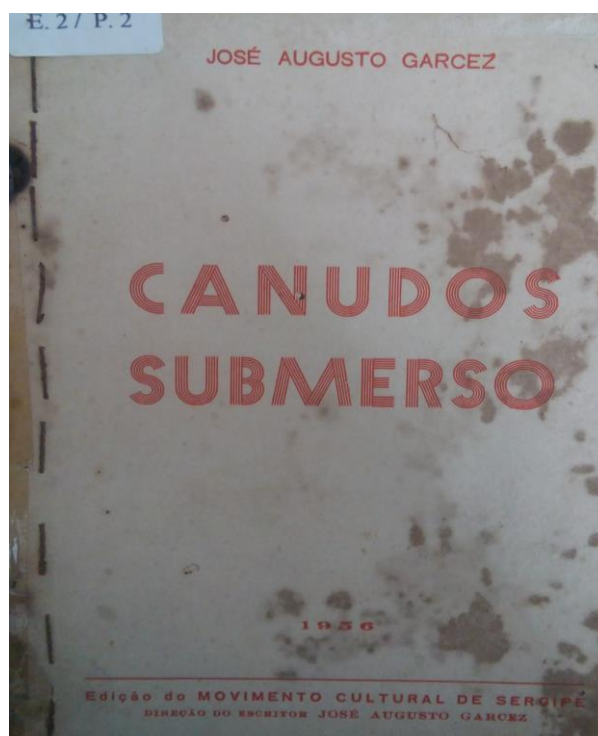
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

IMAGEM G.8 - Obra “Rapsódia de Aracaju” de José Amado Nascimento



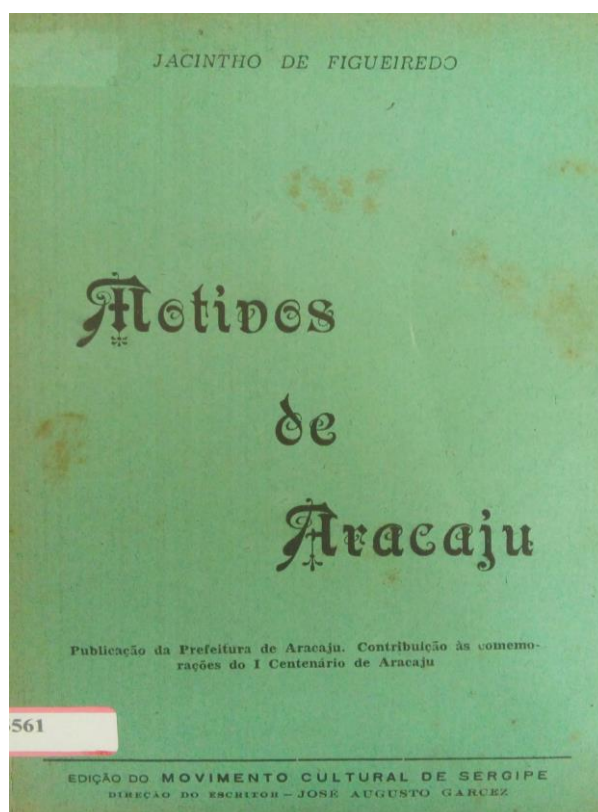
Fonte: Acervo do pesquisador.

IMAGEM G.9 - Obra “Canudos submerso” de José Augusto Garcez



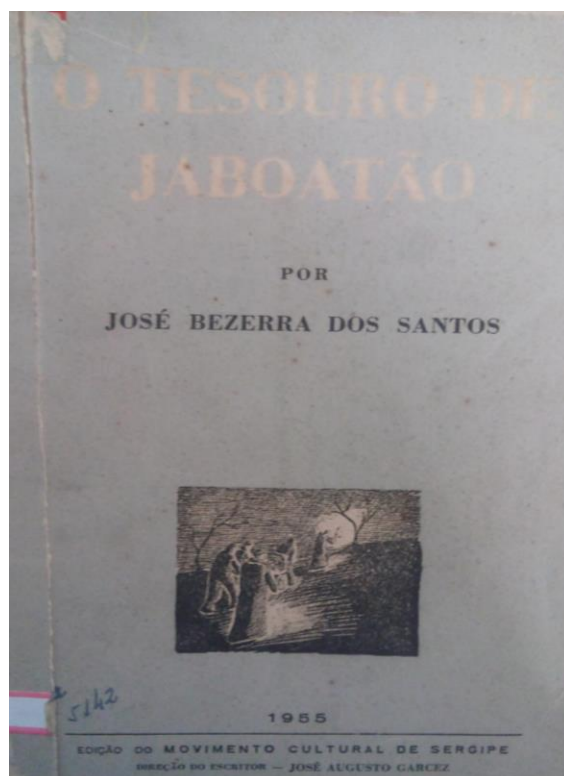
Fonte: Acervo do pesquisador.

IMAGEM G.10 - Obra “Motivos de Aracaju” de Jacintho de Figueiredo



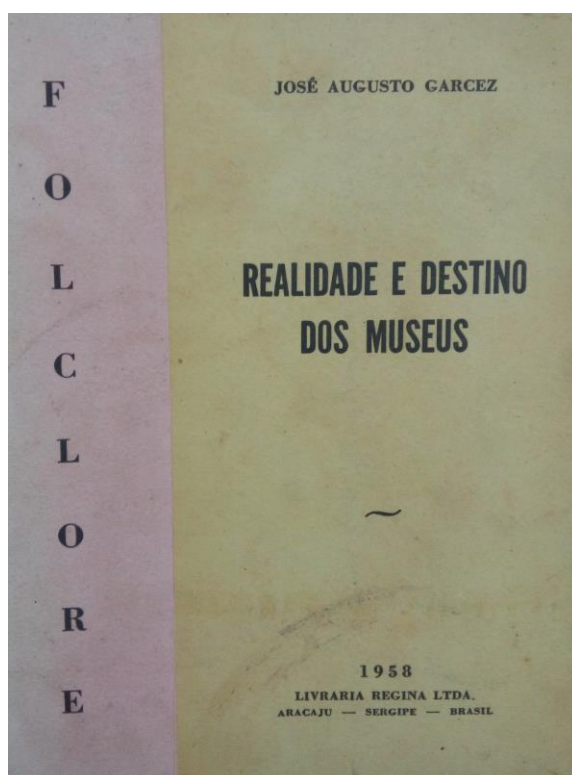
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

IMAGEM G.11 - Obra “O tesouro de Jaboatão” de José Bezerra dos Santos.



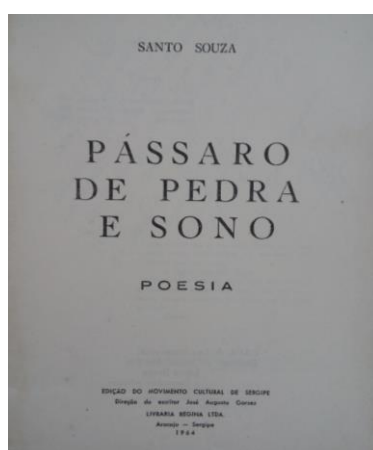
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

IMAGEM G.12 - Obra “Realidade e destino dos museus” de Garcez



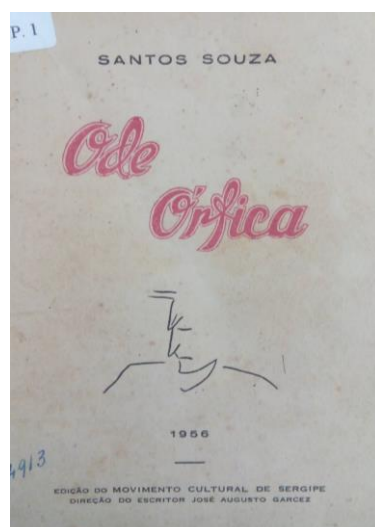
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

IMAGEM G.13 - Obra “Pássaro de pedra e sono de Santo Souza.



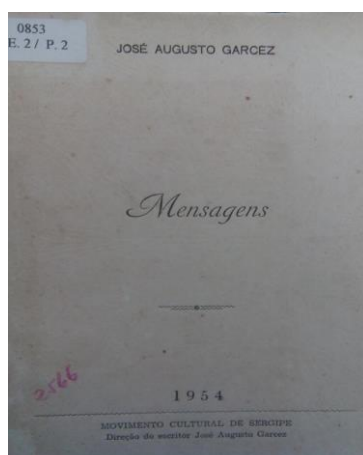
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

IMAGEM G.14 - Obra “Ode Órfica” de Santos Souza



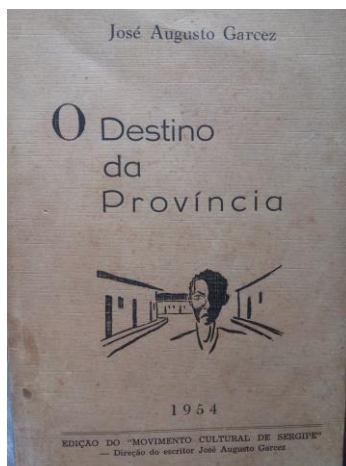
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

IMAGEM G.15 - Obra “Mensagens” de José Augusto Garcez



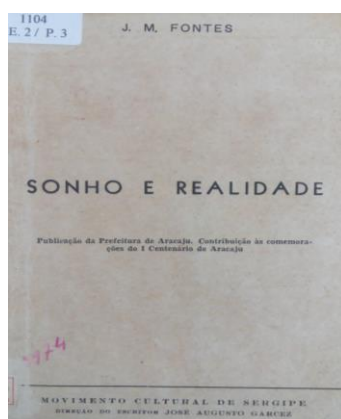
Fonte: Acervo particular do pesquisador

IMAGEM G.16 - Obra “O destino da província” de José Augusto Garcez



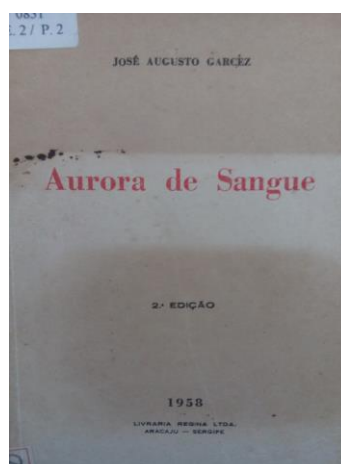
Fonte: Acervo particular do pesquisador.

IMAGEM G.17 - Obra “Sonho e realidade” de José Maria Fontes



Fonte: Acervo particular do pesquisador

IMAGEM G.18 - Obra “Aurora de sangue” de José Augusto Garcez



Fonte: Acervo particular do pesquisador